



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E
MEIO AMBIENTE\PRODEMA**



A MEMÓRIA REMA CONTRA A MARÉ: LEMBRANÇAS SOBRE A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL DA PRAIA DO ARACAJU

Aluno: Luis Eduardo Pina Lima

Orientador: Dr. Antônio Vital Menezes de Souza

**São Cristóvão – Sergipe
2013**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E
MEIO AMBIENTE



A MEMÓRIA REMA CONTRA A MARÉ: LEMBRANÇAS SOBRE A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL DA PRAIA DO ARACAJU

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) como requisito avaliativo para obtenção do grau de Mestre.

Aluno: Luis Eduardo Pina Lima

Orientador: Dr. Antônio Vital Menezes de Souza

São Cristóvão – Sergipe
2013

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

L732m Lima, Luis Eduardo Pina
A memória rema contra a maré : lembranças sobre a degradação ambiental da Praia do Aracaju / Luis Eduardo Pina Lima ; orientador Antônio Vital Menezes de Souza. – São Cristóvão, 2013.
147 f. : il.

Dissertação (mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, 2013.

1. Degradação ambiental. 2. Memórias geracionais. 3. Bairro Industrial (Aracaju, SE). I. Souza, Antônio Vital Menezes de, orient. II. Título.

CDU: 504.1/.9(813.7)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO E
MEIO AMBIENTE/PRODEMA



A MEMÓRIA REMA CONTRA A MARÉ: LEMBRANÇAS SOBRE A DEGRADAÇÃO AMBIENTAL DA PRAIA DO ARACAJU

Dissertação de mestrado defendida por Luis Eduardo Pina Lima no dia 20 dezembro de
2013, avaliada pela banca examinadora constituída pelos doutores:

Prof. Dr. Antônio Vital Menezes – Orientador – Presidente da Banca
Universidade Federal de Sergipe/DED

Prof.ª Dr.ª Maria José Nascimento Soares – 1ª Examinadora - Interna
Universidade Federal de Sergipe/PRODEMA

Prof. Dr. Genésio José dos Santos – 2º Examinador – Externo ao Programa
Universidade Federal de Sergipe/DGE

Dezembro-2013
São Cristóvão – Sergipe
Brasil

“Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”.

(Ecléa Bosi, 2000, p. 69)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

Capítulo 1- Revisão Bibliográfica

1.1 De praia do Aracaju a prainha do bairro Industrial: história sobre a degradação ambiental de um lugar20

1.2 Breve revisão sobre a história da prainha do bairro industrial.....24

Capítulo 2 – Metodologia

2.1 A oralidade como ferramenta para produção de narrativas40

Capítulo 3 – Referencial Teórico

3.1 A fenomenologia como o estudo dos atos possíveis da consciência humana....46

3.1.1 O método intuitivo de Edmund Husserl (1859-1938)46

3.1.2 A intuição segundo Henri Bergson (1859-1941)52

Capítulo 4 – Resultados e Discussão

4.1 Memórias como atos intencionais de consciência.....61

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....94

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....98

APÊNDICES.....101

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de Aracaju em 1855.....	27
Figura 2 – Vista área da cidade de Aracaju.....	28
Figura 3 - Fábrica Sergipe Industrial.....	35
Figura 4 - Fábrica Sergipe Industrial – 1884	35
Figura 5 - Vista aérea da Fábrica Confiança	36
Figura 6 - Praia do Tecido.....	38
Figura 7 – A filha mais velha da depoente 1.....	67
Figura 8 – Os dois filhos da depoente 1.....	67
Figura 9 – “Visão Parcial do Bairro Santo Antônio”	69
Figura 10 – “Aracaju em Dia de Procissão de Bom Jesus dos Navegantes”	72
Figura 11 – Praia do Bairro Industrial, década de 1980	80
Figura 12 – “Bairro Industrial”, de Jordão de Oliveira (Óleo sobre tela)	81
Figura 13 – Construção da ponte da Avenida João Rodrigues	82
Figura 14 - Construção da ponte da Avenida João Rodrigues (2)	83
Figura 15 - Construção da ponte da Avenida João Rodrigues (3)	83

RESUMO

A presente pesquisa tem por objeto a construção das memórias de pessoas que habitam nas proximidades da orla do bairro Industrial, na cidade de Aracaju, relacionadas à maneira pela qual elas percebem e atribuem significado à degradação ambiental da prainha existente no local. Trabalha-se com a hipótese básica de que a memória *re-faz* a experiência vivida em relação ao meio ambiente habitado (Bergson, 2006). Para tanto, estabeleceu-se que o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar como as referidas memórias se *re-fazem* através dos relatos orais coletados com base na fenomenologia e por meio da metodologia da história oral temática. Trata-se de uma investigação exploratória, de caráter interdisciplinar, que conta com uma amostragem intencional de 10 sujeitos maiores de 60 anos, que vivem a mais de 30 anos no referido local. Percebeu-se que os sujeitos envolvidos nesta pesquisa reconstruíram suas vivências com relação à degradação ambiental da prainha do bairro Industrial, tendo por base a resistência de suas memórias.

PALAVRAS-CHAVES: Bairro Industrial, Degradação Ambiental, Memória.

ABSTRACT

The present research has for object the construction of memories of people living near the edge of the Industrial neighborhood, in the city of Aracaju, related to the way in which they perceive and ascribe meaning to the environmental degradation of the existing on-site small beach. Working with the basic assumption that memory re-making experience in relation to the environment inhabited (Bergson, 2006). For both, it was established that the general objective of this research is to analyze how those memories re-makes through the oral accounts collected based on phenomenology and through thematic oral history methodology. This is an exploratory research, interdisciplinary character, with an intentional sampling of 10 subjects over the age of 60 years, who live more than 30 years in that place. It was noticed that the subjects involved in this research they rebuilt their experiences regarding environmental degradation of Industrial neighborhood's small beach, based on the strength of his memoirs.

KEYWORDS: Industrial Neighborhood, Environmental Degradation, Memory.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objeto o processo de construção de memórias sobre a degradação ambiental da prainha do bairro Industrial, na cidade de Aracaju. Neste sentido, a principal motivação para realizá-la foi o desejo de compreender como seres humanos vivenciam, em suas histórias, a degradação ambiental do lugar onde moram.

Compreende-se que a atualização dessas lembranças reconstrói a difícil encruzilhada existencial entre as experiências do passado e a percepção atual. Nesse sentido, pode-se compreender que a construção de memórias é fruto de uma vivência puramente humana. São lembranças que temos de pessoas, espaços, coisas, fatos, relações ou situações que, por alguma razão ficaram gravadas em nossas mentes (LE GOFF, 1996).

Chauí (*apud* BOSI, 1979, p. 20) no prefácio de *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*, afirmou que: “... lembrar não é reviver, mas re-fazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outro; é sentimento, reparação do feito e do ido, não sua mera repetição.”

De certo modo a referida autora nos remete a Bergson (2006), quando sustentou sua argumentação sobre a memória, baseando-se na premissa que:

Em se tratando da lembrança, o corpo conserva hábitos motores capazes de desempenhar de novo o passado; pode retomar atitudes em que o passado irá se inserir; ou ainda, pela repetição de certos fenômenos cerebrais que prolongaram antigas percepções, irá fornecer à lembrança um ponto de ligação com o atual, um meio de reconquistar na realidade presente uma influência perdida. (BERGSON, *op. cit.*, p.263),

Tal constatação nos levou a enfrentar uma questão de cunho essencialmente metodológico: Como poderíamos registrar essas memórias? A história oral talvez seja uma possível resposta, visto que a referida metodologia apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, ocorridos em um passado muito remoto, isto é, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possam entrevistar pessoas que dele participaram como atores ou como testemunhas. Percebe-se, portanto, que a

história oral fundamenta-se na produção de um discurso e na retomada histórica da memória; ou seja, o depoimento oral produz um texto que deve ser lido dentro da ordem significativa do seu produtor.

Diante do exposto, levantou-se a seguinte questão de pesquisa: Quais são as memórias que algumas pessoas *re-fazem* com relação à degradação ambiental da prainha do bairro Industrial, na cidade de Aracaju?

Para tanto, projetou-se, como objetivo geral desta pesquisa, analisar como se *re-fazem* as memórias de algumas pessoas sobre suas vivências com relação à degradação ambiental da prainha do bairro Industrial, na cidade de Aracaju

Buscando-se viabilizar a compreensão de tal processo, estabeleceram-se como objetivos específicos as seguintes metas: 1º) Identificar aspectos das memórias priorizadas pelos participantes; 2º) Relacionar tais depoimentos com a situação de degradação ambiental do referido local e 3º) Relacionar a historiografia produzida sobre a evolução urbana da cidade de Aracaju, com aspectos da problemática da degradação ambiental percebida nos depoimentos orais coletados.

Diante do exposto, percebeu-se que nos últimos anos a problemática envolvendo a relação interdisciplinar entre meio ambiente e história tem sido objeto de várias pesquisas acadêmicas. Destacam-se nesta intersecção artigos como o de Ecléa Bosi (2003), no qual a autora coletou, por meio de fotos e depoimentos, as memórias sobre a cidade de São Paulo.

Acrescenta-se a esta justificativa acadêmica o artigo de Carvalho e Tozoni-Reis (2003), no qual as autoras realizaram, utilizando a metodologia da pesquisa-ação-participativa, o levantamento da memória dos habitantes de um bairro popular chamado Cohab, da cidade de Botucatu, no estado de São Paulo. O objetivo da referida investigação foi identificar como se deu o processo de ocupação de uma região urbana onde antes existia um ambiente de cerrado.

Outra contribuição significativa para esta pesquisa foi o artigo intitulado Sento-Sé e a construção da barragem do Sobradinho: a herança de uma população e o poder de uma família, de Ana Catarina Braga (2007); no qual a autora refletiu sobre as memórias de uma população ribeirinha do São Francisco, chamada Sento-Sé (terra dos carnaubais),

que, na década de 70, foi expulsa de suas terras e perdeu todo seu patrimônio material e natural, por causa do avanço das águas represadas pela construção da referida barragem.

Destaca-se, ainda, no desenvolvimento desse tema, o artigo intitulado Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental, de Sandra C. A. Pelegrini (2006), que refletiu sobre as práticas preservacionistas adotadas na América Latina e da sua importância para a construção da cidadania e do desenvolvimento sustentável na região.

Podemos destacar também, outras pesquisas que, mesmo não tendo a construção de memórias como objeto de investigação, foram de suma relevância para compreensão da relação existente entre os sujeitos pesquisados e o meio ambiente que eles habitam.

Neste sentido, enfatiza-se o texto de Alves e Garcia (2006), intitulada O rio Sergipe no entorno de Aracaju: qualidade da água e poluição orgânica, que contribuiu sobremaneira para que tivéssemos um conhecimento mais técnico e aprofundado com relação ao contexto de degradação ambiental do estuário fluvial no qual se encontra a prainha do bairro Industrial.

Outro trabalho bastante significativo foi Pescando Pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica, de José Geraldo W. Marques (2001), do qual compartilhamos a experiência de que mesmo com a “insistência em uma metodologia cientificamente enquadrada”, temos que nos permitir ousar, e, portanto, cometer algumas pequenas “transgressões responsáveis”, como misturar fenomenologia e iconografia; quem sabe buscando um sentido material para concretização das memórias reveladas; ou talvez, simplesmente atendendo à força imagética dos discursos ou, quem sabe?, a uma necessidade de “condensação psíquica” do próprio pesquisador.” O certo é que coadunamos com seguinte constatação experimentada pelo autor supracitado:

[...] a escuta atenta do qual falava a experiência de campo e das discussões [...] sobre o que isto significa, foi muito importante. Fundamentalmente, também, foi a efetiva integração da população [...] em diversas fases da pesquisa, sem o que as zonas de penumbra teriam remanescido bem mais amplas. (MARQUES, *op. cit.*, p. 13)

De igual valor foi o encontro com a leitura do livro Manguezais aracajuanos: convivendo com a devastação, de Almeida (2010); que nos deu uma verdadeira aula de como se faz História ambiental com H maiúsculo; pois ao diagnosticar a situação do tempo presente sobre a devastação e extinção parcial dos manguezais aracajuanos; a

autora nos levou a entender como os habitantes desta cidade, através do tempo, foram afetados e afetaram o referido ecossistema com aterramentos e construções, que atendiam ao suposto “mito do progresso a qualquer custo”. Neste sentido, como nos ensinou Leff (2005):

A história ambiental permite ver a complexidade ambiental na história passada, e mobiliza uma ação prospectiva para a construção de uma racionalidade ambiental; é um saber que estabelece o vínculo entre um passado eco-destruidor e um futuro sustentável. A história ambiental é uma hermenêutica epistemológica que se constrói e se faz visível a partir da definição de um conceito que abre a visão sobre o que até então era invisível, impensável. (LEFF, *op. cit.*, p.13-29)

Por fim, faz-se necessário destacar, o importante artigo de Paulo Henrique Martinez (2004), no qual o autor relatou experiências e traçou as principais estratégias institucionais desenvolvidas no biênio 2002-2003, no Laboratório de História e Meio Ambiente localizado no campus de Assis, da Universidade do Estado de São Paulo (Unesp), que se dedica a empreender ações voltadas para a formação continuada de historiadores, cujo enfoque principal é a elaboração de materiais didáticos, nos quais as questões ambientais estejam presentes no conhecimento histórico escolar.

Tendo por base pensamento supracitado, enfatiza-se que esta revisão teve a intenção de apresentar um breve panorama sobre estado da arte envolvendo a transversalidade existente entre os estudos históricos e ambientais.

Procedimentos metodológicos

A. Delimitação e caracterização da área de estudo

Utilizou-se a metodologia da história oral para coletar depoimentos temáticos sobre as memórias de como era o meio ambiente da prainha, no qual se viveu e se vive em coabitação com um processo avançado de degradação ambiental, posto em prática pelo crescimento urbano da cidade de Aracaju.

Trata-se de um estudo exploratório que compreende uma amostragem de 10 sujeitos, com mais de 60 anos, que vivem há mais de 30 anos nas imediações da prainha do bairro Industrial. Dessa forma, procurou-se levar em consideração na escolha dos

depoentes, além da idade, o tempo em que vivem no local sobre o qual versa esta pesquisa.

A prainha do bairro Industrial é uma das praias fluviais do estuário do rio Sergipe; o rio que passa entre Aracaju e a Barra dos Coqueiros. Como faz parte de um estuário, a referida praia recebe uma grande quantidade de água salgada proveniente do Oceano Atlântico. Assim sendo, podemos afirmar que, como dizem no senso comum, suas águas são ‘salobras’.

De acordo com Rocha (2006), a bacia hidrográfica do rio Sergipe banha 16,7% do Estado, o que corresponde a uma área total de 3.673 Km², a prainha do bairro Industrial ocupa aproximadamente 2 km do total dessa área, compreendendo-se que o referido rio percorre 210 Km, desde a Serra Negra, local da sua nascente no Sertão, em Nossa Senhora da Glória, até desembocar no Oceano Atlântico.

No seu estuário, especificamente na costa oeste que banha a cidade de Aracaju, destacam-se importantes áreas de manguezais entrecortados por vestígios de mata tropical. Nesta parte da bacia do rio Sergipe, encontramos algumas áreas de proteção ambiental, dentre as quais se destacam a área de Mata Atlântica do Morro do Urubu (APP) e o Parque Ecológico Municipal do Tramandai, composto de manguezais, localizado mais ao sul da capital sergipana. Sobre a prainha do bairro Industrial não recai qualquer tipo de proteção ambiental. Ao contrário, a referida área recebe uma grande quantidade de detritos provenientes tanto do esgotamento sanitário e do lixo das cidades que a antecedem, localizadas na bacia do rio Sergipe, quanto os resíduos provenientes das indústrias que poluem suas águas.

A bacia do Rio Sergipe é a que possui maior percentual de estabelecimentos industriais cadastrados do estado. Existem indústrias gráficas, de alumínio, de mármore e granitos, de ladrilhos, de artefatos de cimento, de artefatos de metal, de móveis e artefatos de madeira, têxtil, agroindústria, de fertilizantes, de alimentos, de artefatos de gesso, químicos e farmacêuticos, de plásticos, de laticínios, de confecção, de colchões, de bebidas, de sabão, de velas, de cerâmica, de construções de navios, frigoríficos, oficinas e metalúrgicas. A quantidade total de estabelecimentos industriais cadastrados nos municípios da bacia do rio Sergipe é de 777, o que corresponde a 47% do total do Estado. Os municípios que registram a maior concentração de estabelecimentos industriais são Nossa Senhora do Socorro (85), Itabaiana (122) e Aracaju (479). (ROCHA. *op. cit.*, p.35)

Tais resíduos atingem diretamente a qualidade ambiental desta área que, por suas características próprias, já se constitui num habitat complexo; constantemente abalado pelas forças das marés e a salinidade do oceano, devido à proximidade com o mar; o nível elevado de turbidez da água, fruto do sedimento lamoso e não consolidado do seu fundo e da grande quantidade de detritos orgânicos, provenientes da vegetação costeira em decomposição, que escoam para suas águas.

Não obstante tamanha complexidade ambiental, os estuários, quando se encontram em equilíbrio, constituem-se em áreas bastante propícias para o desenvolvimento de muitas espécies marinhas (camarões, caranguejos, ostras e diversas espécies de peixes); o que atrai uma grande quantidade de pessoas para viver no seu entorno, aumentando consideravelmente o nível populacional de suas costas; que, para tal fim, desmatam as florestas tropicais e aterram os manguezais.

Como se tudo isso não bastasse, o aumento populacional também resulta em graves consequências de natureza sanitária. Segundo Araújo (2006) a questão do esgotamento sanitário representa um dos maiores problemas do estuário do rio Sergipe. Recorremos a suas palavras para traçar a triste pincelada que complementa o quadro da degradação dessa região de estuário e manguezais:

Se a cobertura do serviço de esgotamento sanitário é reduzida e o tratamento do esgoto coletado não é abrangente, o destino final do esgoto sanitário contribui ainda mais para um quadro precário deste serviço. Os rios e estuários são os principais receptores de todo esse material, na maioria das vezes *in natura*, ou tratado de maneira inadequada. [...] A introdução direta ou indireta de substâncias pelo homem pode atingir níveis de elevada concentração, causando a contaminação das águas estuarinas com efeitos nocivos para os recursos vivos, perigo para a saúde humana, obstáculos para as atividades marinhas de pesca, deterioração da água e redução dos seus atrativos naturais. [...] Além dos problemas de saúde pública, a introdução de grande quantidade de matéria orgânica no ambiente, resulta em crescimento exagerado de algas e a decomposição bacteriana do material vegetal morto, pode resultar numa depleção do oxigênio dissolvido na água. A acumulação da matéria orgânica e a redução do oxigênio na água têm um forte impacto sobre a flora e a fauna e, em níveis baixos de oxigênio, muitos organismos podem ser excluídos. (ARAÚJO, *op. cit.*, p.70)

Agregam-se a este quadro, em consequência desta complexa situação sanitária, as alterações bioquímicas que prejudicam sobremaneira a qualidade do ambiente aquático, principalmente no que diz respeito à alta concentração de substâncias orgânicas e inorgânicas na água, que influencia tanto na quantidade de oxigênio quanto propicia a proliferação de algas tóxicas. Tais ocorrências encontram-se relacionadas, principalmente, aos processos de hipóxia e eutrofização do referido ecossistema.

A hipóxia compreende a deficiência de oxigênio dissolvido na água, tipicamente nas águas de fundo, podendo causar estresse fisiológico e ocasionalmente a morte dos organismos aquáticos. Em condições mais extremas pode ocorrer a ausência total do oxigênio na água (anoxia). Frequentemente, a hipóxia é indicativa de um estresse ambiental resultante do excesso de matéria orgânica em decomposição nas águas de fundo. Desse modo, a hipóxia e anoxia são indicadores chaves da saúde do ecossistema aquático. [...] A eutrofização é definida como o aumento na velocidade de suprimento de matéria orgânica para o ecossistema. Em ambientes costeiros, a causa mais importante da eutrofização tem sido o aporte excessivo de nutrientes, particularmente de nitrogênio. [...] A perda do oxigênio pode causar a morte de peixes e leva à degradação do habitat, dos peixes e outros organismos comerciais e ecologicamente importantes. O *bloom* de algas degrada o valor estético do ambiente com perda para as atividades de lazer, esporte e turismo. (ALVES e GARCIA. *op. cit.*, p.89)

Este breve panorama sobre a área estuarina na qual se encontra inserida a prainha do bairro Industrial, demonstra, em parte, o alto grau de degradação ambiental no qual se encontra envolvida a população que reside na sua margem; vivendo em contato direto com o rio e seu entorno, desenvolvendo a pesca e utilizando suas águas como forma de locomoção e lazer.

Dado os fatos, resta-nos compreender como parte dessa população reconstrói suas memórias sobre a percepção deste quadro degradatório, ao tempo em que atribuem sentido a mais uma, dentre tantas situações, de suicídio ecológico.

B. Métodos e técnicas.

Neste sentido, destacamos que a primeira etapa da metodologia aplicada neste estudo referiu-se à realização de uma pesquisa bibliográfica envolvendo a produção

historiográfica sobre a cidade de Aracaju. Foram pesquisadas somente fontes secundárias, ou seja, livros ou dissertações produzidas sobre a evolução urbana da referida cidade, excluindo-se, portanto, a pesquisa em documentos primários. Essa etapa da pesquisa foi realizada no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS), e no setor de obras sergipanas da Biblioteca Pública Epifânio Dória e da Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe. Também foram encontradas imagens no Arquivo Público Municipal, que os ajudaram a perceber as modificações ocorridas na paisagem da prainha. O objetivo desta primeira etapa da pesquisa foi analisar como diferentes historiadores relataram o desenvolvimento urbano da cidade de Aracaju e como esse processo foi registrado iconograficamente, tendo em vista a realização de uma primeira aproximação ao campo de estudo.

Posteriormente, num segundo momento, utilizou-se como instrumento para coleta dos dados o caderno de campo e um gravador, no quais anotamos e gravamos as observações sobre a relação cotidiana dos sujeitos com a degradação ambiental do referido local. Por meio desses instrumentos, registramos, também, nossa experiência de inserção no campo. (Ver roteiro de observação em anexo)

O resultado desse trabalho concretizou-se na reprodução das transcrições que serviram de base para este relatório de pesquisa, através das quais analisamos as interlocuções que mantivemos com os sujeitos que prestaram seus depoimentos. (Ver roteiro preliminar de entrevista e transcrições em anexo)

Os depoimentos foram transcritos e impressos, de maneira que os depoentes pudessem lê-los, datá-los e assiná-los, para que tivessem valor de fonte documental. Igualmente solicitamos aos depoentes a assinatura do termo de livre consentimento e esclarecimento; bem como da seção dos direitos de imagens, quando fosse necessário.

Quando o depoente não sabia ler ou se encontrava impossibilitado, o próprio pesquisador leu a transcrição e, em seguida, solicitou a impressão da digital do sujeito ao texto produzido. Destaca-se que quando o depoente não concordou com algo que foi transcrito, o referido extrato foi devidamente suprimido e não pôde ser utilizado como fonte para esta pesquisa.

Deve-se frisar que, além dos relatos coletados oralmente, utilizou-se também produções iconográficas (fotos, pinturas ou desenhos) registradas pelo pesquisador ou

disponibilizadas por outros sujeitos, com o objetivo de registrar a degradação ambiental da área pesquisada e estabelecer uma melhor triangulação entre as fontes.

Os dados coletados através dos depoimentos foram analisados com base na categoria fenomenológica da intuição (eidética ou de duração), visando à busca das essências (*eidós*) subjetivas, provenientes das experiências de viver a degradação ambiental do lugar no qual se habita há muito tempo (HUSSERL, 1989 e 2006 e BERGSON, 2006).

Para tanto, foram efetuados os seguintes passos: 1º) Suspendeu-se momentaneamente todo tipo de hipótese ou conhecimento prévio (redução fenomenológica – HUSSERL, *op. cit.*), 2º) Suspendeu-se, ainda, todo tipo de tradição ou argumentos de autoridade, 3º) Descreveu-se o fenômeno segundo a percepção (BERGSON, 2006) direta do depoente e 4º) Intencionou-se (HUSSERL, *op. cit.*) a compreensão do objeto em sua totalidade e fluidez, e não em partes (duração – BERGSON, 2006).

Por fim, justifica-se a utilização do método fenomenológica, nesta parte específica da pesquisa, como forma de entendimento direto do fenômeno de constituição da memória dos depoentes, visto que não se pode encarar a metodologia da história oral como um mero instrumento utilizado para acumular fatos do mundo existencial, mas como uma maneira de compreendê-los; tendo em vista que o encontro com a memória de outro ser, confronta o pesquisador com a essência da existência particular do depoente (consciência) e não com a objetividade do dado bruto.

Para tanto, é necessário irmos ao sujeito que percebe a degradação ambiental do seu lugar e perguntarmos o que faz sentido para ele; sendo este o único parâmetro possível e aceitável para interpretação dos dados provenientes dos depoimentos coletados.

CAPÍTULO 1

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 De praia do Aracaju a prainha do bairro Industrial: história sobre a degradação ambiental de um lugar

Neste trabalho entende-se por meio ambiente como a totalidade daquilo que cerca a existência do ser humano, compreendendo a terra, o ar, a água e o fogo; a fauna e a flora, e o espaço histórico e geográfico natural ou construído. Nesse sentido, ambiente é o conjunto de todos os meios ambientes de todas as espécies, inclusive da humana. Vejamos como Flogliatti (2004) sintetiza este conceito:

Considera-se Meio Ambiente o conjunto de elementos constituído pelas águas interiores ou costeiras, superficiais ou subterrâneas, subsolo, ar, flora, fauna e comunidades humanas e os seus inter-relacionamentos. Assim, ele pode ser pensado como a união de três subconjuntos: o Meio Físico composto pelas águas, o solo e o ar, o Meio Biótico composto pela flora e fauna e o Meio Antrópico composto pelos seres humanos e seus relacionamentos entre si e com os demais elementos. O Meio Ambiente também pode ser dividido em Meio Ambiente Natural, onde estão incluídos a Biosfera e o Homem, e Meio Ambiente Social englobando os Relacionamentos Sociais (Infra-estrutura, Sistema Social, Sistema Industrial, etc.)” (FLOGLIATTI, *op. cit.*, p.6, grifo do autor)

Neste sentido, compreende-se que qualquer alteração no meio ambiente natural também vai alterar a vida das comunidades humanas que ali vivem. Contudo, se referida alteração envolver a introdução de resíduos poluentes de qualquer natureza, é possível que os prejuízos para a manutenção do equilíbrio do meio em questão sejam inevitáveis. Quando isso ocorre, configura-se uma condição de impacto ambiental.

Sánchez (2008) entende impacto ambiental como qualquer alteração positiva ou negativa causada pelas atividades, serviços e/ou produtos de uma atividade natural (catástrofes em geral) ou antrópica (introdução de substâncias causadas pelo ser humano). Ao acrescentar, por exemplo, um produto que elimine os parasitas de um determinado reservatório de água, o homem estará causando um impacto ambiental positivo. Da mesma forma, quando uma pequena enchente prenuncia que determinado grupo de pessoas vivem numa área de risco, também haverá um impacto positivo.

Assim sendo, configura-se situação de impacto ambiental toda vez que há alterações causadas por ações humanas nas condições naturais do meio ambiente, sejam elas de origem física, química ou biológica; tendo como conseqüências a causa de prejuízos que atingem tanto aos recursos ambientais quanto à qualidade de vida dos organismos que nele habitam. Quando o impacto altera o meio natural, diz-se ter havido impacto físico ou biológico, quando atinge as comunidades humanas, afirma-se ter havido um impacto de características socioeconômicas.

Como exemplo de tipos de impactos ambientais, Flogliatti (*op. cit.*, p.9-10) cita: Poluição do ar, provocado pela emissão de substâncias químicas e outros elementos que causam dano à saúde; ruído, que provocam perturbações fisiológicas e até surdez; intrusão visual causada por grandes construções, tapumes ou propagandas; uso especulativo do solo causado por movimentos migratórios e pela ciranda imobiliária; alterações climáticas causadas pela destruição de biomas naturais que modificam os ciclos biológicos dos seres vivos; mudanças no solo causadas por catástrofes naturais ou pelo desmatamento; contaminação das águas (superficiais e subterrâneas); impacto sobre a biota, restringindo ou extinguindo a circulação de animais (no caso da prainha, de peixes e crustáceos) e, finalmente, segregação migratória de comunidades biológicas que se restringem a viver em áreas onde seja possível a manutenção da vida.

Quando a condição de impacto ambiental apresentam conotações negativas e podem ser medidas através de grandezas físicas ou físico-químicas, das quais se torna possível abstrair valores de referências (padrões ambientais), que estabeleçam o limite de dano aos seres vivos e seu entorno; então se configura uma situação de poluição ambiental. Flogliatti (*op. cit.*, p. 12) sintetizou o referido conceito, nos seguintes termos:

[...] a presença, o lançamento ou a liberação nas águas, no ar ou no solo, de toda e qualquer matéria ou energia, com intensidade, qualidade, concentração ou com características em desacordo com os padrões de emissão e padrões de qualidade ou que tornem ou possam tornar as águas, o ar ou o solo: impróprios, nocivos ou ofensivos à saúde; inconveniente ao bem-estar público; nocivos aos materiais, à fauna e à flora e prejudiciais à segurança, ao gozo da propriedade e às atividades normais da comunidade. (FLOGLIATTI, *id. Ib.*)

Compreende-se, contudo, que existem processos que causam alterações no meio ambiente e que, nem por isso, encontram-se associados à emissão de poluentes; como nos casos de alteração das paisagens.

A edificação da ponte Construtor João Alves, que liga a prainha do bairro Industrial à ilha de Santa Luzia (Barra dos Coqueiros), pode ser considerado um bom exemplo deste tipo de situação. Diante de fatos como estes, justifica-se a paulatina mudança, na legislação ambiental brasileira, do conceito de poluição pelo de impacto. Sánches (2008) pontua com precisão esta diferença, apresentando a seguinte argumentação:

Impacto ambiental é um conceito mais amplo e substancialmente distinto de poluição. Enquanto poluição tem somente uma conotação negativa, impacto ambiental pode ser benéfico ou adverso (positivo ou negativo). [...] A poluição é uma das causas de impacto ambiental, mas os impactos podem ser ocasionados por outras ações além do ato de poluir. Toda poluição (ou seja, emissão de matéria ou energia além da capacidade assimilativa do meio) causa impacto ambiental, mas nem todo impacto ambiental tem a poluição como causa. (SÁNCHEZ, *op. cit.*, p.29)

Contudo, faz-se necessário pontuar que a edificação da supracitada ponte constitui-se como resultado de uma ação humana que produziu consequências que causaram um determinado tipo de impacto ambiental na prainha. Em si mesma ela não é nada mais que uma grande construção. Contudo, a sua existência como meio ambiente construído causou consequências, positivas e negativas, que atingiram o meio ambiente natural e social. Assim sendo, como bem nos advertiu Sánches (*Idem*, p. 32), “[...] não devemos confundir causa com consequência [...]”. De tal modo, a ponte não é um impacto ambiental, mas causa impactos ambientais.

No entanto, a possibilidade de se mensurar os impactos ambientais negativos e suas consequências, atuais ou futuras, para o meio ambiente; abre também o campo para que sejam realizados estudos de avaliação de dano ou de impacto ambiental. A diferença entre os citados tipos de abordagem reside na possibilidade de se estabelecer uma comparação entre duas situações: na primeira “[...] faz-se uma comparação entre a situação atual do ambiente e aquela que se supõe ter existido em algum momento do

passado [...]”; na segunda, “[...] parte-se da descrição da situação atual para fazer uma projeção de uma possível situação futura [...]”. Torna-se evidente, portanto, que em qualquer dessas avaliações há de se “[...] descrever as condições ambientais existentes em determinada área no momento presente [...]”; constituindo-se o que se convencionou chamar de diagnóstico ambiental. (SÁNCHEZ, *op. cit.*, p.40)

Quando o diagnóstico ambiental indica que determinado meio ambiente sofreu modificações que desestruturam o seu equilíbrio, alterando o estado favorável para a existência da vida para uma situação desfavorável ou adversa para a continuidade da mesma; então podemos falar de degradação ambiental.

Miller (2008, p. G7) entende degradação ambiental como “[...] a redução ou destruição de um recurso potencialmente renovável, como solo, água, campos, florestas ou formas de vidas selvagens, utilizado mais rapidamente do que é repostado pela natureza. Se tal uso continua, o recurso torna-se não renovável.”

Sánchez (*op. cit.*, p. 27) sintetiza melhor o conceito de degradação ambiental, da seguinte forma: “[...] qualquer alteração adversa dos processos, funções ou componentes ambientais, ou como uma alteração da qualidade ambiental.” Nesse caso, compreende-se o referido termo tanto como um impacto ambiental positivo quanto negativo.

No entanto, os diagnósticos de degradação ambiental são expressos em medidas, assim como a poluição, os quais apontam indicadores que se manifestam a partir de certos patamares e grandezas objetivas, que mensuram o nível de qualidade ambiental de determinado local; assim como os economistas e os demógrafos tentam fazer com o estabelecimento do nível de qualidade de vida ou de desenvolvimento humano. Nesse sentido, a degradação ambiental, como é entendida nesta pesquisa, constitui-se na perda ou deterioração da qualidade ambiental do meio ambiente da prainha do bairro Industrial.

Contudo, torna-se necessário lembrar que, para o cientista social, os dados provenientes de tais descrições objetivas devem ser validados, como diz Sachs (2002, p. 56), e “[...] apreendidos no plano de sua percepção pelos diferentes atores sociais.” Exatamente nessa questão reside a importância desse trabalho: defender que as memórias subjetivas sobre a degradação de determinado lugar, constituem-se num importante e indispensável “indicador de degradação ambiental” que deve constar em

todo e qualquer estudo de avaliação de dano ou impacto ambiental sobre determinada área; levando-se em consideração que a memória constitui-se numa construção elaborada no aqui e agora da existência de qualquer ser humano; nesse sentido ela não será nunca passado, mas presente que enche de significado o tempo de outrora.

Assim sendo, como já falamos anteriormente, é a busca das essências das memórias sobre a degradação ambiental da prainha do bairro Industrial, construída através dos depoimentos prestados pelos sujeitos desta pesquisa, que constituem o objeto central desta investigação. Para tanto, foram coletados depoimentos através da metodologia da história oral, com o objetivo de compreender o significado desse fenômeno através da atribuição de sentidos elaborada pelos próprios depoentes.

No entanto, para que melhor se explicito o contexto estudado, faz-se *mister* conhecer um pouco da história do lugar onde dito fenômeno ocorre. Nesse sentido, esboçou-se uma breve revisão historiográfica sobre as produções que fazem referência à prainha do bairro Industrial. Trata-se da primeira etapa da metodologia enunciada para esta investigação, correspondente ao terceiro objetivo específico levantado no projeto; ou seja, o primeiro passo dado em direção à compreensão do campo habitado pelos sujeitos desta pesquisa.

1.2. Breve revisão sobre a história da prainha do bairro industrial

Le Goff (1996) considera os historiadores como interpretes das opiniões coletivas, visto que, segundo ele, uma das principais funções do campo histórico é saber distinguir “as ideias pessoais das mentalidades.” (LE GOFF, *op. cit.*, p.48)

Para o referido autor, o saber histórico encontra-se na própria história. Neste sentido, para explicitar melhor esta premissa, assim escreveu Le Goff:

Toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é aprendido no presente e responde, portanto, aos seus interesses, o que não é só inevitável, como legítimo. Pois que a história é duração, o passado é ao mesmo tempo passado e presente. (Le Goff, *op. cit.*, p.51)

Jacques Le Goff sempre foi um historiador que privilegiou o imaginário como objeto de suas pesquisas. Ele não tinha medo da “suposta irracionalidade” que constitui este tipo de objeto. Para ele, “[...] introduzir a racionalidade na história não significa excluir o irracional, o impreciso, o fluente, muito pelo contrário. Significa que a gente tenta explicar as mudanças históricas a partir da resposta a uma questão que por sua vez é racional.” (LE GOFF, 1991, p. 232-3)

Este preâmbulo faz-se necessário para que possamos entender que a principal referência historiográfica encontrada, na qual se destaca a história da prainha, foi o livro “De maçaranduba a Industrial: história e memória de um lugar”, de Tereza Cristina Cerqueira da Graça (2005); uma obra encomendada pelo então prefeito Marcelo Déda (que inclusive prefacia dito escrito), por ocasião da inauguração da Orlinha construída no referido espaço; concretização de uma das suas promessas de campanha. O que, no entanto, não invalida a importância e a singularidade dessa obra, que conta com a colaboração de outros tantos historiadores igualmente comprometidos com o saber histórico, assim como a sua autora.

Tal comprometimento se mostra evidente, quando Graça faz questão de destacar, num gesto de honestidade intelectual poucas vezes tão explicitamente esclarecido na historiografia sergipana, que:

[...] esta reconstituição histórica é parte integrante da opção política do atual governo em soerguer a auto-estima dos seus moradores através das obras que revitalizam a orla desta povoação. O projeto de revitalização, que foi capitaneado pela Secretaria Municipal de Planejamento, resultou no que vimos e desfrutamos hoje: reurbanização de toda a área mediante a extensão e pavimentação da avenida costeira, reconstrução do porto das balsas, reordenamento e reconstrução de bares e quiosques, jardinagem e demais equipamentos turísticos. (Graça, 2005, p.16)

Diante desta rara demonstração de lucidez, destaca-se que existe uma unanimidade entre os autores sergipanos no sentido de afirmar que por ocasião da mudança da capital de São Cristovão para Aracaju, em 1855, buscava-se uma saída possível para a produção açucareira do vale do Cotinguiba. Nesse sentido, o canal do Pomonga representava uma boa via de escoamento; enquanto o porto da praia do

Aracaju, que bordeava as terras da região conhecida por Maçaranduba, localizado às margens do rio Sergipe, poderia ser um importante ponto de apoio para o desenvolvimento econômico da região. Foi assim que, pela primeira vez na História de Sergipe, se ouviu falar na praia que hoje compreende parte do que se conhece como Orlinha do Bairro Industrial. Conforme pode ser atestado na localização do mapa e na vista área que se segue:

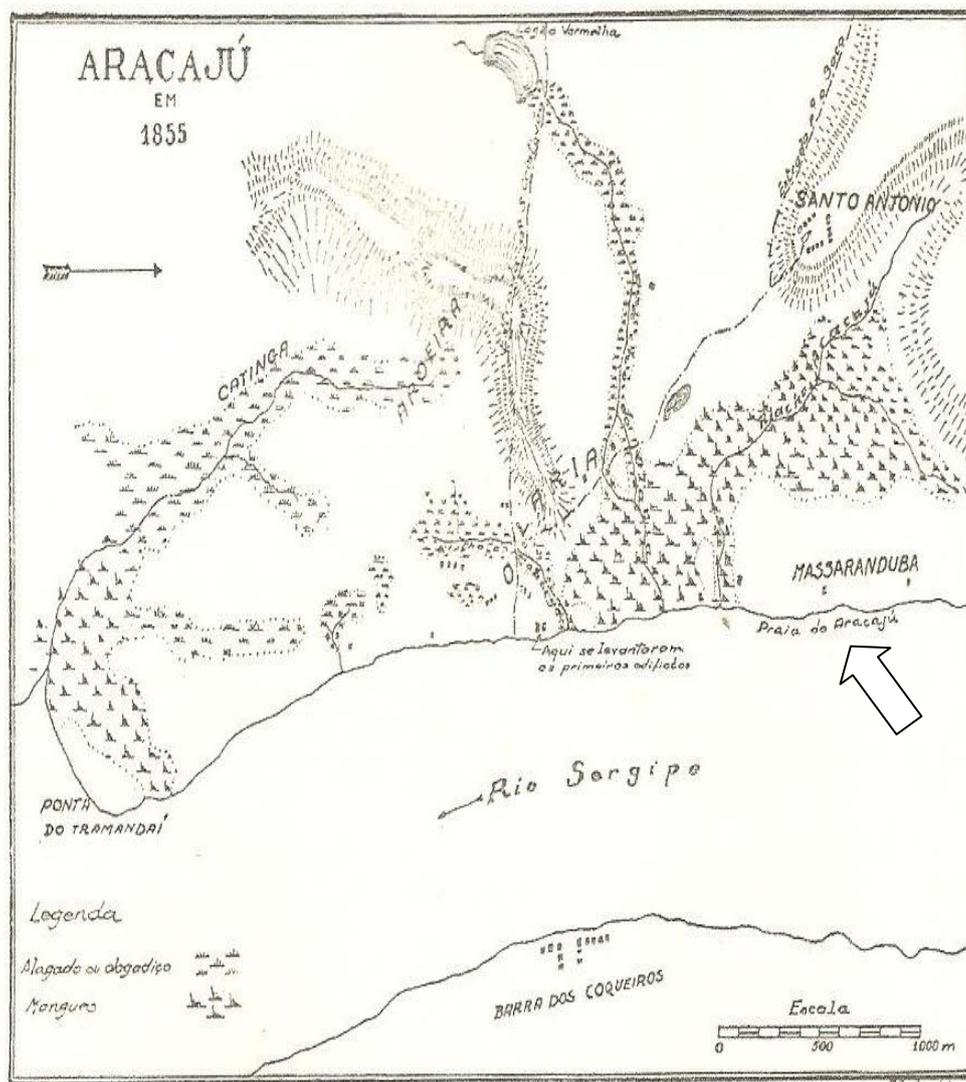


Fig. 1. Mapa de Aracaju em 1855, com destaque para a praia do Aracaju, na região conhecida como Maçaranduba. Revista de Aracaju nº 02 - 1944. (IHGS).

Fonte: Disponível em <http://aracajuantigga.blogspot.com/2010/03/aracaju-155-anos.html>. Acesso em 13 set. 2011. (Grifo meu)



Figura 2 – Vista área da cidade de Aracaju com destaque para as margens do Rio Sergipe e a localização da prainha do Bairro Industrial, antiga praia do Aracaju. (Grifo meu)

Fonte: Disponível em <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1125941>. Acesso em 23 nov. 2012.

Graça (2005) explicita com mais clareza os detalhes sobre as características da citada localidade, nos seguintes termos:

Como se registra em vários relatos, a praia do Aracaju era, em 1855, uma estreita faixa de terra muito baixa e alagável entre dunas, mangues e pântanos. Cajueiros, aroeiras, cambuís, cambucás, gobirabas e alguns coqueiros compunham sua vegetação. [...] o que se chamava praia era água; água parada, água dos riachos, do mangue e do rio, águas das quais ninguém escapava. [...] isso combina com publicações dos jornais de 1855 a 1857, que designavam como “praia do Aracaju” a atual praia do Bairro Industrial, conhecido pelo nome de Maçaranduba. (Graça. *op. cit.*, p. 28 e 29)

Contudo, nem a questão do porto nem o comércio direto com o interior da província foram resolvidos, visto que a barra do rio Sergipe era muito rasa, o que dificultava a navegação de embarcações cargueiras com porte mais avantajado. O sonho da tão esperada prosperidade para região ficaria suspenso por mais alguns anos; porém a gênese da degradação ambiental dessa faixa ribeirinha já estava implantada, decretando

que aquela localidade não seria mais a mesma dos “outros tempos” de antes da mudança da capital.

Supostamente a degradação ambiental daquela região já havia sido iniciada bem antes da referida mudança para o arraial de Santo Antônio do Aracaju. Não podemos esquecer que tanto portugueses quanto corsários franceses já praticavam escambos com os índios em troca da derrubada do pau-brasil, que era abundante na nossa Mata Atlântica. Sabe-se, inclusive, que por volta de 1700, já não havia vestígio da referida árvore nas costas brasileiras.

José Calazans Brandão da Silva (1992), afirmou, contudo, que antes do referido século supracitado, lá pelos idos de 1602, as praias próximas ao riacho do Aracaju haviam caído no esquecimento, se não fosse pela coragem do sesmeiro Pedro Gonçalves que “[...] pediu e obteve [...] mil braços de comprimento por sessenta de largura, no rio Aracaju, para fazer seus mantimentos e pastos de gado.” (SILVA, *op. cit.*, p.56)

José Calazans (*idem*) comentou, ainda, que nos tempos de seca a população menos abastada da Capitania costumava se deslocar às praias do Aracaju para extrair sal marinho. O referido autor também dá notícia de um tal Manuel Passos, que por volta de 1808, falou da existência de um engenho de açúcar conhecido como “Aracaju do Cotinguiba”, que se expandia até as proximidade do arraial de Santo Antônio. De igual modo, delimitou a localização da referida área, expressando-se da seguinte maneira:

Na carta hidrográfica da Província, feita pelo engenheiro Cabrita, em 1854, a povoação Aracaju aparece cercada ao norte pela serra do Aracaju (morro do Urubu) e ao sul pelo Poxim; regada pelos riachos Olaria e Aracaju ao norte, o Caborge ao centro e o Tramandaí ao sul, entre o Caborge e o Tramandaí, passava a estrada que conduzia a S. Cristóvão. [...] Mas convém não esquecer que a Povoação tinha uma grande vantagem: estava situada na Barra da Cotinguiba. E, vale repetir, a Cotinguiba era o escoadouro do açúcar. (SILVA, *op. cit.*, p.56-57)

Nos tempos que se seguiram, os engenhos de açúcar instalados no vale da Cotinguiba tiveram seu papel na triste história da devastação dessa área. O jornalista Luiz Eduardo Costa, na apresentação do livro Rio Sergipe: importância, vulnerabilidade

e preservação, organizado por José do Patrocínio Hora (2006), explicita com mais clareza tal situação:

Por esse tempo, nos verões, descia pelos afluentes e chegava até o oceano a fedentina do caxixi dos engenhos. Os peixes começavam a morrer, as baleias evitavam aquelas águas aonde antes chegavam em quantidade, fazendo a festa maternal aos filhotes recém nascidos. As casas senhoriais da Cotinguiba, algumas do Aracaju, foram erguidas com a argamassa poderosa do óleo dos cetáceos. (COSTA, Apresentação, In: *op. cit.*, p.6)

Sabe-se, ainda, que a denominação “do Aracaju”, que dá nome à dita prainha; se deveu, muito provavelmente, à existência de um riacho denominado “*Marecagi*” que aparece no mapa de Barloeus, a mais antiga referência cartográfica que se tem conhecimento sobre o rio Sergipe. Fernando Porto (1991) desenvolve melhor esse tema ao relacionar a localização de dito riacho, com o atual canal que dá início à orlinha do bairro Industrial.

[...] Na época da mudança não se fala neste rio, que a planta do eng. Cabrita se localizava ao norte e que se supõe iria desembocar nas vizinhanças da fábrica de tecido Sergipe Industrial. Isto combina com publicações dos jornais de 1855 a 1857, que designavam como “praia do Aracaju” a atual praia do Bairro Industrial. Por sua vez, este bairro era conhecido com o nome de Massaranduba” (PORTO, *op. cit.*, p.25)

Esta, contudo, não era uma região de fácil povoação, basicamente o que existia eram matas, alguns sítios de árvores frutíferas, dentre as quais predominavam os cajueiros, entrecortados por dunas de areias brancas, apicuns e áreas de várzeas que periodicamente se enchiam de água salobras provenientes do fluxo da maré. No mais, aqui e ali aparecia um riacho que desaguava nos mangues que emolduravam “praias inhóspitas”. Dominar essas águas “paradas, estagnadas e traiçoeiras” representava uma epopeia protagonizada por “heróis”; ou se a força da significação histórica nos permitir, por “vilões” que ganharam a batalha destruindo as dunas para aterrar o mangue e aplainar várzeas e apicuns. Vejamos alguns exemplos de diferentes visões sobre o referido processo de povoamento, urbanização e modernização da cidade de Aracaju:

Começava o combate do homem contra o riacho, contra o pântano, contra a lagoa, numa palavra, contra a água, o grande inimigo do povoador da nova cidade. Foi uma luta heroica do homem contra o meio físico, esta que se travou nas praias do Aracaju. [...] Houve quem dissesse – e com toda razão – que o habitante da cidade de Inácio Barbosa repetiu a façanha dos holandeses: conquistou sua terra, tomando-a das águas. Verdade é que a luta não foi contra o oceano bravio, violento, agitado, como a dos filhos da Holanda; mas combatendo, dia a dia, palmo a palmo, contra a água parada, estagnada, traiçoeira. [...] (SILVA, *op. cit.*, p.81-82)

Entre Santo Antônio e a Praia havia a cordilheira dos cômodos arenosos, e antes desses, a famosa Mata de Santo Antônio, que, com aquela, separava o litoral da “serra”, o que demonstra, positivamente, dois acidentes, nada, absolutamente, comuns. [...] Aos pés dos cômodos, apertada entre os altos de areia e o rio do Aracaju, estendia-se a praia cheia de sítios, pontilhada de cajueiros e, enquanto os sacos ou aribés e os apicuns eram aproveitados para os mandiocais, o resto era água, era brejo. Dominava o pântano. Olhos d’água por todos os lados, de onde erudiam riachos, dando impressão de uma cidade construída sobre estacas, num lago. (SOBRINHO, 1955, p.194 e 201)

A devastação dos mangues, que também se não replantam, tem provocado medidas energéticas do Ministério da Marinha, mas a *rysophora*, prestando-se ao costume e ao combustível, tenta sempre o transgressor. Com capacidade para ser empregada na construção de uzinas, fabricas e locomotivas, a madeira é sempre cortada e vendida, não tendo conta o devastador na necessidade futura. (SILVA, 1920, p.83)

Com o aterro da grande área de apicum, pôde-se estabelecer a ligação entre o local à margem da fábrica Sergipe Industrial com os aterros do Manuel Preto. A grande devastação de apicum empreendida na área foi justificada pela importância daquele espaço para edificações e logradouros públicos. A grande devastação de apicum empreendida na área foi justificada pela importância daquele espaço para edificações e logradouros públicos. A partir desse momento, as obras de aterros não se referem apenas à insalubridade, mas à busca de novos acessos e, logo, à expansão urbana da cidade. (ALMEIDA, 2010, p. 82)

[...] Só que grande parte de Aracaju moderna foi conquistada aterrando os manguezais. As multidões que atravancavam as galerias climatizadas das butiques na verdade, são os vencedores pisoteando o túmulo de uma paisagem dilacerada para sempre. (GABEIRA, In. FONTES, 2000. p.46-47.)

Controvérsias historiográficas à parte, o fato é que o processo de crescimento da neo-urbe aracajuana não poderia mais sofrer retrocessos. Neste sentido, a programada visita do Imperador Pedro II a Sergipe para o ano 1860, começou a marcar os rumos da construção de uma cidade moderna e planejada nos moldes ditados pela moda arquitetônica do neoclassicismo da corte.

Diante de tão egrégio acontecimento, a cidade começou a ser pensada segundo as novas concepções de construção urbana da época, rompendo com o velho modelo português que concebia a construção das cidades de acordo com a topografia do lugar. Assim sendo, projetou-se uma cidade geometrizada, planejada na forma de um “tabuleiro de damas”, cheia de esquinas e ruas que conduziam a um único centro, refletindo o desejo de controle sobre as demais regiões da Província. Para tanto, os mangues foram pouco a pouco sendo aterrados para dar espaço à construção de casas, igrejas, prédios públicos, praças e logradouros; segundo alguns, como uma medida profilática para evitar o avanço da febre amarela. O engenheiro italiano Sebastião Basílio Pirro planejou uma cidade bem a gosto dos seus contratantes, a elite política e econômica da Província.

Contudo, os investimentos restringiram-se ao “tabuleiro de Pirro” somente até a década de 1870. Depois disso, grupos de imigrantes livres e pobres vindos de todas as partes da Província, e até de fora dela, começaram a se instalar tanto dentro quanto fora do plano original, construindo a chamada “cidade de palha”, aglomerando-se para além do centro urbano. Vejamos o que diz sobre este fato o historiador Amâncio Cardoso:

Aracaju foi projetada como símbolo de vanguarda em 1855. Contudo, a especulação do preço dos terrenos da nascente capital, aliada à pobreza da maioria e ao ceticismo inicial na concretização da mudança, contribuiu para a formação de uma cidade de casas de palha paralela àquela construída paulatinamente pelos investimentos da administração pública. Contrariava-se, assim, a idéia de civilização que inspirou a mudança da capital da colonial São Cristóvão para a planejada Aracaju. [...] a presença de casas de palha, ou cobertas por ela, foi criticada pelo médico alemão Robert Avé-Lallemant (1812-1884) quando visitou Aracaju em 1859. Ele escreveu que por trás e junto da cidade, via-se “uma horrível aglomeração de casas cinzentas, de barro, com telhados de palha de coqueiro”. [...] Segundo outras fontes, não apenas “por trás e junto” da cidade existiam tais casas. Além das cercanias, na época projetada construíam-se palhoças. (CARDOSO, 2003, p.111-113)

Ao que tudo indica, as casas de palha demoraram a desaparecer, mesmo depois da segunda leva modernizadora que se impôs aos moradores da cidade, no início do século XX, numa tentativa de superar os quase cinquenta anos de atraso “civilizatório” que se abateu sobre a capital, desde sua fundação em 1855. Por mais que as autoridades tentassem, muitas famílias, algumas inclusive de trabalhadores das fábricas, continuavam a morar em choupanas. Tal fato foi constatado pelo professor Antônio Lindvaldo de Souza (1991) ao coletar, em 1989, o depoimento de Antônia Maria da Silva, operária aposentada do setor têxtil.

Eu, por exemplo, não tinha família (filhos). A minha família era eu e meu marido, mas o meu era a conta. Morava em casa de palha. Essa casa daqui caiu. Era de vara. Naquele tempo aqui tinha aqueles invernos fortes, a chuva vinha e derrubava tudo. O povo passava pela frente da casa e eu via pelas varas. [...] era uma miudeza e só Deus tinha pena. Quem se mudou daqui e veio passear e agora diz: “Ave Maria!, aqui está coisa de burguês” – quem deixou como era.” (SIC) (SOUZA, 1991, p.40-41)

Alguns desses operários moravam nas proximidades das fábricas de tecidos que se localizavam na praia do mesmo nome, hoje conhecida como prainha do bairro Industrial. A referida localidade da zona norte também já foi chamada pelo nome de Chica Chaves, por conta de uma famosa mulata, dotada de singular perspicácia que morava em “um sítio ao redor das fontes d’água onde hoje se encontra o Manoel Preto e o antigo Engenho Velho, no caminho que leva a Getimana”. (LACERDA, s/d, *apud* Graça, *op. cit.*, p. 153)

Graça complementa as informações sobre Chica Chaves destacando que:

Os dados enunciados por Nobre de Lacerda apontam para uma Chica Chaves festeira, uma mulata alegre e bondosa que recebia os boêmios da terra para, em sua casa de vivenda, beberecar, cantar, jogar conversa fora, petiscar frutos e comidas sob o ar cheiroso e úmido do Sítio da Massaranduba. (*Idem*, p. 154)

Fernando Porto (2003) referiu-se ao bairro Industrial como “possuidor de variada onomástica”. Ele comenta que nos primeiros anos da capital, como demonstra o mapa reproduzido na fig. 1, a referida localidade era chamada de Massaramduba. Já na segunda metade do século XIX passou a chamar Chica Chaves, como frisamos acima. Contudo, com o apogeu econômico das fábricas Sergipe Industrial e Confiança, o bairro passou a ser chamado de Industrial.

Tinham fábrica e treze casas de aluguel (hoje Avenida João Rodrigues). À medida que Chica Chaves ia minguando, Bairro Industrial impunha-se aos poucos, o nome Tecido ganhou a maior importância nas décadas iniciais deste século. Ia-se para lá pelo aterro do Tecido – no alinhamento da Rua João Pessoa – no bonde do Tecido, passava-se à ponte do Tecido, chegava-se à feirinha do Tecido ou às festas do Tecido e a praia ao norte da Fabrica Confiança, então arenosa e limpa, usada como local de veraneio, era a Praia do Tecido, nome que perdurou até bem avançado este século. (PORTO, *op. cit.*, p. 137)

O fluxo dessas mudanças foi marcado por grupos de imigrantes que sentaram pouso em dita localidade, atraídos pela possibilidade de arranjar trabalho. Para os patrões, essas levadas migratórias, na sua grande maioria formada por negros, representava a possibilidade de contratar mão de obra barata para os investimentos que planejavam realizar nesse local. Foi nesse contexto de prosperidade que, no ano de 1882, o empresário João Rodrigues inaugura a fábrica Sergipe Industrial, que poucos anos depois, em 1884, passou a ser administradas por três sócios: Thomaz Cruz, Thales Ferraz e seu pai José Augusto Ferraz. O local escolhido para instalação de dito empreendimento foi justamente às margens do rio Sergipe, na região da Massaranduba. Com esse acontecimento, o progresso alcançou a prainha e a história da degradação ambiental das suas águas passou a ter um novo capítulo.

Lima (2003) destacou que uma das maiores novidades introduzidas nesse local, além das fábricas, foi a construção do “Parque Industrial”, idealizado por Thales Ferraz. Tratava-se de um espaço dotado de ampla infraestrutura no qual ocorriam bailes e jogos para os trabalhadores. Além disso, tinha biblioteca, escola, teatro, bar e campo de futebol.



Figura 3 - Fábrica Sergipe Industrial. (frente)
Acervo Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura.

Fonte: Disponível em <http://aracajuantigga.blogspot.com/2010/03/aracaju-155-anos.html>. Acesso em 13 set. 2011.



Figura 4 - Fábrica Sergipe Industrial - 1884. (Ao fundo, às margens do rio Sergipe)

In. BARRETO, Armando. Cadastro industrial, comercial, agrícola e informativo de Sergipe - 1938.

Fonte: Disponível em <http://aracajuantigga.blogspot.com/2010/03/aracaju-155-anos.html>. Acesso em 13 set. 2011.

Em 1908 foi inaugurada a segunda fábrica têxtil da localidade, a fábrica de tecidos Confiança. Tal iniciativa deveu-se a espírito empreendedor do Coronel Sabino José Ribeiro que, além de visar os lucros próprios de um investimento capitalista,

propiciou condições favoráveis ao bem-estar da classe trabalhadora que vivia no bairro. Para tanto, foi responsável pela construção de uma vila operária, uma associação desportiva e uma policlínica que oferecia assistência médica aos trabalhadores e aos seus familiares. Contudo, mesmo pensando na saúde dos seus subordinados, o Coronel Sabino Ribeiro talvez não imaginasse que o seu empreendimento, junto com a fábrica Sergipe Industrial, iria despejar uma grande quantidade de resíduos nas águas do rio Sergipe e, conseqüentemente, aumentar a degradação ambiental da praiha existente no local.



Figura 5 - Vista aérea da Fábrica Confiança e a Vila Operária voltadas para o Rio Sergipe. (In: Revista da Associação Sergipana de Imprensa nº 1 - 1949.)

Fonte: Disponível em <http://aracajuantigga.blogspot.com/2010/03/aracaju-155-anos.html>. Acesso em 13 set. 2011.

Sobre a capacidade degradatória dos poluentes emitidos pela indústria têxtil, o manual de impacto ambiental publicado pelo Banco do Nordeste (2008), oferece algumas orientações básicas referentes aos danos causados por este setor produtivo; destacando que tanto na fase de produção quanto de tratamento das fibras, além da fiação e tecelagem e de acabamento têxtil, podem ser gerados poluentes hídricos presentes nas águas residuais, na emissão de fumaça tóxica na atmosfera; além de fortes ondas sonoras provocadas pelos ruídos das máquinas.

Mesmo diante desse quadro de degradação ambiental, o bairro Industrial tornou-se uma das localidades mais populosas da cidade de Aracaju. Esse contingente

populacional transformou o referido bairro no cenário de grandes festas populares; além de envolvê-lo num certo ar bucólico e, por que não dizer, romântico:

O Bairro industrial (antigamente chamado Chica Chaves e primitivamente conhecido com o nome de Massaranduba) é o bairro mais romântico da Cidade de Aracaju.

Pôde não parecer, mas é.

Bairro humilde, bairro proletário, bairro de gente pobre.

Pela manhã longos apitos chamam os operários para o trabalho.

E as ruas se enchem de homens e de mulheres a caminho das fábricas enormes.

À tarde saem os operários, em bandos, uma confusão de cores berrantes compondo uma tela bonito, encharcada de vida e de colorido,

Á noite, todavia, o encanto do Bairro Industrial é maior.

Há uma paz imensa em todas as coisas.

As chaminés, como orelhas fitas, “escutam o silêncio das alturas”.

Na praia os saveiros estão ancorados, pendidos para um lado, como grandes monstros marinhos dormitando ao luar.

Longe, em meio das águas, ha sempre uma canôa que passa, véla enfunada, luzes apagadas na esteira de prata.

Para que outra luz se ha uma lua imensa no céu azul?

Uma lua que enche tudo de poesia, tudo de esperança?

Por isso a canôa passa assim, luzes apagadas, pela estrada das águas quietas.

E nessas noites quentes, de um misterioso langor tropical, há sempre uma canção distante que nos chega aos ouvidos.

São notas de violões, ferrados musicais, trechos de canções perdidas.

E o poeta, o que sabe sentir a beleza das coisas, a doçura das coisas, quase sempre volta com um poema bonito dentro do coração.
(CABRAL, 1955, p. 149-150)

Contraditoriamente, por esses tempos, quando um novo dia amanhecia, o ir e vir de caminhos carregados de tecidos, ou de matéria prima para fabricá-los, passava a ser constante, e as vibrações provocadas por esses veículos incomodavam insistentemente

os moradores do local; havia muito barulho, odores estranhos emergiam das fumaças das fábricas e a cor da areia e das águas da praia já não eram as mesmas de antes.



Figura 6 - Praia do Tecido.

(In: CHAVES, Rubens Sabino Ribeiro. Aracaju pra onde você vai? Aracaju: Edição do Autor, 2004.)

Fonte: Disponível em <http://aracajuantigga.blogspot.com/2010/03/aracaju-155-anos.html>. Acesso em 13 set. 2011.

Com relação à abrangência dessas mudanças, Graça cita uma importante fonte referente a um editorial assinado por Demócrito Cortes, publicado no Jornal de Sergipe de 09 de fevereiro de 1955, que diz o seguinte:

... Na quadra de verão, Chica Chaves fora o ponto de atração dos turistas ricos de Nossa Senhora do Socorro da Cotinguiba, Laranjeiras, Maruim e Santo Amaro, de onde vinham refrescar a canícula naquela aprazível praia. Contentava-se com bom humor que aqueles senhores de engenho, comerciantes estrangeiros e as respectivas sinhazinhas, a se banharem nas águas tranqüilas do rio Sergipe, envergando calças a meio-pau e camisas de mangas compridas para livrar-se dos maus olhos, destacando-se entre eles, o Barão de Maruim e os ingleses comerciantes de máquinas para Engenhos de açúcar, era um pau com formiga. Improvisavam barracas de palhas na beira do rio, para trocar de roupas e se refugiarem do sol causticante. [...] Chica Chaves, outrora, tão freqüentado por veranistas, hoje é uma praia desprezada, cheia de lama e detritos das fábricas que ficam ao pé... (CORTES, *apud* Graça, *id.*, p. 33)

Compreende-se que por esses tempos as praias fluviais ainda eram mais apreciadas que as marinhas, devido à tranquilidade de suas águas e da possibilidade de se sentir o prazer coletivo ao se experimentar o que na vida privada não era permitido:

“... a contemplação proibida dos cabelos soltos, pés nus e quadris marcados por calças justas das moças que se escondem em carruagens de banho [...] os prazeres do passeio na areia, da contemplação emocionada da infinitude [...]”, em suma, “a invenção do veraneio, com a organização da natureza [...] em balneários” e, obviamente, em praias. (CORBIN, apresentação, 1989)

Nesse período áureo, a produção açucareira ainda possuía certo prestígio e o porto de Aracaju continuava a ser a única via possível para escoar a produção da Cotinguiba; visto que as ligações terrestres eram muito precárias e ainda não haviam conseguido eliminar a navegação fluvial. Por esses tempos, navios traziam as mercadorias até o porte que daí voltavam a sair para serem distribuídas através de embarcações fluviais para as outras cidades da bacia do rio Sergipe.

Por ocasião da Segunda Guerra Mundial, nos idos dos anos de 1940, as vias terrestres já haviam tido uma maior expansão, e a indústria têxtil crescia a todo vapor, exportando tecidos para outros estados do Brasil, principalmente para Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo.

Na década de 1950, o desenvolvimento do bairro Industrial praticamente ficou estagnado, visto que os proprietários das fábricas que ali existiam eram também donos de uma grande parte das terras que estavam ao seu redor e não as vendiam, apesar de serem terrenos formados, em sua grande maioria, por apicuns. Ribeiro (1989, p.123) comenta o precário desenvolvimento dos bairros da zona norte de Aracaju, sobre os quais tece as seguintes observações: “Hoje a Zona Norte, cujo início de ocupação ocorreu com a instalação das indústrias têxteis, conserva algumas características de zona fabril com predomínio de bairros populares.”

Por ocasião da instalação no referido bairro do Moinho de Sergipe S/A, em 1962, que produz até hoje farinha de trigo e seus derivados e a transferência do município de Barra dos Coqueiros para Aracaju da fábrica de leite de coco Serigy, em 1969; consolida-se o nome do bairro como Industrial e a praia, outrora conhecida como do Aracaju, Chica Chaves e do Tecido, finalmente passa a ser chamada de prainha do bairro Industrial; alcunha que passou a ser sinônimo de praia poluída.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA

2.1. A oralidade como ferramenta para produção de narrativas

A capacidade reflexiva do ser humano leva-o a produzir pensamentos, a expressar percepções e a realizar práticas culturais diretamente vinculadas a sua imersão no meio social e, conseqüentemente, no processo de significação que lhe possibilita a aquisição de linguagem.

Por essa razão, a memória é essencialmente materializada pela produção de narrativas vinculadas a experiências passadas. Assim sendo, ela se encontra presente no pensamento, mas principalmente nos sentimentos; pois sua expressão vincula-se diretamente a afetos interiores e a impressão de momentos seletivos (lembranças) que ficaram gravados através da percepção de acontecimentos que marcaram a vida do depoente.

A opção de compreender o passado através da construção de memórias e da produção de imaginários sociais atribui sentido a acontecimentos da vida cotidiana; visto ser esse o universo privilegiado para a percepção das mentalidades de uma determinada comunidade, pois envolve um processo de interação social. Mergulha-se, portanto, numa rede de significações bastante ampla, que somente será desvendada quando os seus membros quiserem verdadeiramente revelar seus sentimentos. Como afirmou Ecléa Bosi (1994), são indivíduos em contato com outros indivíduos e em determinados contextos sociais que trazem o passado para o presente.

Ao lançar-se na difícil tarefa de recuperar a memória de relatos e testemunhos de épocas passadas, o historiador, através do uso de técnicas e metodologias que são próprias a tais processos, transformam narrativas (estórias) em Histórias; fazendo com que um conjunto heterogêneo de fontes ganhe sentido. Esta, sem dúvida, passa a ser uma das mais importantes funções do historiador do mundo contemporâneo: procurar o sentido das ações humanas e encontrar nelas uma conexão com os acontecimentos que se precipitam no presente. Como afirma Henri Bergson (2006) toda memória atualiza-se no seu presente.

A memória também pode ser compreendida como um objeto de luta travada entre classes, grupos e indivíduos (LE GOFF, 1996). Quando o historiador decide sobre o que deve ser lembrado, ele está deliberadamente condenando alguém ao

esquecimento. Esse é um efeito colateral inevitável àqueles que produzem o conhecimento histórico. Tal atitude pode ser interpretada como uma forma de mecanismo de controle que se estabelece entre grupos sociais. A decisão sobre o que deve ser comemorado, os dias festivos e feriados, os currículos escolares e a elaboração de livros didáticos, estão irremediavelmente ligados à produção de um tipo específico de História. Aquela que não leva em conta a voz dos esquecidos, dos anônimos condenados à amnésia coletiva.

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da história coletiva. (LE GOFF, 1996, p.426)

A única defesa que os grupos esquecidos possuem contra a história oficial é a fronteira da linguagem, da rede de significações que os protegem em um código que só é dominado pelos membros da própria sociedade da qual fazem parte. Para compreendê-los, portanto, o historiador terá que mergulhar nesse universo que é dominado pela cultura do outro e que só se revela se esse outro deixar que ele se revele. Há nisso um poder submerso, um significado oculto, um sentimento de pertencimento ao grupo com o qual o indivíduo se identifica, com o qual compartilha memórias compreensíveis tanto no campo do real quanto do simbólico. Como afirma Henri Bergson (1996) a memória é vista como algo que traz a superfície o que estava oculto, ela surge a partir do questionamento entre a subjetividade do espírito e a aparência da matéria.

Constrói-se, portanto, por meio do depoimento oral registrado, gravado e transcrito; outro tipo de versão sobre o passado. Trata-se, portanto, de um método qualitativo de investigação, que busca compreender as práticas sociais através do aprofundamento de experiências individuais, estabelecendo relações entre o geral e o particular por meio de análises comparativas entre diferentes testemunhos.

Nesse sentido, se alguém distorce seu relato ou devaneia por meio de construções fantasiosas; isso não representa grandes problemas; visto ser esse um campo privilegiado para o estudo do imaginário e dos sentidos.

O mais importante na ética de aplicação desta técnica é privilegiar a recuperação do vivido conforme a percepção de quem o viveu. O trabalho com história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posicionamentos diante de sua visão de mundo. É exatamente essa visão de mundo que imprime significado aos fatos e acontecimentos narrados. Sua elaboração discursiva possibilita ao pesquisador compreender também a história do grupo social ao qual o depoente faz parte, com destaque para suas práticas e crenças.

Não obstante tal fato, a história oral passou um bom tempo sendo marginalizada e desqualificada pelo discurso historiográfico erudito, pois não estava diretamente vinculada ao estudo do documento escrito; mas às reminiscências do passado de pessoas que ainda vivem no presente.

[...] no século XIX com o predomínio da história positivista e a quase sacralização do documento escrito, a prática de colher documentos esteve relegada a segundo plano. Considerava-se que o depoimento oral não poderia ter valor de prova, já que era imbuído de subjetividade, de uma visão parcial sobre o passado e estava sujeito a falhas de memória. (ALBERTI, 1990, p.18)

Essa suposta supremacia de uma neutralidade falida já não tem mais sentido. O fato dos relatos orais serem constituídos de construções do intelecto advindo da subjetividade e da criatividade dos seus interlocutores é considerado uma verdadeira riqueza para esse tipo de fonte, pois podem ter diferentes significados, dependendo, inclusive, da visão de quem os analisa, visto que esses, quando for o caso, também se utilizam de criatividade e engenho intelectual para decifrá-los. Porém, aqui não estamos falando de hermenêutica. Como já foi dito anteriormente, o que importa é a percepção dos sentidos que possuam referência em relação ao contexto do depoente, com o seu universo simbólico e, principalmente, com suas construções imaginárias que se refletem em práticas sociais.

Segundo Jacques Le Goff (1994, p.12) o campo do imaginário é formado por fantasias, o que, no seu entender, arrasta-o “para lá da representação, que é apenas intelectual.”

No nosso entender, o imaginário pertence ao campo da representação, mas ocupa nele a parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transposta em imagem do espírito, mas criadora, poética no sentido etimológico da palavra.

[...] Qualquer que seja a parte de intervenção conceptual neles contida, os sistemas ideológicos, os conceitos organizadores da sociedade forjados pelas ortodoxias reinantes (ou pelos seus adversários), não são sistemas imaginários propriamente ditos. (*Id. Ibidem*)

O autor refere-se aos paradigmas institucionais aos quais alguns discursos encontram-se vinculados. Neste sentido, mesmo sendo uma produção subjetiva, um relato imaginário representa a visão de uma organização política ou religiosa.

Como afirma Roger Chartier (1990) há nesse embate uma luta entre representações. Percebe-se, portanto, que discursos autônomos e criativos buscam seus espaços em meio a um emaranhado de dogmas e determinações comportamentais.

Nesse campo destacam-se os discursos dos anônimos da história, aqueles que durante muito tempo foram excluídos dos processos de construção do passado. Hoje eles se impõem como seres humanos com direito a terem a sua memória preservada através do registro de sua oralidade. Nesse ponto, vale destacar o papel dos historiadores contemporâneos, que por meio de entrevistas gravadas e transcritas, divulgam nos espaços acadêmicos os movimentos de minorias grupais culturalmente discriminadas; principalmente daqueles que se encontram na maturidade de suas vidas. Com a difusão da história oral como metodologia de pesquisa, o referido grupo tem encontrado espaço para socializar suas experiências, dando sentido as suas práticas culturais e a acontecimentos vividos sob diferentes aspectos e situações; sobre os quais eles atribuem um devido valor.

Tal atitude tem um papel social bastante relevante, pois aumenta a autoestima dos depoentes, que se sentem muito orgulhosos ao verem suas histórias serem contadas, divulgadas e debatidas no ambiente universitário. Reside em tal fato a relevância dos trabalhos realizados nesse campo, visto que eles cumprem um dos papéis mais importantes para qualquer tipo de pesquisa: o de valorizar a pessoa humana. Com afirma Lucilia de Almeida Neves Delgado (2006, p. 46): “A produção de documentos

orais tem duplo embasamento: o ofício do pesquisador e a memória dos depoentes. Como metodologia que busca captar o passado, a História oral constitui-se como espaço vivificador da relação entre a história, as memórias e as identidades [...]"

Em suma, não se pode desvincular deste tipo de investigação o lado ético do pesquisador que se aproxima do mundo do entrevistado, adquire sua confiança e registra seu discurso. Aos seus depoentes, o historiador é tributário de sua honestidade intelectual e, portanto, deve ser fiel ao discurso produzido, não permitindo, em momento algum ridicularizações ou brincadeiras.

CAPÍTULO 3

REFERÊNCIAL TEÓRICO

3. 1 A fenomenologia como o estudo dos atos possíveis da consciência humana

3.1.1 O método intuitivo de Edmund Husserl (1859-1938)

A primeira questão que se apresenta ao falarmos sobre o método fenomenológico é a que tipo de fenomenologia estamos nos referindo. Autores como Moreira (2002) apresentam, pelo menos, 5 (cinco) tipos distintos; a saber: descritiva, realista, constitutiva, existencial e hermenêutica.

Nesta dissertação faremos referência a duas dessas possíveis fenomenologias: a descritiva e a constitutiva. Ambas nos remetem diretamente ao pensamento de Edmund Husserl, no sentido de que a primeira baseia-se na busca da definição do fenômeno e sobre “A idéia da fenomenologia” (Husserl, 1907) e a segunda origina-se das “Idéias relativas a uma fenomenologia pura e a uma filosofia fenomenológica” (Id., 1913).

Contudo, antes de buscarmos um conceito do referido termo, cabe-nos compreender o motivo pelo qual surge a ideia de pensar uma fenomenologia. Tal questão aparece através das inquietações de Edmund Husserl (1859-1938) em busca de respostas sobre o enigma da essência do conhecimento, bem como sobre as possibilidades de conhecimento. Portanto, a fenomenologia surge motivada por uma proposição crítica; especificada por Husserl nos seguintes termos:

O método da crítica do conhecimento é o fenomenológico; a fenomenologia é a doutrina universal das essências, em que se integra a ciência do conhecimento. [...] O conhecimento intuitivo da *cogitatio* é imanente, o conhecimento das ciências objectivas – ciências da natureza e ciências do espírito – mas também, vindo de perto, o das ciências matemáticas, é transcendente. Nas ciências objectivas existe a *dúvida sobre a transcendência*, a questão: como pode o conhecimento ir além de si mesmo, como pode ele atingir um ser que não se encontra no âmbito da consciência? Esta dificuldade cessa no conhecimento intuitivo da *cogitatio*. (HUSSERL, 1989, p. 22-24)

Portanto, a fenomenologia surge do questionamento a toda tradição da produção do conhecimento, muito especificamente ao positivismo; que em nome de uma suposta

objetividade modelada pelo sentido das ciências naturais, renegou o papel da subjetividade como o único acesso verdadeiramente “puro” ao conhecimento. Neste sentido, a fenomenologia situa-se em bases totalmente novas.

Tais bases pressupõem, portanto, a ideia não só de uma nova teoria do conhecimento, mas, principalmente, sobre um novo método. Método é essencialmente um caminho a seguir. Contudo, em termos científicos, não podemos compreender o método como um caminho qualquer; mas como uma construção sistemática e corrigível, desenvolvida por meio de etapas específicas (metodologias) e fundamentada em conceitos bem definidos e, preferentemente, originais.

No caso do método fenomenológico, parece-nos que duas etapas mostram-se como especialmente relevantes: a intuição eidética e a redução fenomenológica.

Para Husserl, a visão das essências é uma intuição, ou seja, um ato de conhecimento direto, sem intermediários, que nos põe em presença, num face a face com o fenômeno. O referido autor chamou tal processo de intuição doadora; que pode ser melhor compreendida nos seguintes termos:

A plenitude de sentido não basta, pois o modo de preenchimento também conta. O modo intuitivo é um modo de viver o sentido no qual o “objeto visado como tal” é trazido intuitivamente à consciência, e um caso especialmente eminente dele é aquele em que o modo intuitivo é justamente *doador originário*. (HUSSERL, 2006, § 136, p. 304)

A intuição de essências tem sua origem em intuições particulares, através da percepção, imaginação ou ambas ao mesmo tempo. Tais intuições particulares serão tratadas como casos específicos da essência geral. Para Husserl, essa operação é chamada de ideação. Já o termo eidético é compreendido como tudo que se refere às essências; que são, segundo Husserl, os principais objetos da fenomenologia.

Neste sentido, de acordo com o método fenomenológico, as consciências intuitivas constituem-se em significações preenchidas. Tal preenchimento pode ocorrer de duas maneiras: pela imaginação e pela percepção.

No entender de Husserl, o ideal do conhecimento é o preenchimento total e pleno de todas as potencialidades significativas. Porém, o nosso conhecimento não realiza esse ideal. Ele será sempre um misto de preenchimento e de intenção, aberto a um campo perceptivo ou cultural, a uma situação, a um horizonte do passado e do futuro. É aqui que a fenomenologia se encontra com a ideia de História.

Pode-se tirar extraordinário proveito daquilo que é apresentado pela história e, numa medida ainda maior, pela arte e especialmente pela poesia, que são produtos da imaginação, mas que, em termos de originalidade das novas configurações, de profusão em traços individuais, de continuidade da motivação, excedem bastante os resultados de nossa própria imaginação e, além disso, pela força sugestiva dos meios de apresentação artística, se transformam, com especial facilidade, em imaginações perfeitamente claras na apreensão compreensiva. (Id., § 70, p. 154)

Assim sendo, por meio da descrição e das variações imaginárias, Husserl chega à intuição das essências. Na realidade, o que o referido autor quer demonstrar é a fonte universal de toda significação; que, no seu entender, só será alcançada por meio da intuição pura. Tal atitude inaugura necessariamente a possibilidade da realização de uma redução; compreendida como a suspensão de toda forma de consciência natural.

Husserl apresenta duas formas básicas sobre as quais se podem operar as reduções fenomenológicas: a eidética, que nos permite distinguir fatos e essências reveladas por meio de situações; e a transcendental, que nos possibilita entrever o mundo na sua transparência; revelando-nos do sujeito sua real intencionalidade com relação aos objetos. Vejamos como Husserl explicita a referida etapa do método fenomenológico:

[...] o conceito da *redução fenomenológica* adquire uma determinação mais precisa, mais profunda e um sentido mais claro: não é exclusão do verdadeiro transcendente (por ex., no sentido empírico-psicológico), mas exclusão do transcendente em geral como de uma existência a admitir, isto é, de tudo o que não é dado evidente no sentido genuíno, dado absoluto do ver puro. (*op. cit.*, 1989, p.29)

Segundo Husserl, a suspensão das ideias sobre o mundo e da subjetividade empírica, deixa como resíduo um “eu puro” ou transcendental. Tal atitude, no entender da fenomenologia esboçada pelo referido autor, visa corrigir o erro cometido pelos positivistas, que confundem o ver em geral com o ver meramente sensível e experimental; visto não compreenderem que cada objeto é sensível e individual, pois possui sua própria essência.

Ciente de tal premissa, Husserl propõe o abandono da dúvida cartesiana em substituição a denominada *epoché*; ou seja, “coloca entre parêntesis” todo e qualquer conhecimento *a priori* em busca da essência do conhecimento.

Necessário se faz, contudo, destacar que as pretensões teóricas de Husserl eram estritamente filosóficas. Dessa forma, a fenomenologia se entende, inicialmente, como sendo uma atitude intelectual especificamente filosófica e um método especificamente filosófico.

Destaca-se, portanto, que o projeto fenomenológico desenvolvido por Husserl, não consiste em estruturar uma ciência exata, mas eidética; que procede por descrição e não por dedução. Ela se ocupa de fenômenos, mas como uma atitude diferente das ciências exatas e empíricas; visto que tais fenômenos correspondem aos vividos na consciência e expressos em atos.

Nesse sentido ontológico, existem dois outros conceitos importantes que fazem parte do arcabouço teórico da fenomenologia, são eles: o de essência e intencionalidade.

Compreende-se por essência, ao sentido preciso de alguma coisa que é dado pelo entendimento comum ao fenômeno. Assim sendo, a essência representa aquilo sem o qual não se pode refletir sobre o fenômeno, nem alcançar o seu real significado. Por tal razão, Husserl compreende a fenomenologia como a ciência que busca a compreensão das essências daquilo que se mostra.

[...] De fato, a obscuridade acerca do conhecimento no tocante ao seu sentido ou à sua essência exige uma ciência do conhecimento, uma ciência que nada mais pretende do que trazer o conhecimento à claridade essencial. [...] a crítica do conhecimento quer antes elucidar, clarificar, ilustrar a essência do conhecimento e pretensão de validade

que pertence à sua essência; que outra coisa significa isto senão trazê-la a dar-se a si mesma (*Selbstgegebenheit*) diretamente? (*Id.*, p.57)

Para Husserl a significação do mundo não pode ser obra de uma só subjetividade, mas de uma pluralidade de compreensões conscientes; visto ser intencionada por vários egos; constituindo-se, dessa forma, numa construção histórica necessariamente intersubjetiva, na qual a significação é atribuição de uma comunidade de pessoas que se relacionam no aqui e no agora das suas existências.

A intencionalidade das consciências constitui-se, portanto, numa das principais ideias da fenomenologia, baseando-se na premissa de que toda consciência é consciência de alguma coisa. Husserl explicita tal conceito nos seguintes termos:

O modo intuitivo é um modo de viver o sentido no qual o “objeto visado como tal” é trazido intuitivamente à consciência, e um caso especialmente eminente dele é aquele em que o modo intuitivo é justamente *doador originário*. (op. cit., 2006, § 136, p. 304)

Percebe-se, portanto, que para Husserl a consciência se define essencialmente em termos de intenção voltada para um objeto. Dessa forma, não é possível separar fenômeno e coisa em si; visto que ele é percebido diretamente, sem intermediários, ele é, como bem disse Husserl, objeto de uma intuição originariamente doadora.

Assim sendo, não existe fenômeno que não seja fruto de uma consciência de algo. O conceito de intencionalidade fundamenta-se exatamente nessa característica da consciência, ou seja, a intenção de ser dirigida a um objeto.

Contudo, há de se entender que a consciência não se materializa, não é uma substância; mas pode ser um sentimento, uma imagem, uma percepção, uma ideia ou simples uma lembrança. O que realmente importa para fenomenologia é que o objeto seja passível de ser descrito por parte da consciência, a ponto que se possa encontrar um núcleo central invariante que permaneça ao longo de todas as variações imaginárias. Husserl chama a essas invariantes de *eidós*, ou seja, as essências atingidas com base na intuição e por meio da intencionalidade.

Em suma, as essências se referem ao sentido do ser do fenômeno e constituem-se na definição mais objetiva da fenomenologia, compreendida como ciência de essências puras alcançadas através de um método preciso e original, que fez dessa teoria uma das mais significativas do século passado, capaz de encontrar seguidores em nomes como Karl Jaspers, Martin Heidegger ou Maurice Merleau-Ponty, entre outros. Diante de tais constatações, Marilena Chauí resume sua compreensão sobre a fenomenologia nos seguintes termos:

[...] a fenomenologia introduziu a noção de essência ou significação como um conceito que permite diferenciar internamente uma realidade de outras, encontrando seu sentido, sua forma, suas propriedades e sua origem. [...] antes da fenomenologia, cada uma das ciências humanas desfazia seu objeto num agregado de elementos de natureza diversa do todo, estudava as relações causais externas entre esses elementos e as apresentava como explicação a lei de seu objeto de investigação. A fenomenologia garantiu às ciências humanas a existência e a especificidade de seus objetos. (CHAUÍ, 2006, p. 226-229)

Husserl compreendeu que as ciências positivas haviam se tornado excessivamente instrumentalizadas e, portanto, haviam perdido a sua capacidade de dar respostas aos problemas que são verdadeiramente humanos. Nisso, portanto, residiria a real crise das ciências modernas no final do século XIX.

A fenomenologia aparece então como um alento, uma luz no fim do túnel. Uma tentativa de encontrar uma construção teórica verdadeiramente voltada para o ser, um caminho que recolocava o homem como referencial para sua própria compreensão. A consequência de tudo isso é o aparecimento de um novo sentido baseado na tentativa de compreensão do homem através das essências das vivências puras.

A fenomenologia visa mostrar e descrever com rigor as experiências humanas em busca de suas estruturas universais. Ela não é uma ciência exata, mas *eidética* que procede por descrição e não por dedução. Ela se ocupa de fenômenos, mas de maneira diferente das ciências exatas e empíricas. Os seus fenômenos são vividos na consciência, constituindo-se em construções e percepções que são atos possíveis dessa mesma consciência.

3.1.2 A intuição segundo Henri Bergson (1859-1941)

Seguindo esta mesma linha da fenomenologia transcendental, como método viável para investigar as condições da possibilidade do conhecimento humano do mundo, em consonância com a adoção de uma postura crítica ao positivismo, destaca-se o pensamento de Henri Bergson.

Bergson comungava com Husserl no que diz respeito a vários conceitos da fenomenologia, dentre eles o de intencionalidade. Ambos concordavam que a intencionalidade corresponde à principal característica da consciência, ou seja, é a forma essencial dos processos mentais. Por meio dela estabelecem-se as relações entre o mundo externo e os atos mentais. Nunca é demais lembrar que a intencionalidade é sempre consciência de alguma coisa. No caso dessa pesquisa é a consciência sobre degradação ambiental da prainha do bairro Industrial, bem como a forma pela qual este memória se constitui. Esta é a “coisa” sobre a qual falamos, a “coisa” intencionada nos nossos pensamentos, o objeto sobre o qual se debruçam as lembranças dos nossos depoentes. (REZENDE, 1990)

Neste trabalho, em particular, faz-se necessário distinguir o ato de consciência do fenômeno ao qual ela se dirige. O ato de consciência em questão diz respeito às memórias que os depoentes *re-fazem* com relação à experiência vivida no que diz respeito à degradação ambiental do lugar aonde vivem; assim sendo, o fenômeno em si, refere-se à maneira como essas memórias são construídas. Dessa forma, compreende-se que o fenômeno encontra-se fora da consciência e não dentro dela. Contudo, esses são atos contíguos, não se pode estudar um sem compreender o outro. Portanto, esta é uma pesquisa sobre atos e fenômenos.

Para que se constitua um fenômeno, a “coisa” tem que aparecer à consciência, tornar-se consciente, ser compreendida através de experiências vividas e não por meio de definições ou conceitos estabelecidos *a priori*, deve ser percebida intuitivamente. Quando o depoente *re-faz* a sua memória com relação à degradação ambiental do lugar onde vive, ele constitui o objeto, toma consciência desse fenômeno, da coisa mesma e não do que se diz sobre ela; ao tempo em que o pesquisador toma consciência de como se constitui o ato de consciência do depoente com relação ao objeto intencionado. Dessa

forma, constrói-se um vínculo necessariamente intersubjetivo, uma correlação direta entre duas consciências que se revelam durante os atos das suas próprias constituições.

Contudo, não basta abrir os olhos para que os objetos se revelem, não há neste processo nenhum ato mágico ou exotérico; há um trabalho, uma ação, uma tarefa que é realizada ao mesmo tempo pelo depoente e pelo pesquisador; uma tarefa que tem a intuição e a intencionalidade como as suas duas principais ferramentas de trabalho.

Como vimos anteriormente, o que faz emergir as essências (*eidós*), a volta a “coisa mesma”, é a aplicação do método intuitivo (fenomenológico). Tal processo só ocorre quando há uma construção resultante de um ato intencional da consciência caracterizado pelas ações voltadas à percepção do objeto indagado. Contudo, permanece a pergunta: Como se dá a construção desse objeto? No nosso caso: Como se opera a tomada de consciência sobre a degradação ambiental do lugar onde se vive?

Uma primeira resposta a essas perguntas relaciona-se diretamente ao contexto da pesquisa. O fenômeno só pode ser percebido na cotidianidade, no presente vivo, no aqui e agora da pesquisa, aonde pesquisador e depoente se encontram. Decorre desse fato a necessidade do pesquisador de apreender em detalhes essa cotidianidade. O passo seguinte torna-se bastante evidente: Mostrar como se constitui a consciência dos sujeitos através dos relatos das experiências vividas.

Para tanto, torna-se necessário que o pesquisador vá até o sujeito e pergunte sobre o que faz sentido para ele na sua relação com a “coisa” intencionada, buscando compreender o que se investiga. Dessa forma a intencionalidade conduz à construção do fenômeno, desvelando a essência da vivência de quem percebe. Destaca-se, contudo, que a única via possível para que se alcance essa meta é a da intuição, visto que tal caminho revela-nos a dimensão da coisa mesma em sua natureza originária, nos permitindo perceber o sentido subjetivo daquilo que se intenciona. Trata-se, portanto, de um retorno necessário ao vivido.

Diante do exposto, percebe-se que a consciência constitui-se numa atividade formada por atos; quais sejam: o de intencionar, de perceber, de sentir, de valorar, de imaginar, de desejar ou de amar. É nesse ponto que a ciência se encontra com o puramente humano. É aqui que pesquisador e pesquisado, sujeito e sujeito, ser e ser, se encontram numa abertura mútua de consciências. Nesse momento a história oral não

representa simplesmente a aplicação de uma metodologia, mas um encontro existencial entre duas consciências.

Para Bergson todo esse processo envolve movimento e totalidade, intuição e duração. Duração como ato no qual se processa o tempo vivido; o passado e o agora, que é um instante que se abre para o futuro; uma passagem e nunca uma paragem; onde o sujeito só pode ser compreendido como um todo coeso e indivisível, mediante temporalidades que se interpenetram à medida que buscam um sentido para o que se intenciona.

A duração bergsoniana não pode ser compreendida como tempo cronologicamente repartido. Ela é indivisível, é tempo vivido, íntimo, profundamente subjetivo, intensamente fluido e contínuo. Neste sentido, a intuição é compreendida como uma forma de conhecimento direto que penetra na intimidade do que se intenciona conhecer. Trata-se, portanto, de uma intuição de duração.

Mediante tal premissa, compreende-se que as histórias temáticas sobre extratos de vida dos depoentes desta pesquisa, somente podem ser compreendidas como uma sucessão de atos únicos e indivisíveis; cujas essências podem ser desveladas através do método intuitivo; na verdade o único que pode conhecer a duração. Tratam-se, portanto, dos domínios da memória.

No entanto, Bergson (2006) diferencia dialeticamente os domínios da inteligência dos da memória. Para ele a inteligência compreende uma ação que necessita de um corpo para fluir; ela é essencialmente matéria que funciona mecanicamente. Por outro lado, existe o domínio do vivido, do sentido, da consciência, da memória e do fluir que só pode ser alcançado pela intuição. Vejamos como o autor se expressa a respeito dessa questão:

A intuição pura, exterior ou interior, é a de uma continuidade indivisa. Nós a fracionamos em elementos justapostos, que correspondem, aqui a palavras distintas, ali a objetos independentes. Mas justamente porque rompemos assim a unidade de nossa intuição original, sentimo-nos obrigados a estabelecer entre os termos disjuntos um vínculo, que já não poderá ser senão exterior e justaposto. À unidade viva, nascida da continuidade interior, substituímos a unidade factícia de uma moldura vazia inerte como os termos que ela mantém unidos. (*op. cit.*, p.214)

Percebe-se, portanto, que a intuição de duração bergsoniana diferencia-se da intuição eidética de Husserl, que é alcançada por meio da redução fenomenológica, de maneira mais intelectualizada que sentida. Para Bergson, a intuição se opõe diametralmente a obra do intelecto, ela é fruto da fluidez da vida, da percepção totalizante dos tempos descontínuos que se movem em cada ser, representando ação e mudança; ela é essencialmente duração.

Contudo, não existe qualquer incoerência em sobrepor esses autores numa mesma pesquisa. Suas diferentes concepções de intuição não são excludentes, mas complementares. Nesse sentido, cada uma delas se justifica num lugar do conjunto da investigação. Por exemplo: enquanto a intuição que leva o pesquisador a perceber os atos de consciência do depoente pode ser mais intelectual ou eidética, a do depoente ao perceber a “coisa” intencionada, no caso a percepção dos sentidos atribuídos a sua vivência com relação à degradação ambiental do local aonde mora; pode ser mais emotiva e, conseqüentemente, mais bergsoniana, mais voltada para as sensações internas do sujeito.

Para Bergson, duração corresponde à realidade perceptível nos atos de consciência (intencionalidade), e o método privilegiado para se compreender esse fenômeno é o intuitivo. Somente a intuição possibilita ao sujeito a apreensão imediata da realidade pela consciência, pois é nela que se acumulam as totalidades das experiências vividas. A intuição se encontra presente na história de vida de cada ser. Neste sentido, pode ser compreendida como uma atividade que nos coloca “dentro das coisas”, não há nela qualquer relação com o estático; não pode jamais ser confundida com um momento, é passagem, presente em andamento, ação de viver, ou seja, a própria duração da realidade; pura liberdade do ser frente à suposta objetividade científica. Vejamos nas próprias palavras de Bergson, como pode ser explicitada essa ideia:

Meu presente é aquilo que me interessa, o que vive para mim e, para tudo, o que me impede à ação, enquanto meu passado é essencialmente impotente. [...] O que é para mim, o momento presente? É próprio do tempo decorrer, o tempo já decorrido é o passado, e chamamos presente o instante em que ele decorre. Mas não se trata aqui de um instante passado, e chamamos presente o instante em que ele decorre. Mas não se trata aqui de um instante matemático.

Certamente há um presente ideal, puramente concebido, limite indivisível que separaria o passado do futuro. Mas o presente real, concreto, vivido, aquele a que me refiro quando falo de minha percepção presente, este ocupa necessariamente uma duração. (*op. cit.*, p. 160, 161 e 162)

O aqui e o agora da nossa existência é o único tempo possível de ser vivido pela nossa consciência, é passado transplantado para o presente que se projeta no futuro, é o domínio da memória. Um tempo indivisível representado por um fluir incessante, é o fio de linha de um único novelo. Esse tempo não pode ser mensurado quantitativamente, ele é qualitativo; na verdade é instante partilhado com espaço, o lugar que o corpo ocupa nessa passagem incessante. Talvez resida nessa premissa o real problema das ciências, elas sempre se preocuparam em apresentar explicações estáticas. Até mesmo a física traduziu o movimento em fórmulas, as forças foram esquecidas em detrimento dos efeitos, das consequências. No afã de oferecer explicações sobre as coisas do mundo, a ciência se esqueceu de que a vida é dinâmica e não estática.

No entender de Bergson, espaço deve ser compreendido como o corpo do homem, lugar privilegiado para que a inteligência execute suas ações. É o domínio exclusivo da matéria; que para ser ação necessita de volumes perfeitamente definidos. A inteligência precisa do domínio corpóreo para penetrar nas coisas. Porém, como ela não consegue dar conta da totalidade dos fenômenos; os esfacela, dividiu-os em quantas partes forem necessárias para compreendê-los; a dedução viola a totalidade, tenta estancar o fluxo contínuo a vida. Seu objetivo é a clareza e a capacidade de estabelecer distinções. Para tanto, calcula, determina, formula, sistematiza e deduz. Nesse sentido a intuição (memória) opõe-se á inteligência (matéria).

Contudo, o corpo do homem apresenta múltiplas facetas. Ele é ao mesmo tempo o centro das ações da inteligência e da duração. É por meio dele que as coisas são percebidas. O corpo é o centro das referências do ser em relação às outras coisas do mundo. Fala-se, inclusive, na existência de uma memória mecânica através da qual repetimos ações automáticas; em contra partida de uma memória “pura” na qual residem as lembranças vividas. No entanto, a maior incoerência gerada nesse condomínio existencial entre matéria e memória reside na lei biológica da degradação da matéria. Pela inteligência o corpo sabe que vai desaparecer; porém a memória teima em

permanecer; o fluxo contínuo da duração não permite que ela desapareça, luta incessantemente contra esse implacável determinismo biológico. Também neste sentido, a memória rema contra a maré.

Por esse motivo a intuição é considerada a mais importante ferramenta da fenomenologia, só por meio dela pode-se conhecer a duração, nela reside o entendimento dos principais movimentos da memória. Manuel Morente (s/d) explicitou melhor esse processo através da seguinte metáfora:

O intelecto realiza sobre essa realidade profunda e movediça uma operação primária que consiste em solidificá-la, em detê-la, em transformar o fluente no inerte. Deste modo facilita-se a explicação transformando o movimento em imobilidade, decompõe-se o movimento em uma série infinita de pontos imóveis. [...] A intuição vivente tem por missão abrir passagem através dessas concreções do intelecto, para usar uma metáfora. A primeira coisa que fez o intelecto foi congelar o rio da realidade, convertê-lo em gelo sólido, porque a verdade é que, por baixo, é líquido, e o que tem que fazer a intuição é romper esses artificiais blocos de gelo mecânico para chegar à fluência mesma da vida que corre sob essa realidade mecânica. (In: www.consciencia.org/fundamentosfilosofiamorente3.shtm!. Acessado em 13 out. 2012)

Diante do exposto, pode-se perguntar: como a intuição vivente “abre passagem através das concreções do intelecto”? Tal questão nos faz, necessariamente, retomar a outro questionamento que foi levantada anteriormente: Como se opera a tomada de consciência sobre a degradação ambiental do lugar onde se vive?

Bergson (2006) nos responderia: compreendendo-se a memória como agente possível de criação de subjetividade e entendendo o corpo, através dos nossos sentidos, como único ponto de partida que nos permite ter acesso às “coisas” que nos cercam.

Tudo se passa como se, nesse conjunto de imagens que chamo universo, nada se pudesse produzir de realmente novo a não ser por intermédio de certas imagens particulares, cujo modelo me é fornecido por meu corpo (BERGSON, *op. cit.*, p.10)

Nessa relação entre matéria e memória, é esta segunda protagonista que conduz o processo de tomada de consciência dos depoentes. É por meio dela que passado e presente se interpenetram através do que Bergson chamou de “imagens-lembranças”.

Por ela [imagem-lembrança] se tornaria possível e reconhecimento inteligente, ou melhor, intelectual, de uma percepção já experimentada; nela nos refugiamos todas as vezes que remontamos, para buscar aí uma certa imagem, a encosta de nossa vida passada. (*Id.*, p. 62)

Contudo, para que esses fragmentos de imagens vividas (lembranças) cheguem até a nossa consciência e se constituam numa memória sobre algum fenômeno, é necessário remontar nossas percepções. Como afirmou Bergson: “[...] perceber acaba não sendo mais do que uma ocasião de lembrar.” (*Id. Ibidem*, p. 69)

Para tanto, necessitamos de outro tipo de imagem: as “imagens-ação”. Elas são as verdadeiras “operárias” de todo processo. É através delas, e do seu trabalho, que o passado se atualiza no presente. De fato as atividades das “imagens-ação” estão todas voltadas para o presente sensível. Bergson explica, dessa maneira, qual é o papel desempenhado pelas “imagens-ação”:

Para que uma lembrança reapareça à consciência, é preciso com efeito que ela desça das alturas da memória pura até o ponto preciso onde se realiza a ação. Em outras palavras, é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida. (*Id. Ibidem*, p.179)

Dessa forma, a memória assume o seu papel de “construtora” do passado, que se *re-faz* à luz do presente. Assim sendo, compreende-se que esses tempos coexistem indivisivelmente na totalidade da duração, na qual o presente nada mais é do que uma extensão de todo o nosso conhecimento passado.

Bergson afirma que é por conta desse processo que o nosso corpo tem a capacidade de lembrar e identificar determinados fenômenos, visto que enquanto a memória busca no passado a compreensão das “coisas” que estão à nossa volta, o corpo (matéria) age como instrumento da inteligência que busca no presente um caminho possível para agir sensivelmente sobre elas, tornando-as compreensíveis à nossa consciência. Essa é uma das formas possíveis de explicar como os depoentes desta pesquisa têm tomado conhecimento sobre a degradação ambiental do lugar aonde vivem. Para tanto, não podemos deixar de levar em consideração que: “Perceber conscientemente significa escolher, a consciência consiste antes de tudo nesse discernimento prático.” (*Id. Ibidem*, p.49)

O pensamento proposto por Bergson (2006) em “Matéria e Memória” tem sustentado os caminhos que trilhados nesta pesquisa. Foi com base nele que elaboramos o objetivo geral desta investigação: analisar como se *re-fazem* as memórias de algumas pessoas sobre suas vivências com relação à degradação ambiental da prainha do bairro Industrial, na cidade de Aracaju.

Tudo isso foi feito considerando-se como teoria de base a fenomenologia; abordagem que tem possibilitado o aparecimento de novos rumos explicativos no universo das humanidades; expandindo-se por campos como a psicologia e a educação; e, por que não dizer, as ciências ambientais? Instaurando o espaço do homem como fundamento de suas próprias significações, buscando, por exemplo, a essência das vivências como atos possíveis da consciência humana diante de situações de degradação ambiental.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Memórias como atos intencionais da consciência

No livro de Tereza Cristina Cerqueira da Graça (2005), “De maçaranduba a industrial”, encontram-se alguns vestígios preliminares sobre a degradação ambiental do referido bairro, recolhidos nos relatos orais dos seus habitantes; como no caso de Zequinha Leite (Graça, *op. cit.*, p.162-164), que, segundo esta autora:

Relembra com saudade da época em que a prainha do bairro industrial era limpinha, de areia alva e sem botecos, pronta para banhistas que a lotavam nos fins de semana. Local de gente bonita e seresteira, de jovens enamorados que nos períodos noturnos fugiam do burburinho da cidade para admirarem a lua. Foi uma época “em que podia sair e voltar a qualquer hora de noite sem correr o risco de ser molestado”. Tempo bons aqueles. (Idem, p. 164)

Noutro momento, desta feita no depoimento de Maria Matildes, também pode ser encontrado outro relato que se refere à prainha:

Estabelecida em Aracaju, a menina Matildes lembra ter brincado nas ruas empoeiradas do bairro, entre casas de taipa, apicuns e maçarandubas. “Brincava de corda, depois tomava banho na prainha. Depois ia ao Manoel Preto pegar água de balde para tomar banho”, lembra com saudade característica de quem viveu um tempo que não volta jamais. E era “água boa, para tudo”. [...] A família morava em uma casa precária, mas tinha como consolo o fato de residir perto da prainha, na época um despoluído local de diversão da população de Aracaju. (Id. Ibidem, p.159)

Contudo, nenhuma destas lembranças foi resultado de um ato intencional de consciência sobre a degradação ambiental da prainha do bairro Industrial. O objetivo do livro supracitado era levantar alguns aspectos sobre a história do bairro como um todo e não especificamente sobre a área que delimitamos; nem, tão pouco, coletar memória sobre processos de degradação ambiental.

Neste capítulo, no entanto, serão descritos depoimentos que foram coletados tendo por base a consecução do primeiro e do terceiro objetivos específicos levantados nesta pesquisa, qual sejam, respectivamente: identificar aspectos das lembranças priorizadas pelos participantes sobre a degradação ambiental da prainha e relacionar a historiografia produzida sobre a evolução urbana da cidade de Aracaju, com aspectos da citada problemática encontrados nos depoimentos orais coletados.

Para tanto, prioriza-se o retorno ao vivido, tomando por base o conceito de duração elaborado por Bergson (2006). Não nos interessa, portanto, o tempo cronologicamente repartido, mas a totalidade coesa, onde as temporalidades se interpenetram à medida que buscam um sentido para o que intencionam.

Como no caso da primeira depoente, mulher de 72 anos, filha de um carpinteiro que fazia canoas para pescadores e de uma pequena comerciante que vendia doces para os estudantes do bairro. Ela nasceu na rua que mora até os dias atuais, nas proximidades da prainha do bairro Industrial. No seu depoimento, passado e presente se intercalam, numa liberdade que só a intuição fenomenológica pode nos permite compreender:

Meu pai é carpinteiro, o nome dele era Dionísio. Ele fazia canoas, fazia e consertava também aquelas que já estavam estragadas ele calafetava. Calafetar você sabe como é? Calafetar é com estopa. Aquelas mantas de estopas grandes, ele comprava, vinha e abria em casa e a gente ajudava abrir: assim esfarelava ela toda para ficar fininha que é para poder calafetar, eu e minha mãe. Quem mais ajudava ela era eu, porque os outros trabalhavam e eu ajudava ela a desfiar. (DEPOENTE 1, Anexo I)

Pode-se perceber como esta depoente começa o depoimento no tempo presente: “Meu pai é carpinteiro” e, logo em seguida, coloca-se imediatamente no passado: “Ele fazia canoas”. Bergson apresenta uma explicação para que possamos entender como maior clareza este processo, baseando-se não só no conceito de duração, como também na intuição, como ato de conhecimento direto que nos liberta das amarras do cientificismo.

A duração em que nos vemos agir, e em que é útil que nos vejamos, é uma duração cujos elementos se dissociam e se justapõem, mas a duração em que agimos é uma duração na qual nossos estudos se fundem uns nos outros, e é lá que devemos fazer um esforço para nos colocar pelo pensamento no caso excepcional e único em que especulamos sobre a natureza íntima da ação, ou seja, na teoria da liberdade (BERGSON, *op. cit.*, p. 207-208)

A depoente 1 aproxima-se do fenômeno intencionado de maneira direta, mas com uma referência básica, uma lembrança-imagem chave, que insiste em afirmar a sua identificação como filha de carpinteiro que fazia canoas para os pescadores. É desse lugar que ela vai falar, foi esse espaço que seu corpo ocupou durante muitos anos, ajudando a abrir a estopa para calafetar os barcos que seu pai construía. Foi esta recordação do passado que as lembranças-ação foram buscar, para daí surgir a consciência sobre a degradação do lugar que ela habita desde que nasceu.

Bergson também explicita tal processo de maneira bastante esclarecedora: “Há sempre algumas lembranças dominantes, verdadeiros pontos brilhantes em torno dos quais os outros formam uma vaga nebulosidade. Esses pontos brilhantes multiplicam-se à medida que se dilata nossa memória.” (*Idem*, p.200)

Aos poucos a memória da depoente 1 vai se alargando , e as lembranças-ação vão buscar outras imagens para complementar sua memória. Nesse ponto o fenômeno da percepção da degradação ambiental começa a aparecer:

Meu pai pescava prá dentro de casa só. Ele pescava de rede, de redinha. Ele ia com meu irmão e pescava de redinha, lá de noite. Quando ele chegava botava numa bacia, numa bacia de pé-grande, aí era tanta coisa, tanta!!! que a gente dava aqui a vizinha. Era siri, os peixe pequeno que tem assim, cumé o nome meu Deus do céu? Ah! Me esqueci! Era uns peixe pequeno, era tanto peixe, era tanto peixe! Era muito, era muito mesmo! Dava prá todo mundo e ainda dava prá os vizinhos. Era um peixe de qualidade. Os peixes agora é tudo gelado. Não se come mais um peixe fresco. A água daqui era limpa mesmo (DEPOENTE 1, *Idem*)

Contudo o fenômeno intencionado ainda não se mostrou em toda a sua plenitude para a consciência dessa depoente. Isso finalmente acontecerá quando

camadas mais profundas de afeto vincularem a prainha com a sua vida; como, por exemplo, quando ela fala dos filhos:

No tempo que meus meninos nasceram não tinha mais bonde, tinha no meu tempo. Os meninos tomava banho mais prá lá porque era mais limpo, porque aqui eles não tomaram banho mais não. Eles tomavam banho perto de Chica Chaves, tinha um sítio lá. E a gente ia prá lá, já perto de virar, ia dia de domingo, eles gostavam. Agora, aqui eles não pegaram isso não, porque não foi do tempo deles. Quem andou muito aqui fui eu. Aí era sujo, o esgoto da usina aí atrás, dos bonde, levava muita sujeira prá aí. Desde o tempo dos bonde já tem sujeira: era óleo, era fezes, era tudo. As fossa dessas casa aí toda prá lá, prá maré, entrava prá maré, sujava muito, era muito imundo. Tinha mangue, aquele mangue ali, acabou tudo, tinha muito pé, muito árvore ali, as árvores que dá assim dentro d'água, como é o nome? Eu não sei o nome daquelas árvores, eu sabia (risos) aí, tem muito ali, por ali, ainda tem umas, né? Tem umas. Acabou tudo, acabou tudo... (*Ibidem*)

Neste rico extrato de depoimento, a primeira informação que a depoente nos presta diz respeito à existência de bondes, que eram guardados no que ela chama de “usina”, localizada anteriormente no fundo da casa onde ela mora até hoje. Tais bondes seriam os responsáveis, segundo a percepção da depoente, por jogar “sujeira” (óleo e fezes) nas águas do rio.

Pires Wynne (*apud* Graça, 2005) e Cabral (1955) fazem referências a tais bondes como um dos principais meios de transporte que conduziam pessoas para o bairro Industrial, seja por causa das fábricas que ali haviam sido construídas ou por conta do “ar boêmio e romântico” que reinava nas noites enluaradas à beira do rio.

Wynne diz que foi no governo do general Siqueira Menezes (1911-1914) que a luz elétrica foi instalada no bairro e o serviço de distribuição de água melhorou por conta da Cabrita. Assim, não apenas luz elétrica e água encanada chegaram ao ainda chamado Bairro Chica Chaves, “Bondinhos, da Carris Urbana, puxados à burro, burrinhos nédios e mansos, corriam pela Rua do Barão até à Fundação e também chegavam até Chica Chaves. [...] Os bondinhos chegavam já ao Bairro Industrial, nome que não vinha da Fábrica Sergipe Industrial, mas porque já outra ali se instalara – a Fábrica Confiança. (WYNNE, *apud* GRAÇA, 2005, p.36)

É no Bairro Industrial que transita o Bonde dos Namorados.

Bairro de operários atraí, à noite, grande número de rapazes.

O Bonde dos Namorados é precisamente o bonde das 22 horas, o bonde que vai para a cidade.

Às 22 horas, lá no fim da linha, o condutor vira os bancos.

O bonde vem vindo, vem vindo, em sua última viagem para o centro da cidade.

De repente o bonde encrenca, o que sempre acontece.

Demóra um pouco, mas depois segue.

Lá vem ele dansando, equilibrado nos trilhos milagrosos.

Ai o primeiro namorado toma o bonde.

É o Vasconcelos.

Adiante, no ponto seguinte, outro namorado, é o Armando.

E o bonde vem vindo.

A brisa marinha enche as narinas dos namorados, os pulmões dos namorados.

O condutor, sonolento, vai fazendo a cobrança.

Muita vez falta trôco e um namorado fica devendo.

Não faz mal.

O condutor tem confiança porque sabe que todas as noites ele voltará naquele bonde, que é o bonde dos namorados.

Alí é Piturita que toma o bonde.

Mais adiante é neto, é Walter, é Armando da Farmácia, sou eu próprio, é mais meia dúzia de namorados.

E o bonde segue dansando, aterro afóra, rumo da cidade, cheio de namorados, exclusivamente de namorados.” (CABRAL, 1955, p.149-151)

Outra informação importante, diz respeito ao melhor lugar para tomar banho nas águas do rio Sergipe, que não era na frente das fábricas, pois a água era muito suja e a terra era escura e cheia de lodo dos mangues e de sujeira dos esgotos. A praia que tinha melhores condições para banho ficava das proximidades da propriedade que, até os nossos dias, é chamada de Chica Chaves.

Com relação ao mangue, a percepção da depoente é precisa e direta: “Acabou tudo, acabou tudo...”. Ela não conseguiu esconder sua decepção com respeito à degradação do espaço que está a sua volta, dos lugares que outrora ela frequentava com seus filhos nos dias de domingo; como pode ser visto nestas fotos gentilmente cedidas e autorizadas para divulgação:



Figura 7 – A filha mais velha da depoente 1 na prainha do Bairro Industrial

Fonte: Acervo Particular



Figura 8 – Os dois filhos da depoente 1 na prainha do Bairro Industrial

Fonte: Acervo Particular

A foto como forma de percepção envolve certa ideia de estagnação, de algo que parou no tempo, completamente oposta ao conceito de duração proposto por Bergson. Mesmo assim este autor não deixa de refletir sobre essa possibilidade:

Perceber consiste, portanto, em suma, em condensar períodos enormes de uma existência infinitamente diluída em alguns momentos mais diferentes de uma vida mais intensa, e em resumir assim uma história muito longa. Perceber significa imobilizar. (BERGSON, 2006, p. 243-244)

A depoente 1 também percebe outro tipo de impacto ambiental, desta feita em forma de ondas sonoras. Mas logo suas lembranças retomam as imagens do passado e a questão da degradação das águas da prainha é mais uma vez lembrada:

Aqui era calmo, hoje tem mais barulho. Tudo né? Tudo vai se modificando, né? E o barulho é isso mesmo, né? Antes não tinha calçadão, era areia. A praia ficava longe, a praia melhor que tinha era daí da ponte prá lá, agora da ponte prá cá não era praia mais, já era uma maré, assim que num dava praia, assim preta as areias, agora daí do Confiança, agora da fábrica Confiança prá lá era que era areia branca, areia branca toda assim, quando a maré secava ficava aquilo alvinho tuuudo!! E prá cá era mais sujo, não sei por quê, hoje tá tudo sujo. Tá tudo sujo agora. Vixe Maria, nunca mais fui aí, oi repare!?! Mas eu lembro disso, lembro, lembro, lembro, lembro. E não tinha, não tinha aquele coisa que hoje fizeram, né? A calçada, né? O calçadão não tinha. Era a praia mesmo direta. (DEPOENTE 1, Anexo I)

É interessante notar como as lembranças são trazidas a consciência da depoente: não se trata exclusivamente de uma ação do presente sobre o passado, mas ao contrário, é o passado que é conduzido ao presente, atualizando-se em percepções que se localizam no campo de ação possível do nosso corpo no instante e no espaço que ele se encontra. É assim que se constitui a memória. É dessa forma que a “coisa” intencionada é trazida a consciência do depoente. Vejamos com Bergson comenta esse processo:

A verdade é que a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas, pelo contrário, num progresso do passado ao presente. É no passado que nos colocamos de saída. Partimos de um “estado virtual”, que conduzimos pouco a pouco, através de uma série de planos de consciências diferentes, até o termo em que ele se materializa numa percepção atual, isto é, até o ponto em que ele se torna um estado presente e atuante, ou seja, enfim, até esse plano extremo de nossa consciência em que se desenha nosso corpo. (BERGSON, *op. cit.*, p. 280)

A depoente lembra, com nostalgia, da época em que a prainha do bairro Industrial era um dos pontos de lazer mais concorrido da cidade. Para ela o passado era melhor que o presente. Em sua opinião, o seu bairro era mais valorizado, visto que as pessoas vinham de longe para se banharem nas águas da prainha.

A vida de antes, prá certas coisas era, melhor do que a de hoje, pra essas coisas assim: prá maré, prá pessoa pescar e tudo era muito melhor e hoje não tem mais isso. Acabou porque os governo não ligaram mais prá nada e ficou isso mesmo, entendeu? Tudo é Atalaia agora, o pessoal vai tudo prá Atalaia, né? Ninguém fica mais aí, que antigamente as moças ficavam tudo aí, tumava banho tudo aí, vinha gente do Santoantonho, do Bairro Santo Antônio, vinha às vez da cidade prá qui. Chamava prainha do bairro Industrial, prainha do tecido, prainha do bairro Industrial, do tecido por causa das fábricas: fábrica Confiança, que fica bem em frente à maré, mas hoje acabou tudo (disse ela com tristeza). (DEPOENTE 1, Anexo I)

O artista plástico Walter Góes, retratou num óleo sobre tela intitulado “Visão parcial do Santo Antônio”, sua percepção do bairro citado pela depoente, em uma pintura que, pela perspectiva da obra, provavelmente foi executada de algum ponto do bairro Industrial.

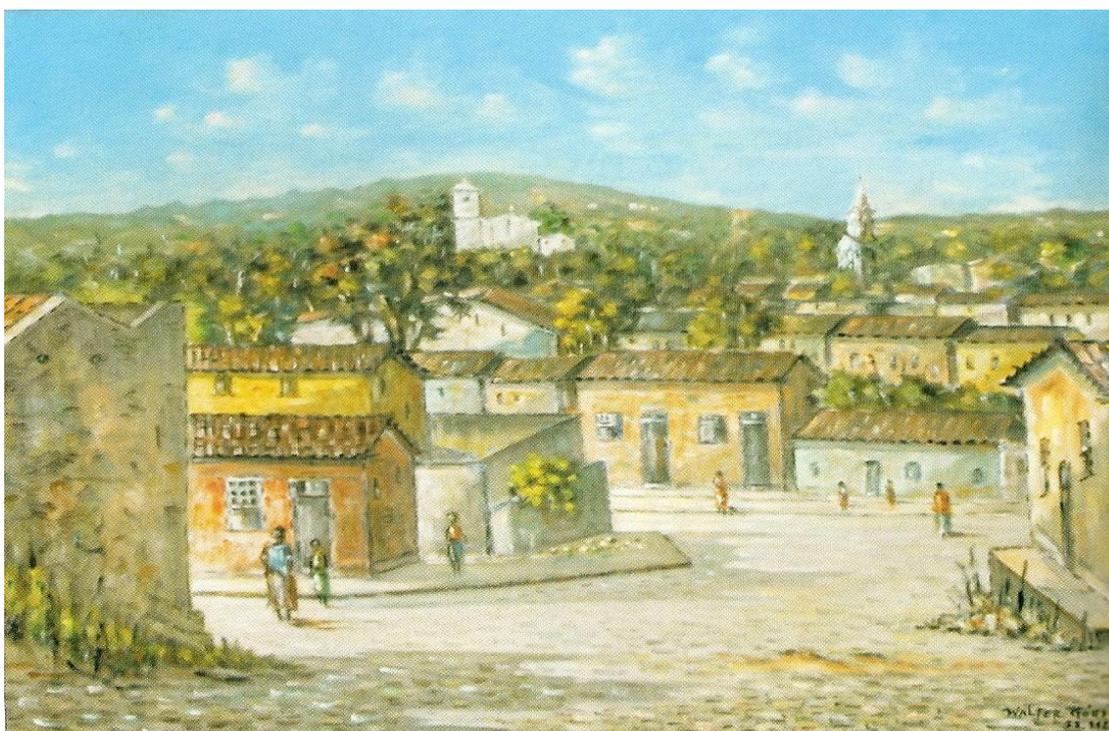


Figura 9 – “Visão Parcial do Bairro Santo Antônio”, de Walter Góes.

Fonte: FUNCAJU (2005)

A depoente 1 faz questão de destacar que a vida ligada às águas do rio Sergipe era muito intensa, principalmente quando havia festa e rompia-se o cotidiano; como no caso da procissão de Bom Jesus dos Navegantes que, no dia 1º de cada ano,

movimentava a vida dos pescadores da prainha, que saem com suas barcas acompanhando o cortejo náutico.

Nossa diversão era a festa do Bom Jesus do Navegante que a procissão passava, né? Ainda hoje vem a procissão, né? Mas não era como antigamente era, a procissão vinha toda e chegava lá na praia, voltava. Ela vinha aqui por perto da gente, néra? Qui a maré quando estava cheia e quando voltava já voltava por lááá, encostada à Barra. E os pescadores daqui sai atrás da canoa e as canoas do meu pai também, tudo ia. Eu toda vida tive medo de canoa, não ia não. Ói! Só ia assim quando meu pai fazia uma canoa qui botava na água num é? A inauguração né? Aí a gente ia e andava ali um pouquinho só, ali pelo raso, porque pelo fundo num ia não e depois descia, pronto. Eu tinha medo da água, mas eu gostava de tomar banho. (*Idem*)

Graça (2005) também fez questão de destacar a citada procissão e, para tanto, referencia-se num editorial publicado no jornal “Gazeta de Sergipe”, em 03 de Janeiro de 1894, citado por Marcelo de Carvalho Nascimento (2002), na monografia intitulada Ecos de uma Tradição: aspectos da festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes (1856-1910):

Em 1894, o povo do ‘arrabalde Industrial’ já se deslocava para a grande festa que nasceu junto com a própria cidade e que, naquele ano, reunia mais de 8 mil pessoas: a Festa de Bom Jesus dos Navegantes. A imagem do santo é transportada em procissão, da igreja do Santo Antônio até a Catedral, no domingo entre o Natal e a Circuncisão. No dia primeiro de janeiro é celebrada com a procissão fluvial nas águas do Rio Sergipe. A imagem retoma à catedral, onde permanece até o domingo da Epifania. Nesse dia, à tarde uma multidão reconduz a imagem à Igreja do Santo Antônio.

A procissão fluvial, com o foguetório e os barcos enfeitados, é o grande momento da festa que era ainda mais bonita no passado quando, segundo depoimento recolhido por Nascimento, “as pessoas ficavam, do Bairro industrial até o Iate Clube, com lenços brancos nas mãos saudando a procissão”. Uma outra ocasião apoteótica registrada por esse autor é a passagem da procissão pelas margens da Barra dos Coqueiros, em 1907, um bairro de Aracaju. O rio teve que ser sondado para garantir a segurança das embarcações e o herói desse feito foi o Capitão de Marinha Amythas José Jorge. A procissão foi saudada por descargas de artilharia na qual se montou no céu a inscrição: “Salve Bom Jesus dos navegantes”. (GRAÇA, 2005, p.56)

Fernando Porto (2003) também apresenta sua versão sobre a procissão dos Navegantes, na qual faz questão de destacar as referências imaginárias sobre dita tradição, rememorando a origem arquetípica do homem, como nascido das águas:

O maior espetáculo encenado na Rua da Frente era, sem dúvida, a procissão de bom Jesus dos Navegantes, que, sobre uma embarcação, percorria o estuário do Rio Sergipe, no primeiro dia do ano. Interessante notar que toda cidade beira-rio apresenta uma procissão deste tipo, voltada para navegantes ou pescadores. Será unicamente, por estes profissionais ou ato de remota memória orgânica celebrando o nascer da vida no seio das águas? Ou por isso ou por aquilo, o fato é que era um belíssimo ato de devoção. Foi realizado pela primeira vez em 1º de janeiro de 1857 e repetida até os dias de hoje. Ouvimos contar que, em certo ano, as autoridades mostraram-se desfavoráveis à procissão e ela não se realizou. Resultado: a barra entupiu-se, fechou, navios não podiam entrar e o remédio foi realiza-la no mês de março. A barra voltou ao normal ...lenda ou verdade?

Nos tempos em que era grande o número de embarcações, de toda parte, que frequentavam o nosso estuário, a visão era empolgante, principalmente quando a procissão voltava dos lados da atalaia. Ocorria, então, quase total concentração das embarcações atrás do barco do santo, as grandes velas dos saveiros e as pequenas das menores canoas enfunadas pelos ventos de lesta, refletindo num branco brilhante os raios do sol cadente e as centenas de foguetes que subiam ao ar cobriam o cortejo com o pálio formado pela fumaça das suas explosões; era imponente, impressionante, emocionante mesmo. (PORTO, 2003, p.95-6)

Complementando a percepção sobre essa comemoração que rompe o cotidiano da prainha do bairro Industrial no dia primeiro de cada ano; destaca-se também o depoimento de Ana Maria Fonseca Medina (1999) que enfatiza a prática de “vestir roupa nova” como outra forma imaginária de “agradar o santo”.

Tenho há alguns anos acompanhado essa procissão, aproveitando para abordar alguns moradores do bairro Santo Antônio. Muitos me falam, com aquela candura própria das pessoas mais antigas e de classes humildes, que ainda vestem roupa nova no dia de procissão, justificando que o santo merece. (MEDINA, *op. cit.*, p.80)

Outra forma de registro dessa festa encontra-se no campo das artes plásticas sergipanas, mais especificamente nesta tela do pintor Joel Dantas, intitulada “Aracaju em Dia de Procissão de Bom Jesus dos Navegantes”, um óleo sobre tela, que faz parte do acervo particular do artista.



Figura 10 – “Aracaju em Dia de Procissão de Bom Jesus dos Navegantes”, de Joel Dantas.

Fonte: FUNCAJU (2005)

Bergson também compreende a arte como uma importante forma de percepção das coisas, por isso a utilizamos como percepção complementar aos depoimentos coletados. Para ele as representações artísticas condensam o que chama de “uma única atitude simbólica”. Sobre tal tema ele escreveu:

Restabeleça agora minha consciência e, com ela, as exigências da vida: a longos intervalos repetidos, e transpondo a cada vez enormes períodos da história interior das coisas, visões quase instantâneas serão tomadas, visões desta vez pitorescas, cujas cores mais definidas condensam uma infinidade de repetições e de mudanças elementares. É assim que os milhares de posições sucessivas de um corredor se contraem numa única atitude simbólica, que nosso olho percebe, que a arte reproduz [...] (BERGSON, *op. cit.*, p.245)

Por fim, pode-se perceber que a depoente deixa bastante clara a essência da sua vivência com relação à degradação ambiental da prainha do bairro Industrial. Ela afirma que até a alimentação mudou. Seu sentimento é de decepção e tristeza; sente-se impotente, parece que não há nada a fazer; talvez, em sua imaginação, até não haja mais tempo para fazer coisa alguma; para ela: “Tá tudo acabado...”

A gente fazia muqueca, muqueca mesmo e o siri, era muita coisa, muita coisa mesmo boa naquele tempo. O tempo mudou muito. Eu achava melhor como era antes que a gente tinha o gosto de ir ver à praia toda e agora a gente não tem mais gosto de ver nada e a gente vai e não ver mais nada, tá tudo acabado. Mas é isso mesmo. (DEPOENTE 1, Anexo I)

Como se pode notar através deste depoimento, a fenomenologia procede por descrição e não por dedução. A intuição, ora eidética ora de duração, é a sua via metodológica por excelência, através dela valoriza-se o ato de conhecimento direto das coisas, como forma básica dos processos mentais. Quanto ao pesquisador, espera-se que tenha a capacidade de suspender (*epoché* – redução fenomenológica), ao menos momentaneamente, toda forma de conhecimento prévio, para poder “conhecer” também pela via da intuição. O que se busca nesse processo é a essência (*eidós*) do fenômeno pesquisado, aquilo que se mostra, que se dá a conhecer, a “coisa em si”, aquilo que se intenciona trazer aos auspícios da consciência. É neste sentido que se compreende a memória como o resultado de um ato intencional de consciência sobre a degradação ambiental da prainha do bairro Industrial, como poderemos continuar a analisar no segundo depoimento coletado nesta pesquisa.

O depoente 2 (Anexo II), é um senhor de 80 anos que há 45 anos mora nas proximidades da prainha. Trata-se de um homem culto, dotado de um linguajar pausado, quase discursivo. Ativo, ele gosta de caminhar e fazer exercícios na orla do rio Sergipe. Lá ele conversa com os amigos ou se senta para ler um bom livro. Para ele a percepção sobre a degradação ambiental da prainha se dá na retaguarda de um processo que levou o seu bairro a ser um lugar melhor para se viver. Vejamos como ele se expressa:

Eu sempre estou na prainha. A prainha pra mim é uma distração muito importante, porque eu gosto muito de ler, vou aí à frente, sento-me isoladamente e começo a ler, começo a meditar e tirar proveito daqueles momentos de tranquilidade que a prainha oferece. Eu faço caminhada, eu sempre caminho aí na prainha, né? Antes não era assim, depois então, que as autoridades constituídas organizaram o que você pode ver agora, isso nos motiva a querer andar, passear, sentir a beleza que antes não existia e não somente eu, mas também as pessoas fazem a mesma coisa aí, que conversam, trocam ideias, passeiam, se exercitam. Eu gosto muito do bairro Industrial por isso e pela calma que ele oferece a todos os moradores, isso aqui parece mais uma fazenda, tudo é calmo, ladrão aqui dificilmente aparece, então é um lugar tranquilo, apesar das águas do rio sofrerem com a perturbação dessas fábricas jogando dejetos aí na praia e aquilo que era areia onde nós brincávamos, tomando banho, pescando; pescando camarão, muitas vezes, por brincadeira, tudo aquilo acabou porque ela não oferece mais essa vantagem, essa felicidade que anteriormente acontecia. (DEPOENTE 2, Anexo II)

As fábricas às quais o depoente 2 se refere são a Sergipe Industrial, já desativada, que foi fundada em 1882 e iniciou sua produção em 1884; a Fábrica Confiança, que foi inaugurada em 1911, também já desativada; o Moinho Sergipe S/A, que existe desde 1962 e que em 1980 foi transferido para as imediações da prainha e a fábrica de alimentos Serigy, fundada em 1917, desde 1969 funcionado no bairro Industrial, que se encontra também em processo de mudança para o município de São Cristóvão, por determinação do Ministério Público, depois de ter sido notificada pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente (IBAMA), por causa da poluição provocada pela sua chaminé e os dejetos que seu esgoto, que estavam contaminando o rio Sergipe. (GRAÇA, 2005, p. 64-7)

Não obstante a observação sobre a degradação causada pelas fábricas, nota-se que o depoente começa o seu relato de maneira positiva, valorizando as mudanças que foram trazidas para prainha com a construção da orla em 2005. Percebe-se também que o ritmo empreendido ao seu relato é mais rápido e mais bem estruturado que o depoimento anterior; mas nem por isso é de “melhor qualidade”. Não existe depoimento melhor ou pior, não se qualificam extratos de histórias de vida, justamente porque elas pertencem ao campo da subjetividade; seu valor não é externo ou expressivo, ele se encontra inscrito no íntimo de cada ser que viveu a sua própria experiência. Mesmo assim, o depoente 2 é bastante claro: havia uma “felicidade” que existia antes e que hoje não existe mais.

Bergson destacou a possibilidade desses diferentes ritmos nos seguintes termos: “[...] Em realidade, não há um ritmo único da duração, é possível imaginar muitos ritmos diferentes, os quais, mais lentos ou mais rápidos, mediriam o grau de tensão ou de relaxamento das consciências, e deste modo fixariam seus respectivos lugares na série dos seres.” (BERGSON, 2006, p.243-244)

Para o depoente 2 a comparação entre passado e presente torna-se uma constante no seu relato. Há nele um trabalho efetivo das imagens-ação em busca de imagens-lembranças. Seu processo de *re-fazimento* atualiza suas memórias de maneira clara e objetiva; para ele a construção da Orlinha veio trazer melhoria para um local que já se encontrava em estado de degradação ambiental. Contudo, ao se referir à atividade dos pescadores, sua percepção é exatamente igual a da depoente 1: “o peixe acabou, já não há mais nada”.

Antes não tinha nada somente areia, aquela areia escura como carvão e quando o vento soprava, aquilo trazia para nossas casas aquela poeira escura que ela oferecia aos moradores e aquilo incomodava bastante e não tínhamos perspectiva nenhuma de melhoria, era um bairro como que abandonado a princípio, né? Só posteriormente a se fizeram aí esta ponte e essas construções na Orlinha e esse jardim também que providenciaram, as coisas foram mudando radicalmente e hoje as pessoas se sentem felizes porque mora nesse bairro, um bairro calmo, tranquilo, apesar de ser um bairro de pessoas simples, de pessoas humildes, mas o local é muito bom, é muito desejado.

Os dejetos jogados pelas fábricas fizeram com que a água ficasse contaminada, oferecendo perigo à saúde. As pessoas que nelas se jogavam para tomar banho ou para pescar ou coisa dessa natureza. Até os peixes, os camarões e os peixes parecem que fugiram das águas, hoje o pescador vai, não sabe se pega alguma coisa. Eles voltam assim como foram, não consegui nada. Eu pergunto: por que vocês não pegaram coisa nenhuma? Porque não existe mais peixe aqui. Raramente a gente pega um peixe. (DEPOENTE 2, Anexo II)

Em alguns momentos percebe-se que o depoente 2 utiliza do artifício da imaginação para completar suas lembranças, como no caso do “mero de mais de cento e cinquenta quilos”. Isso é perfeitamente compreensível, e até natural para quem trabalha com a metodologia da história oral. Bergson, também já havia chamado atenção para tal fato:

Completar uma lembrança com detalhes mais pessoais não consiste, de modo algum, em justapor mecanicamente lembranças a esta lembrança, mas em transportar-se a um plano de consciência mais extenso, em afastar-se da ação na direção do sonho. Localizar uma lembrança não consiste também em inseri-la mecanicamente entre outras lembranças, mas em descrever, por uma extensão crescente da memória em sua integralidade, um círculo suficientemente amplo para que esse detalhe do passado apareça. (BERGSON, 2006, p.274)

O que importa, na verdade, para o pesquisador que atua no campo da fenomenologia, é a percepção da essência da degradação ambiental que é trazida à consciência do depoente, através do relato de suas vivências em relação ao fenômeno intencionado. Neste caso, o depoente 2 é bastante claro: “...isso foi muito triste.”

Eu me lembro que uma certa vez pegaram aí um mero de mais de cento e cinquenta quilos. Olharam aquilo admirando, mas achando uma coisa natural, porque peixe tinha em abundância e agora não existe mais, isso com muita raridade, muitos pescam mais por esporte, porque tinha uma profissão, são aposentados e aproveitam então aquele momento de folga e vão pescar, se pegam alguma coisa, muito bem, se não pegam pra eles não há diferença que foram para se distrair, isso aconteceu depois da poluição do rio, muitas vezes colocavam aquela placa “Proibido Banho”, quer dizer a água estava a tal ponto na sua poluição que ninguém se atrevia a querer tomar banho aí, ainda hoje muita gente se recusa a tomar banho porque aonde era areia, a gente caminhava: areia, areia, areia, hoje é lama, lama, lama com aquele odor desagradável, isso foi muito triste.(Depoente 2, *Idem*)

Neste extrato, pode-se perceber com bastante clareza, como as lembranças-ação captam lembranças-imagens para construir a memória sobre o que se intenciona: num momento é a imagem do “mero de mais de cento e cinquenta quilos”, noutra da “placa de Proibido Banho”; ao final a imagem reafirmada por repetições que imediatamente se atualizam no presente: “areia, areia, areia, hoje é lama, lama, lama”. Por fim, o depoente faz uso de outro sentido do seu corpo, o olfato, para completar a lembrança: “lama com aquele odor desagradável”. (*Ibidem*)

Sobre o papel do corpo e dos seus sentidos no processo de construção da memória, Bergson faz a seguinte observação, que ajuda a compreender como se opera

tal processo, tanto no 1º como no 2º depoimento. No primeiro, o lugar de “filha de um carpinteiro”; no segundo, de “um frequentador assíduo da prainha”:

No que diz respeito à percepção, nosso corpo, pelo lugar que ocupa a todo instante no universo, marca a partes e os aspectos da matéria sobre os quais teríamos ação: a percepção, que mede justamente nossa ação virtual sobre as coisas, limita-se assim aos objetos que influenciam a nossos órgãos e preparam nossos movimentos. No que diz respeito à memória, o papel do corpo não é armazenar as lembranças, mas simplesmente escolher, para trazê-la à consciência distinta, graças à eficácia real que lhe confere, a lembrança útil, aquela que completara e esclarecerá a situação presente em vista da ação final. (BERGSON, 2006, p.209)

O depoente 2 segue descrevendo suas memórias sobre a degradação ambiental do lugar onde vive, agora acrescentando, como no primeiro depoimento, a questão dos afetos. Nesse momento, o divertimento com os filhos passa a ditar a tônica do discurso e sua indignação com a degradação se mostra evidente: “eu não aceito de jeito nenhum”. Ao que tudo indica, são as lembranças afetivas aquelas que mais nos impulsionam a lembrar; e é lá, no lugar aonde elas se encontram armazenadas, que as imagens-ação vão resgatar sua potencialidade de trazer à consciência o fenômeno que se intenciona conhecer.

Antes eu, meus filhos e minha família tomávamos banho aí despreocupados de qualquer coisa, nós entrávamos, somente areia, areia, areia nem pensávamos na poluição, nunca ninguém ficou doente por causa disso e agora eu não me atrevo a fazer isso, eu não aceito de jeito nenhum, porque os pescadores que têm conhecimento mais profundo nessa área do que eu, eles mesmos confessam que existia uma poluição muito grande nessas águas que eu gostava de me banhar com os meus filhos, minha família, etc.(DEPOENTE 2, Anexo II)

Noutro momento o depoente ainda é mais enfático, e acrescenta à percepção sobre a degradação ambiental da prainha, um componente fundamental: a suposta “ignorância” dos pescadores que pescam peixes pequenos:

Antes [...] traziam (as pessoas) um peixinho dali mesmo, fresquinho, fresquinho que pegou naquele momento e hoje não se faz mais isso, infelizmente, eu acredito também, é por culpa de muitos pescadores, porque eles pescam aqueles peixes pequenos que eles não vão usar e jogam centenas, milhares e milhares aí na terra porque não levam para casa nem vendem, porque também ninguém compra e aqueles peixinhos que seriam peixes maiores no futuro e que eles pegariam para vender como faziam antes, eles não conseguem mais, porque eles mesmos por ignorância, certamente, jogam todos aqueles peixes fora na areia, você caminha assim e vê milhares de peixinhos, tudo na areia, na areia não, no piso, na lama, na lama, isso aí trouxe para eles um prejuízo muito grande, quem vivia da pesca não pode mais pescar porque aqueles peixes que eles poderiam pescar, eles pegaram pequenos e jogaram fora. Eles não têm consciência disso é ignorância total, falta de instrução, apesar de viver disso. (*Id. Ibidem*)

O depoente não poupa críticas aos pescadores, que, segundo sua percepção, além de pescarem peixes pequenos, ainda vendem o pouco que pescam nas águas poluídas da prainha, causando riscos à saúde das pessoas que lhes compram dito produto.

[...] mesmo com essas águas poluídas eles (os pescadores) não se preocupam, eles querem vender o peixe, eles querem pegar o dinheiro, se alguém vai comer daquele peixe e adoecer, eles não se preocupam com isso, o que interessa a eles é vender o peixe que pegam e as pessoas que come aquele peixe, se adoecerem problema delas, essa é a visão dos pescadores, infelizmente por ignorância. Eu jamais comeria peixe daí, porque eu sei do que se trata, tenho conhecimento disso e jamais, jamais, a não ser por um equívoco, se alguém pegasse um peixe ali e fosse vender lá fora e eu não soubesse, aí eu compraria por engano, mas pra sair daqui e comprar peixe lá, jamais faria isto. Isso eu fazia antes com segurança total, porque eu sabia que as águas eram puras. (*Id. Ibidem*)

Outro elemento importante acrescentado à compreensão sobre a degradação ambiental da prainha é, na percepção do depoente, a falta de educação da população que joga lixo nas águas do rio. Sobre este fato ele também não deixa de demonstrar sua indignação e, de certo modo, sua impotência em poder transformar esse estado de coisas:

O lixo da água ninguém pode tirar, até as pessoas mesmo, muitas vezes por ignorância atiram tudo no rio, nessas valetas que têm aí, eles põe cachorro morto, colchão velho, põe tudo quanto não presta, tudo falta de instrução, falta de educação, isso tudo corre para o rio, isso

contribui para aumentar cada vez mais a poluição do rio que nós estamos tratando. Então a população tem muita culpa com isso: falta de conhecimento, ignorância, fazem isso, seus filhos também fazem isso, porque não têm instrução e não foram capacitados para evitar essas coisas. (*Id., Ibidem*)

Assim como a primeira depoente, este segundo também faz questão de destacar o impacto sonoro como mais um elemento que tem contribuído para a degradação ambiental da prainha do bairro Industrial.

A mim de certo modo o barulho me incomoda, porque eu não gosto de barulho, eu respeito a opinião das pessoas, o que elas gostam de fazer, já cheguei, até mesmo, a telefonar pra a polícia e ela atendeu o telefonema para que o som que estava me prejudicando fosse diminuído e eu pudesse dormir, isso tem incomodado às vezes, mas fora isso ... Antes não havia razão para ter festa, era tudo areia, tudo sujo aí, ninguém se preocupava com o bairro tanto como hoje. (*Id. Ibidem*)

Noutro momento, retoma a percepção a respeito das fábricas como as grandes responsáveis pela degradação do referido local e, mais uma vez, faz uso das suas memórias olfativas para sustentar a sua argumentação.

As fábricas foram as grandes responsáveis pela poluição das águas, porque os dejetos que elas puseram nas águas contribuíram bastante para que as águas fossem impróprias para banhos, e coisas semelhantes, elas contribuíram, mas não somente elas, mas também a população. É isso! O odor da água mudou completamente, desagradável! Uma vez a água limpa não poderia jamais ter o mesmo odor que tem justamente a água suja, né? São opostos: uma é limpa e a outra é suja, de maneira que mudou consideravelmente, foi isso que mudou. Elas contribuiu muito para que as pessoas conseguissem seus empregos, o seu meio de vida, mas, por outro lado, não deixaram de contribuir para a poluição do rio. (*Id. Ibidem*)

Em seguida, o depoente 2 retoma a direção das suas lembranças afetivas e, mais uma vez, fala de sua relação da sua família com a prainha. Nesse momento, suas lembranças retomam a imagem sobre “duas árvores bem frondosas” que já desapareceram.

Quando meus filhos eram pequenos, naqueles carrinhos-de-mão assim pequenos, eu colocava eles naquele carrinho lá na frente tinha duas árvores bem frondosas. Eu os colocava ali embaixo tomando aquela fresca e eles dormiam à tarde todinha (entonação saudosa) e hoje não se faz mais, né? Então, esse prazer e essa alegria nós perdemos e hoje não se faz mais, né? Mas, eu me lembro muito bem que tanto os mais velhos como os mais novos, todos eles foram beneficiados por esse prazer que a natureza lhes oferecia na prainha com aquela fresca agradável, com aqueles soprar de vento, como que puro, destituído de impurezas e hoje não é mais assim, hoje é diferente, hoje é completamente diferente. (*Id., Ibidem*)

Procuramos algumas imagens simbólicas que nos dessem uma pista de onde poderiam estar localizadas essas árvores. Encontramos duas referências: uma fotografia da década de 1980, do acervo do Arquivo Público Municipal; e uma pintura de Jordão de Oliveira intitulada “Bairro Industrial”, do acervo da Galeria José de Dome. Seria alguma delas um pé de maçaranduba, a mesma árvore que dava nome ao antigo bairro? A sombra de qual dessas árvores o depoente 2 “tomava fresca com seus filhos”? São questões ainda por resolver.



Figura 11 – Praia do Bairro Industrial, década de 1980

Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal, reproduzida de Graça (2005)

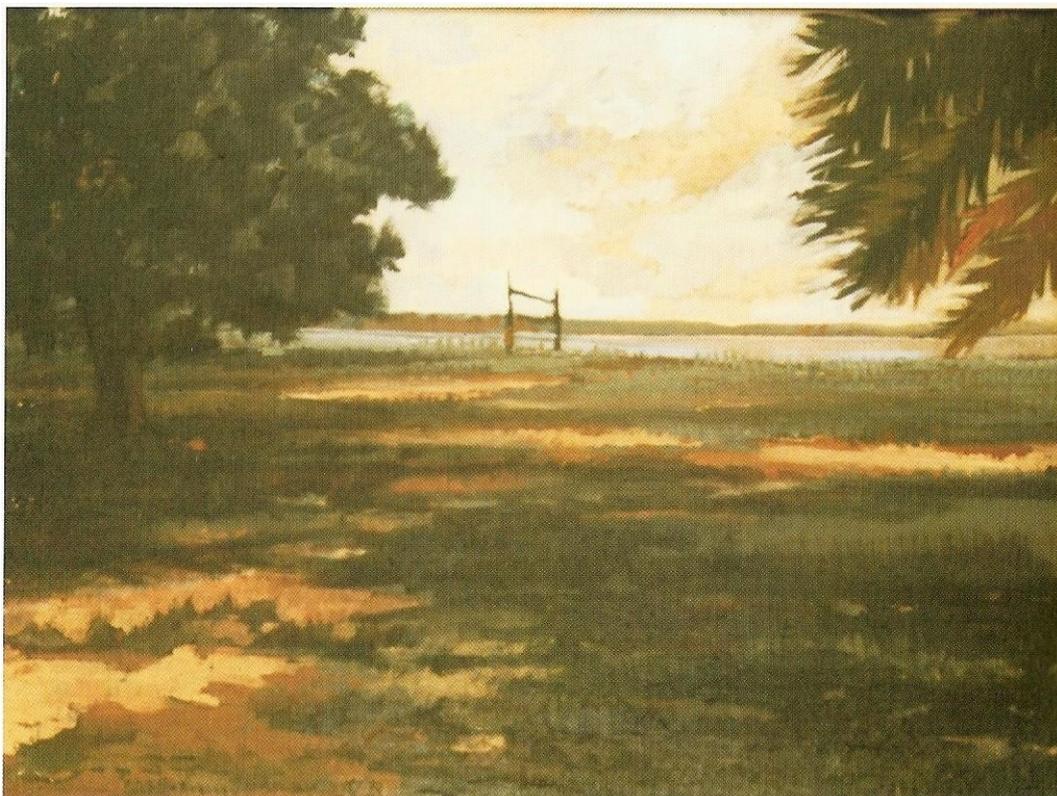


Figura 12 – “Bairro Industrial”, de Jordão de Oliveira (Óleo sobre tela)

Fonte: Acervo da Galeria José de Dome. FUNCAJU (2005).

Porém há outra questão que o depoente 2 aprofunda com um clareza de detalhes bastante significativa, numa descrição um pouco mais aprofundada que o primeiro depoimento. Trata-se da destruição do mangue que existia logo no início da prainha, depois da atual localização dos mercados municipais, no exato local onde hoje existe uma ponte.

A extensão da praia não chega a um quilometro, é muito curta, então, mesmo você levando em consideração esse aterro que fizeram aí para colocar essa ponte que liga justamente o bairro ao centro, mesmo assim não dá um quilometro não. Quando eu cheguei não tinha ponte, não tinha nada, era tudo mangue, eu assisti colocarem centenas, centenas de caminhões de areias para aterrar, cortando o mangue e colocando em cima, aterrando, aterrando. Cortando e aterrando, cortando e aterrando, centenas de carros, de carretas aí despejavam aquelas coisas, despejavam, despejavam, aterravam, aterravam, até conseguirem fazer o aterro como se vê hoje, mas tudo aquilo era mangue. A prainha não tinha mangue, fica aí mais em frente essa fábrica do ex-governador do estado, Dr. Augusto Franco. Então esse mato que se via antes ali, que eu achava esse mangue, eu achava até

bonito porque eu gostava de ver os caranguejos caminhando, - olha os caranguejos!! Os caranguejos, ali! Caminhando. E aquilo me chamava atenção, aquilo me distraía, né? Obra da natureza, aquilo me chamava atenção para meditação, ver aqueles animalzinhos para lá e para cá, entrava num buraco, saía de outro e hoje não se vê mais, acabou, né? Porque eles desmataram tudo, aterraram... (*Id., Ibidem*)

Graça (2005) também faz referência à construção dessas pontes, enquanto fotografias da época retratam o seus processos construtivos, sem, contudo, se preocuparem com a destruição do mangue; nem, tão pouco, com o desaparecimento dos “caranguejinhos” que tanto distraiam o depoente 2, essas são vivências que só existem nas suas lembranças.



Figura 13 – Construção da ponte da Avenida João Rodrigues

Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal.

Disponível em <http://aracajuantiga.blogspot.com.br/2009/09/o-bairro-industrial.html> .

Acesso em 13 de Nov. de 2012

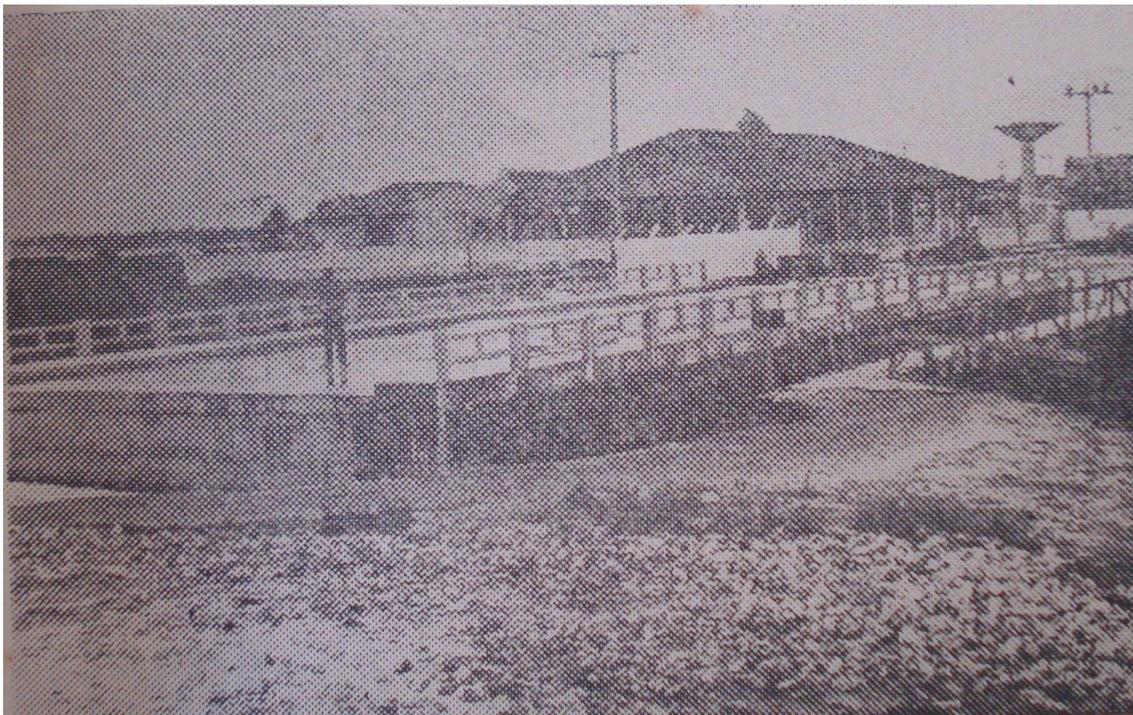


Figura 14 - Construção da ponte da Avenida João Rodrigues (2)

Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal.

Disponível em <http://aracajuantigga.blogspot.com.br/2009/09/o-bairro-industrial.html>.

Acesso em 13 de Nov. de 2012



Figura 15 - Construção da ponte da Avenida João Rodrigues (3)

Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal.

Disponível em <http://aracajuantigga.blogspot.com.br/2009/09/o-bairro-industrial.html>.

Acesso em 13 de Nov. de 2012

Em 1973, a ponte da Rua Belém, que antes era apenas um pavilhão de madeira, estava sendo concluída e deveria passar a ser a principal via de acesso ao bairro Industrial, uma vez que a Avenida Confiança iria passar por reforma com a drenagem e pavimentação à paralelepípedo. Naquele ano, os moradores passaram por mais transtornos quando a ponte de madeira da Avenida João Rodrigues desabou e os ônibus se recusaram a entrar no bairro, deixando os passageiros no Santo Antônio. (GRAÇA, 2005, p.131)

Contudo, estes não foram os primeiros impactos ambientais que atingiram os mangues e apicuns contíguos à prainha do bairro Industrial. Almeida (2010) relata o caso de outros aterros que foram realizados no ano de 1923, por ordem do Intendente Municipal Dr. Baptista Bittencout; os quais fazem alusão à construção da “Ponte do Tecido”, cuja finalidade seria facilitar o acesso dos operários às fábricas existentes naquela região, visto que as constantes inundações provocadas pelas marés costumavam impedir o trânsito seguro aos locais de trabalho. Além disso, tornava-se necessário viabilizar a expansão dos meios de transportes, muito particularmente da estrada de ferro, até o bairro Industrial. Para tanto, destruíam-se as dunas e aterravam-se os mangues.

A grandiosidade dos aterros da primeira metade do século XX deve-se à busca de novos acessos e ao desenvolvimento urbano da cidade de Aracaju, notadamente do bairro industrial. A prática de aterramentos de lagoas, baixadas inundáveis, manguezais e apicuns esteve associada às construções da estrada de ferro que cresceu concomitantemente à referida prática. Havia, assim, uma relação de dependência, um ciclo vicioso que, ao mesmo tempo, desterrava dunas, aterrava manguezais e ainda ofertava espaço para a construção de mais quilômetros de ferrovia. (ALMEIDA, *op. cit.*, p.67)

O depoente também descreve, como muito pesar, que, na sua percepção, a degradação não diz respeito unicamente aos impactos causados no ar, nas águas, ao barulho ou ao desaparecimento dos caranguejinhos. Ela também tem uma vertente essencialmente humana e social:

Antes não havia aquela preocupação de você sair à noite ou à tarde pra um lugar, num lugar assim pouco deserto, porque felizmente no passado, não existia no passado o que está existindo hoje, quer dizer, aquele rapazinho de quatorze, quinze, dezesseis anos com uma arma na mão, impondo um revólver ou uma faca para tomar de um cidadão de bem aquilo que ele tem ou o que ele leva naquele momento e isso deixa triste, quem olha para esse mundo com o objetivo de vê a humanidade mais feliz, mais saudável, com a memória mais pura, não vê, no passado você via isso, quer dizer, aquela ingenuidade do jovem de quatorze, quinze anos, hoje um rapaz de quatorze, quinze anos não é mais uma criança jovem, já conhece tudo o que não presta, e prejudica a sociedade, intimida a sociedade. (DEPOENTE 2, *Idem*)

O depoente demonstra mais uma vez que suas lembranças constroem-se como atualizações do presente, do aqui e do agora, da sua felicidade de viver em um lugar bem cuidado pelo poder público e, por outro lado, deixa transparecer, mais uma vez, seu sentimento de desilusão, impotência e tristeza com relação à degradação ambiental da prainha.

Hoje a gente tem prazer de chegar na Orlinha e se sentar, tomar aquela fresca e olhar assim, vê o jardim, uma planta, outra, tudo verdinho, no seu devido lugar, né? Então as autoridades zelam, pode ser quem sabe, para mostrar quem chega a Aracaju, de que ela é uma pessoa responsável pelo que está fazendo, se está fazendo alguma coisa. De fato está fazendo mesmo, nós sentimos, não podemos negar, esse cuidado, esse zelo que elas têm, não é? Para que aquele local que antes que nem se pensava que se tivesse isso, hoje a gente pensa que está sonhando, aí eu penso que estou sonhado, será que estou vendo mesmo, ou eu estou imaginando que estou vendo!? Quanto a isso, melhorou consideravelmente, na limpeza, tudo, em tudo mesmo. Faz bem, faz gosto morar aqui no Bairro Industrial. Apesar que a água está poluída, mas isso não tem mais jeito. (*Id. Ibidem*)

Talvez nesses sentimentos contraditórios residam as essências das vivências rememoradas pelo depoente 2; é assim que a degradação ambiental da prainha se mostra para ele, como algo que “não tem mais jeito”. É assim que ele apreende esse fenômeno através da sua consciência, diretamente, sem rodeios ou modelos compreensivos, desfrutando da plena liberdade de ser humano; percebendo as coisas diretamente, sem qualquer tipo de amarra intelectual.

As memórias da depoente 3 constroem-se com base numa imagem-lembrança bastante significativa, que diz respeito a mais um impacto ambiental que atingiu as águas da prainha; dessa feita relacionado com um suposto vazamento de “óleo” proveniente da deterioração de um dos tanques que abasteciam os navios que atracavam no porto de Aracaju. O mais interessante, é que para buscar a referida lembrança, a depoente utiliza-se de uma imagem-ação que lhe proporciona comparar as águas do rio Sergipe com as da praia do Francês, em Alagoas; muito provavelmente uma boa recordação de uma viagem inesquecível.

A água antes era limpa, e a areia era alva, não era assim cristalina que nem da praia do Francês, porque a praia do Francês você joga um anel aqui e lá e você tá vendo o anel, não era uma água assim, mas era uma água limpa e era um lugar bem frequentado. Ninguém ficava doente de jeito nenhum, que eu saiba não. Agora teve uma época que, eu não me lembro bem essa parte aí, não sei se foi a turbina, que chama a encanação né?, da Esso, que o ferrugem corroeu; não sei essa parte aí eu não me lembro. Teve uma época que, ou era gasolina, ou era óleo, querosene, não sei, só sei que eu só via gente com funil enchendo as vasilhas porque dizia que acendia o fogo. Nessa época ficou proibido tomara banho aí. Mas não era todo dia não assim, que tomava banho. [...] O navio encostava ali, de frente aonde é esse prédio agora, eu acho que quem trazia o óleo; como meu pai falou com você assim, mais ou menos, eu não sei, essa parte eu não me lembro bem, mas eu acredito que era o navio que atracava aí. O porto dele era aí né? E abastecia a Esso. Dali da Esso prá passar como meu pai lhe falou, prá repassar prá os consumidores, essa parte eu não me lembro bem. [...] (DEPOENTE 3, Anexo III)

Noutro momento a depoente 3 acrescenta um outro tipo de impacto, desta feita relacionada com a fábrica de piaçaba que funcionava depois do chácara Chica Chaves, no extremo norte da prainha. Ela se refere a uma “tinta vermelha” que vertia nas águas; e que, na sua percepção, era proveniente da limpeza das máquinas da referida fábrica.

O lixo era assim, não era totalmente, só mais prá lá um pouquinho, acho que quando ia lavar algum, como eu quero dizer, fazer a manutenção das máquinas, mas era pra lá, pra cá não. A água era assim, incolor, meia vermelhinha, devido o bagaço do coco, a manutenção das máquinas, mas não era muito não, mas só prá lá. Não tem a fábrica de Sergipe, como é, a fábrica de fibra? Que tem aquela casa de veraneio? Então, prá lá é que ficava, que a frente dá pra cá, no Porto Dantas, e acho que o fundo da fábrica mesmo é pra cá dando para o mar. Pronto, é isso mesmo, agora meu pai te responde isso tudinho direitinho. (*Idem*)

O depoente 4 foi um pescador de 64 anos que ainda pesca nas águas do rio. Este depoimento foi coletado na margem das águas, ao lado das canoas, quando o depoente acabava de voltar do seu ofício. Ali, com os pés na areia, pude sentir o incomodo das pedras provenientes dos cascalhos de restos de construções que os moradores jogam na prainha; além de ter a oportunidade de ver uma grande quantidade de resíduos que se acumulavam no local.

O odor também não era nada agradável, cheirava a esgoto, lama e lixo. Mesmo assim, não foi possível esquecer, durante aquele contato, duas referências que definiam bem a contradição do momento: A primeira foi do jornalista Luiz Eduardo Costa (In. ALVES, Apresentação, 2006) que disse: “O odor nauseabundo que agora exala do rio, entra pelo nariz das pessoas, e isso deve servir para despertar consciências”. A segunda, bem mais amena, provém de Mário Cabral (1955) que, de maneira romântica, como convém aos poetas, descreveu o perfil dos pescadores da Aracaju de outrora, usando os seguintes termos:

Você irá vér e admirar os pescadores da minha cidade.

São homens fortes, de péle bronzeada e músculos encordoados, que, dia e noite, arrostam o grave perigo do mar ignoto.

Vivem uma vida simples e primitiva.

Moram em casas de palha, pescam de grosseira, tarrafa ou rêde grande, bebem cachaça, tocam viola nas noites de plenilúnio e amam sobre a esteira do casebre ou sobre a areia dourada da praia.

Vivem espalhados pelo Bairro Industrial, pela Barra dos Coqueiros, pela Praia 13 de Julho, pela Atalaia Nova, pelo Mosqueiro e pela Praia de Atalaia.

Alguns deles, mais tímidos ou mais comodistas, limitam a sua atividade às águas fluviais, quando se arriscam a pescar na boca da barra. (CABRAL, *op. cit.*,p.106)

Foi justamente sobre a qualidade da pesca nas águas no estuário do rio Sergipe que verteu a percepção deste pescador. Primeiro ele relatou a quantidade de peixes que desapareceram; para depois fazer uma critica aos pescadores que usam rede grande, matando os peixes pequenos; para, finalmente, observar que os resíduos tóxicos, jogados pelas fábricas nas águas, têm matado os peixes do rio.

A gente pegava milombo aqui era de quilo, cinco seis quilos, hoje você não pega um aqui nessa rede aqui, se procurar você não encontra um pra remédio, você não encontra. Eu quero ver eu sair daqui de casa e dizer: - “Vou pegar um milombos , pegar dois quilos, três quilos, quatro quilos, e a isca era garantida claro. E hoje nem a isca, que nada! Pra você pegar um peixe você tem que medir distância. É porque inventaram também uma ruma de rede, e esse tipo de rede só pra matar o peixe. Porque os peixes miúdos ele não pega. Vai pegar o que, o grande e o miúdo joga fora. Antigamente você pegava aqui uma arraia grande, hoje pra você pegar uma arraia grande aqui passa anos e anos. Barrote de baía!? a gente pegava muito aqui e hoje você não vê pega barrote de baía. Fugiu tudo daqui, por causa da poluição. Agora a rede grande também arromba com o pescado daqui.

A rede grande é pra o oceano. E aqui tinha muita caceia. Antigamente do mesmo jeito que pegava o caranguejo, pegava o caranguejo na tora. Hoje é na palhazinha, na redinha. Quantos milhares de caranguejo você acha que eles perdem? Vamos dizer que eles botem cinquenta redinhas, ele vai tirar quantas cordas? Cinquenta redinhas, vamos supor que ele tire trinta, trinta caranguejo, vinte já fica lá, tudo enganchado, tudo morto. Agora você vê, quem era antigamente, no braço, na tora, e hoje não.

E também essas fábricas todinhas que lançaram agora, eles quando vão lavar, jogam umas coisas dentro da água que matam tudinho. Até de pé mesmo vê por aí, que as águas vai pro rio. Aqui mesmo oi, aqui essa fábrica, pode olhar, que joga uma droga, um corante que você mesmo pensa que você estava na fábrica. E está começando tudo de novo, o corante. Aquele corante que vocês trabalhavam, jogavam, tão jogando tudo de novo, aí o peixe desaparece. Essa agora, que estão condicionando tudo de novo, que estava fechado. (DEPOENTE 4, Anexo 4)

O quinto depoimento coletado foi marcado pela experiência da dor e da pobreza. Tratava-se de uma senhora com 69 anos, paralítica, viúva de pescador, que a partir da realidade de sua situação existencial, no aqui e agora do seu sofrimento: esperando uma solução para sua enfermidade e uma cadeira de rodas para se movimentar; narrou sua experiência com relação à prainha, revelando a percepção de que tanto os esgotos de Aracaju quanto a falta de consciência ambiental dos habitantes do bairro Industrial, que jogam todo tipo de lixo nas águas, são causas da degradação ambiental do rio que ela experimentou diretamente, pois afirmou que nunca gostou de tomar banho no referido local.

[...] antes a água era mais limpa, da prainha. Agora não tá mais limpa, botam tudo de Aracaju pra passar pra dentro né?! Antes eu pescava pra vender, de redinha. Pegava camarão. Pescava de redinha. Agora é que não tem mais redinha. Ele ia pescar, quando chegava ele deixava a rede velha e pegava de redinha para arrumar os camarõezinhos. Os meninos saía com os pratinhos, vendendo nas portas, camarões, peixe.

Eu sofri muito, por isso que eu estou dessa maneira. Eu mesma ia pescar. [...]

Eu nunca gostei de tomar banho na prainha, nem deixava que meus filhos tomassem. Porque eu tinha medo de vidro, sabe, tinha muita porcaria, o povo botava porcaria dentro. Naquele tempo já sacudiam lixo, bicho morto. Agora tá mais limpo. Naquele tempo era pior, a pobreza né? É nojenta né?

Agora a água está mais suja né? É! tá mais suja, contaminada. É!, oi, eu pescava mais não tomava banho. (DEPOENTE 5, Anexo V)

Destaca-se também neste depoimento uma percepção intrigante sobre a condição social da depoente; diante da sua experiência de vida, ela afirmou: “a pobreza é nojenta”. Tal afirmação apresentou-se, no mínimo, como inquietante. Ainda mais quando a depoente pareceu desafiar o pesquisador a manifestar sua opinião, ao perguntar: “É nojenta né?”. Mas não havia o que responder; aquele não era momento para respostas. Perturbou-nos, contudo, a necessidade do silêncio. Assim sendo, permaneceram inquietações que não encontrarão solução: Será que a depoente compreendeu que o pesquisador compartilhava com tal afirmação? Será que em algum momento daquele encontro existencial de intersubjetividades o pesquisador deixou transparecer aquela ideia?

Um pouco mais amena foi a experiência com o depoente 6 que, num primeiro momento, compartilhou das mesmas percepções da depoente 3, correspondendo-se em dois pontos: primeiro, ao afirmar que os navios que chegavam ao porto e se abasteciam em depósitos localizados nas margens da prainha, vertiam óleo nas águas do rio e, segundo, ao haver percebido que a indústria de fibras derramava uma substância, na sua percepção “meio amarela”, que contaminava as águas. Em seguida, também dialoga com a depoente 2, ao afirmar que havia uma “usina” nas margens da prainha onde os bondes recolhiam e que, eventualmente, também jogavam óleo nas águas. Noutra ocasião, como em outros depoimentos, a percepção do depoente 6 sobre a degradação passa por lembranças afetivas que resgatam os momentos nos quais sua filha catava siris nas margens do rio.

Antes eu tomava banho, a minha família não gostava não, mas eu mesmo gostava de pescar, porque o siri, quando vinha a maré na época, há trinta anos atrás, os siris vinham brigando um com o outro, eu vinha de sacola cheia, balde cheio. Hoje para você arranjar siri você sofre. Minha filha mesmo gosta de pescar, mais vai lá e não traz nada e antes era eu com a sacola cheia num instantinho. Tinha muito siri, não existia essa ruma de pescaria que existe hoje. [...] (DEPOENTE 6, Anexo VI)

O depoente 7 foi um senhor de 62 anos, radialista aposentado, falante, um homem de boa comunicação que vive numa das casas que restam da antiga vila operária, localizada bem na frente do calçadão da Orlinha. Torna-se interessante notar como do discurso desse senhor pode-se abstrair a noção de impacto ambiental positivo; pois na sua percepção, assim como na do depoente 1, dita construção representou uma melhoria para a prainha; visto tê-la transformado num local aprazível, ideal para passear e rever os amigos.

Antes, porém, só existia “uma favela”, na qual os moradores tomavam banho na rua e despejavam dejetos no rio; poluindo-o ainda mais as águas. Na sua percepção, portanto, a situação atual é muito melhor, porque no passado só havia lama e sujeira. Refere, ainda, que falta educação às pessoas; as quais ela chama de “vândalos”, visto que depredam a Orlinha e não se preocupam em preservá-la.

Isso aqui já foi praticamente uma favela (referindo-se à Orlinha), eu vivi aqui numa favela. Essa avenida aqui era toda fechada de barracos, aqui na frente mesmo. Abria a porta, me deparava com uma favela na frente da casa, inclusive as pessoas tomavam banho no meio da rua. Claro que era de piçarra, chão batido.

Ainda hoje os esgotos dessas casas correm para o rio. Eu, por exemplo, tenho duas fossas aqui, uma seca e uma que recebe, entendeu? Mas só passa por aqui água e despeja no rio. Depois de algum tempo aí, Deda resolveu construir a Orlinha. Com a construção da Orlinha, ficou muito melhor, evidentemente, entendeu? Agora, o problema são os vândalos, porque se isso aqui fosse preservado, mantido, estaria muito bem. Já melhorou uns oitenta por cento com o advento da Orlinha né, mas acontece que os vândalos não deixam, eles querem que a gente viva no escuro. Eles quebram os bancos, eles destroem os quiosques, esse tipo de coisa, entendeu? Mas com o advento da orlinha isso aqui melhorou bastante. (DEPOENMTE 7, Anexo VII)

O depoente 8 tinha 76 anos e também foi pescador, muito embora tenha trabalhado durante 35 anos como operário da indústria de processamento de coco Serigy. Assim sendo, sua percepção tem um duplo viés: o do rio e o da fábrica. Para escutá-lo tivemos que ter muita paciência; virtude indispensável a qualquer pesquisador que se proponha a trabalhar com história oral.

O discurso deste depoente “flutuou livremente” e ele contou muitos causos; como convém ao tempo de um pescador aposentado. Mas, isso não teve o menor problema, o tempo era dele e não da pesquisa. Coube-nos ouvir atentamente, numa atitude de “escuta flutuante”, esperando que ele tocasse, aqui e ali, no tema da

degradação ambiental da prainha. Quando isso acontecia, suas memórias eram bastante claras e sua percepção extremamente aguçada.

Aí no rio caía o lixo. Caía aquela coisa ordinária do coco, da água de coco, de tudo e aí jogava no esgoto, no cano que ia pra rua. Não tinha nenhum tipo de tratamento. Nenhuma fábrica tinha, nem a Confiança, nem a Serigy. Eles mesmos sabiam, era uma poluição e um fedor ordinário. Mas isso não atrapalhava a pesca, porque, como diz a história, ninguém é de ninguém, ninguém é nada na vida, é Deus que marca o que a gente faz. (DEPOENTE 8, Anexo VIII)

Destaca-se neste discurso a percepção de que a poluição não atrapalhava a pesca. Compreendeu-se tal afirmação quando ele explicou que não pescava nas águas da prainha, mas um pouco distante dali, na parte aberta do rio e não no seu estuário. Este depoente ainda dialoga com seu outro companheiro, também pescador, o depoente 4, quando afirma que os barcos que usam redes grandes matavam os peixes pequenos e prejudicam a pesca, causando um grave impacto socioambiental; pois com a matança indiscriminada dos peixes menores, os pescadores tradicionais ficavam sem ter o que pescar.

A pescaria aqui não diminuiu de maneira alguma. Ainda tem peixe demais, tanto o robalo quanto a pescada, são peixes sadios. Nem a sujeira me impediu de pescar aqui, não! Só quando vinha os barcos de pesca lá no alto mar, pra fora, encostado na beirada da costa, que eles ficam de férias um mês aí eu vou. Porque os barcos não tão pescando aí, os peixes vem e entram na boca da barra, mas quando eles estão pescando camarão e tão arrastando o arrastão aí o peixe, aí oi!, Desaparece tudinho. Em termo de pescaria, o tempo de antes era muito melhor, porque dava peixe. Dava muito peixe. O tempo de antes era superior. Toda vez que ia pegava quinze, vinte, trinta, quarenta. Agora pra o senhor pegar dez ou doze pescada, é um Deus me acuda, estão a mercê de Deus. Essa é minha vida, toda a vida foi assim. (*Id. Ibidem*)

O depoente 9, um senhor de 67 anos, também foi operário, só que da antiga fábrica de tecidos Confiança. Hoje trabalha como taxista. Sobre o tempo que trabalhou na fábrica, o depoente tece importantes detalhes, inclusive sobre o impacto que os resíduos causam na sua saúde e na degradação das águas do rio Sergipe.

Eu trabalhei vinte e nove anos na fábrica. Meu serviço lá era... Eu comecei com idade de quinze anos. Comecei como pião, depois passei a lubrificador, depois tomei conta de uma equipe, depois passei

a tomar conta, assim, quase da metade da fábrica sobre minha responsabilidade, até no prazo de 29 anos. Comendo muita lã, uma poluição, que você olhava assim e só via aqueles granitozinhos na sua frente. Os filtros não dava condições não. A poluição, uma temperatura, um grau de temperatura que lá dava em média de trinta e oito, quarenta grau. Muito ruído, terrível, terrível mesmo. O calor era de quarentas graus. [...] depois dali ia pra outro setor chamado tinturaria. Ali era onde o pano era tinturado: vermelho, azul, preto, tinha muitos produtos químicos, estampava, e depois que passava naquele produto todo, o restante, aquela água, a bagaçada ia toda para o mar, os restos de resíduos ia todo pra o mar, todo o lixo da fábrica. O caroço de algodão separava pra vender que era a ração para o gado. E esses produtos químicos da tinturaria caía no mar, quando a gente pensava que não o mar tava vermelho, azul, tava verde, tava preto. Aí o que aconteceu, os peixes sumiu, hoje não tem peixe, não tem peixe de jeito nenhum, por causa da poluição, como daqui e como de outros lugares mais na frente no Socorro, que tem muitas indústrias lá. Os produtos também caem na maré, mata. Não sei se você chegou a ver que na televisão passou um tempo dele aí os caranguejos tudo morrendo? Aquilo ali era tudo morrendo, tudo veneno das indústrias. (DEPOENTE 9, ANEXO IX)

A percepção do depoente sobre o impacto ambiental causado pela fábrica, enquanto estava ativa, é bastante aguçada e se expande para além das dimensões do seu bairro. Certamente o fato de também ser taxista amplia sua visão, possibilitando-o enxergar consequências fora dos limites do bairro Industrial.

Em cima tinha o chaminel do qual saía uma fumaça preta, uma poluição, da lenha. Queimava a lenha e soltava uma fumaça preta. Essa fumaça preta ia atingir até o bairro Santo Antônio. Até o bairro Santo Antônio a poluição caía, aqueles pozinho preto. Eu tenho uma casa ali próximo ao campo do Confiança, que em cima do camiseiro você passasse a mão assim, você parece que estava pegando carvão, no camiseiro! Não era não, era? Você passava a mão no camiseiro, você melava sua mão no carvão, aquele pó, a poluição que entrava na casa do povo, e ia até o Bairro Santo Antônio. Eu tenho uma colega que abandonou a casa dela na rua São João e foi morar na Atalaia Nova, porque o filho não estava se dando, por causa da poluição da fábrica que estava atingindo lá na rua de São João, o bairro Santo Antônio todinho. (*Id. Ibidem*)

Noutro momento, imagens-ações profundamente afetivas, ligadas às suas brincadeiras na areia da prainha, vão coletar imagens-lembranças sobre a degradação ambiental, que o fazem assumir uma postura bastante crítica com relação ao aqui e agora da sua existência; que o levou a escolher viver num lugar degradado e a conviver com pessoas que, segundo a opinião do próprio depoente, não têm consciência ambiental.

Pra o rio? Vai mais coisas. Olhe! hoje o bairro Industrial que fica próximo ao rio Sergipe, ele cresceu. Então tem um canal que pega assim, no bairro Industrial ele pega mais ou menos quase um quilômetro de canal, e esse bairro todinho é jogado no canal, todo o resto de fossa de tudo, vai pra esse canal! Vai jogar aonde? Vai cair tudo na maré! O que é que acontece? Essa área ficou poluída, não tem um peixe.

Todo mundo, não tem saneamento básico, não tem, aí pronto. O povo faz o serviço de construção, sai colocando entulho aí dentro do rio, [...]. Aquilo ali não é do mar, aquilo ali é o povo que coloca ali dentro, é o povo que coloca ali dentro.

Antes era uma beleza. A gente tomava banho, jogava bola, pescava, tinha peixe, tinha camarão, tinha tudo. Hoje, só aparece um sirizinho quando a maré tá seca. E tem um tempo que o siri vem aqui. Mas eu não como um siri daqui de jeito nenhum. Eu também não entro nessa água, ela é poluída mesmo.

Antes eu jogava bola na praia. A praia era uma praia limpa, uma areia bonita, e quando ela secava a gente jogava de bola. Também não tinha tanta violência, como tem de uns tempos pra cá. Houve um tempo que aqui tinha muito barulho. Hoje graças a Deus melhorou, mas existia muito barulho.

O barulho vinha do som de carros, era disputa. Graças a Deus, quando o pessoal começaram a procurar a imprensa, procurar a polícia, a polícia militar, eu sei que por intermédio de um e de outro, chegou um final que hoje graças a Deus melhorou noventa e nove por cento. (*Id. Ibidem*)

A tônica do ruído como uma das formas de impacto ambiental foi exatamente o tema central da fala da depoente¹⁰: uma senhora de 62 anos, que a 34 anos mora no bairro Industrial, residindo na Avenida General Calazans, exatamente às margens da prainha. Numa de suas considerações mais relevantes, ela destaca, assim como o depoente 9, a falta de conscientização ambiental dos moradores daquele local; ao tempo que suas lembranças recuperam a memória sobre a poluição causada pelas fábricas de tecido:

[..] certo dia eu estava aqui nessa janela e me deparei com um cenário onde eu vi o rio ficar vermelho, e eu não sabia o que estava acontecendo! Aí, de repente! Uma informação ou outra, disseram que seria um resíduo da fábrica, que era uns corantes utilizados lá para as tecelagens, sei lá, e estava sendo despejado. Era meio dia, e ele saía muito quente. Eu saí daqui, cheguei perto do local onde tinha o despejo desse resíduo e a gente percebia assim a água, aquela temperatura fora do normal, a água do rio. E além dessa degradação aqui dessa parte, dessa contaminação que a fábrica jogava, tem também a contaminação dos esgotos do bairro Industrial que segue por um canal, e também tem seu destino para dentro do rio. E tudo isso contribuiu para modificar o cenário, a paisagem do que seria isso aqui há vinte anos. Além da população que também não ajuda,

também contribui com seus esgotos, com lixo, joga pneus, joga garrafa, limpa sua própria porta e joga dentro do rio Sergipe. Eu vejo isso aqui, limpando a porta e jogando dentro do rio. Quer dizer! Até animais mortos a gente já viu aí dentro do rio: o cachorro morreu? Não tem onde jogar? Joga aí dentro da prainha. Então são cenas como essa que a gente se depara e que a gente fica muito triste. (DEPOENTE10, Anexo X)

Finalmente, destaca-se no discurso da depoente 10 a ideia de que a consciência sobre algo se constitui por atos, não só o de falar e expor suas lembranças e percepções, mas através de ações concretas que visem modificar uma situação que causa dano à saúde da população. Tal fato se tornou evidente quando a depoente relatou as atitudes que foram tomadas com relação ao encontro de “paredões” de som, que nos finais de semana se reunião na Orlinha para promoverem disputas e badernagem.

A poluição sonora, essa realmente foi uma tragédia na nossa vida; não só minha como de todos os moradores aqui do residencial. Em 2010, antes disso a gente tinha um sossego. Em 2010 foi quando tudo começou: carros chegando, gente vindo de todas as partes da cidade, e começou realmente a perturbar o sossego da comunidade. Então assim, que ação se tomou? Praticamente nenhuma, porque as pessoas tem muito medo de reclamar, de procurar seus direitos; mas assim, apenas uma moradora da comunidade, depois de tanto sofrimento que a gente já tinha passado, conseguiu chegar ao ministério público e denunciar o que estava acontecendo, mas depois ela retirou esta ação porque ela ficou com medo de que outras pessoas soubessem que tinha sido ela, quando realmente se começasse o processo, ela ficou preocupada que descobrissem que foi ela a autora desta ação, e ela retirou esta ação. Depois do início dessa ação dela, depois da retirada, acalmou um pouco. Mas depois, em 2011, começou tudo novamente e bem pior do que era antes. A Avenida General Calazans estava tomada de veículos, vários carros de som disputando pra ver quem tinha o melhor som. Aí tinha a parte do vão da ponte, uma grande aglomeração, pessoas de tudo que era canto da cidade, das várias personalidades e a gente ficou sabendo que realmente a coisa era muito séria. Lá de baixo, de prostituição, de uso de drogas. Isso começava na sexta feira e sempre começava as oito, nove horas e só ia terminar no dia seguinte, lá pelas cinco, seis horas da manhã. Realmente todo esse período que a gente passou nessa vivência foi..., é como se você tivesse em uma guerra, sem sossego, sem contar ainda os tiros e as mortes que aconteceram nesse local e que a gente também se tornava refém de toda essa situação; porque os veículos eram estacionados tomando todo o acesso às garagens de nossas residências, e se nós precisássemos sair pra resolver qualquer coisa ficávamos impedidos de tirar os veículos da garagem pra sair. E isso toda semana. Sem falar no uso inadequado da via pública, das calçadas como sanitário, porque não era uma festa, era um improviso, não tinha nada. As autoridades não tinham ciência disso aqui pra

organizar, não era um evento realmente legal, era uma baderna. Não tinha autorização da prefeitura e a gente sofreu muito com isso aqui. Isso durou na faixa de um ano, assim realmente sem a gente conseguir ter sossego, foi na faixa de um ano, até que chegou um momento que tinha que se tomar uma decisão, que não tinha mais, estava incontrolável, estava insustentável conviver nesse ambiente. A gente estava perdendo nosso espaço para os marginais. Não podia dormir! Chegou sexta, sábado e domingo eram três noites que você ficava sem conseguir dormir e ter que trabalhar. Iniciar uma semana de trabalho sem condição realmente de trabalhar, porque três noites sem dormir não é fácil pra ninguém! (*Id. Ibidem*)

O referido problema se transformou numa questão de segurança pública e foi destaque na imprensa, como na notícia veiculada pelo jornalista Fábio Viana (2012), que apresentou a seguinte manchete: “Baderna embaixo da ponte: Playboys fazem disputa de som de carro usam drogas, fazem sexo e deixam a maior sujeira em área localizada embaixo da ponte Aracaju-Barra, no Bairro industrial. População está indignada.” (VIANA, Jornal Cinfom, edição 1540, p. 16)

Em suma, quando as lembranças trazem à tona histórias de vidas que foram marcadas por impactos ambientais que atingiram os lugares no quais determinadas pessoas escolheram viver; possibilita-nos uma melhor compreensão do fenômeno intencionado, pois as consciências dessas vidas humanas vêm à tona e nos revelam existências marcadas, feridas e sofridas. Quem sabe nisso reside a essência da degradação ambiental de determinada área? Em dor e sofrimento, indignação e impotência. De fato, o homem é o melhor referencial para sua própria compreensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mostra através da perspectiva fenomenológica, que privilegia a percepção direta do depoente, como as memórias de 10 (dez) sujeitos são construídas com relação à degradação ambiental da prainha do bairro Industrial, na cidade de Aracaju.

Através da aplicação da metodologia da história oral temática e do uso de fontes secundárias, esboçou-se uma história ambiental do referido lugar, prevalecendo-se das mediações críticas do tempo, que nos permite assumir um papel social ativo no desvelamento de consciências submersas. Nesse sentido, desvelou-se a compreensão sobre a degradação da prainha, que intuitivamente foi revelada pelos depoimentos dos próprios sujeitos da pesquisa.

Dessa forma, percebeu-se que o desenvolvimento da cidade de Aracaju, e do bairro Industrial em particular, foi planejado com base na destruição de morros e no conseqüente aterramento de riachos, várzeas, mangues e apicuns. Compreendendo um longo processo de degradação ambiental, construído por rupturas e continuidades.

Percebeu-se, também, que a área do estuário do rio Sergipe, no qual está localizada a prainha do bairro Industrial, apresenta elevados indicadores de degradação ambiental; ao tempo que desempenha economicamente um papel fundamental para sobrevivência das populações que vivem nas suas margens, e que utilizam o rio para pescar, movimentar-se e divertir-se.

Compreendeu-se que o ecossistema estuário-manguezal é altamente complexo e dinâmico e tem sofrido, historicamente, constantes agressões antrópicas; que têm provocado importantes impactos ambientais com conseqüências naturais e socioambientais bastantes significativas.

Assim sendo, considera-se que os estudos sobre os referidos impactos devem contar com a integração do maior número de informações possíveis, para que possam ser interpretados de maneira mais ampla e que, portanto, possam resultar em intervenções precisas, que tanto objetivem preservar a biodiversidade do referido ecossistema quanto proporcionar melhor qualidade de vida para sua população.

Desse modo, conclui-se, com esta pesquisa, que se devem elaborar avaliações de dano ou impacto ambientais que prevejam, além da enumeração de dados objetivos e mensuráveis, estudos de campo e sócio históricos que levem em consideração a

interação homem/natureza. Para tanto, considera-se que a memória constitui-se num importante indicador de degradação ambiental que também pode servir de fundamento para tomadas de decisões que promovam a preservação do meio ambiente e, conseqüentemente, a manutenção da vida. Defende-se, portanto, que na elaboração das etapas de planejamento e execução dos referidos estudos ambientais, o cientista da área social deve ser consultado e os resultados de suas pesquisas devem ser levados em consideração, visando à aplicação de ações futuras.

Este estudo, sobre a construção de memórias com relação à degradação ambiental de um lugar, permitiu-nos compreender que a realidade de inserção ecológica do homem apresenta diferentes facetas, que lhe permite ser um ator social que pode ter plena consciência do seu papel como agente preservador da natureza.

Para que isso seja possível, o ser humano deve trazer à consciência a problemática da degradação ambiental do planeta; que pode ser materializada por meio de sentidos, de uma ideia, uma imagem ou por percepções provenientes de lembranças. O mais importante é que essa relação homem/natureza seja passível de ser descrita por meio da consciência. Assim sendo, existe a possibilidade que se encontre um núcleo central que permanece invariável ao longo de todas as variações imagináveis. No caso dessa pesquisa, percebeu-se que a consciência sobre a degradação ambiental da prainha do bairro Industrial levou os depoentes a sofrerem por conta de uma condição existencial que havia desaparecido: que “acabou”, que “não existe mais”.

Assim sendo, compreendeu-se perfeitamente que a fenomenologia reuniu o que o cartesianismo tentou separar, a compreensão total do homem. Desse modo, o processo de construção de memórias agrega as percepções o que a ciência positiva dividiu e instrumentalizou.

Por fim, conclui-se que através da intuição, os sujeitos desta pesquisa perceberam a degradação da prainha do bairro Industrial sem necessitar de indicadores ambientais mensuráveis e objetivos. Para tanto, eles se utilizaram dos mecanismos de construção de suas lembranças; descrevendo com rigor experiências essencialmente humanas. De fato, tudo se operou na consciência. Nela os fenômenos foram vividos, constituindo-se em construções e percepções, que são atos possíveis dessa mesma consciência.

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **História Oral**: a experiência do CP`DOC. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro 1990.

ALMEIDA, Fernanda Cordeiro de. **Manguezais aracajuanos**: convivendo com a devastação. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

ALVES, José do Patrocínio Hora; GARCIA, Carlos Alexandre Borges. O rio Sergipe no entorno de Aracaju; qualidade da água e poluição orgânica. In. ALVES, José do Patrocínio Hora (org.). **Rio Sergipe**: importância, vulnerabilidade e preservação. Aracaju: Ós editora, 2006, p.87-109.

ARAÚJO, Hortência Maria Pereira. Estuário do rio Sergipe: importância e vulnerabilidade. In. ALVES, José do Patrocínio Hora (org.). **Rio Sergipe**: importância, vulnerabilidade e preservação. Aracaju: Ós editora, 2006, p.65-85.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória** – ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 3ª ed, Martins Fontes, São Paulo, 2006.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: Lembranças de velhos. 3ª ed., Companhia das Letras, São Paulo, 1994.

CABRAL, Mário. Roteiro de Aracaju. Livraria Regina, 1955.

CAIFA, Janice. A pesquisa etnográfica. In. _____. **Aventura das Cidades**: ensaios e etnografias. FGV, Rio de Janeiro, 2007. p. 135-81.

CARDOSO, Amâncio. Cidade de palha: Aracaju 1855-1895. In. **Revista de Aracaju**. Aracaju, n.10., 2003. p.111-115

CHARTIER, Roger. **Por uma sociologia histórica das práticas culturais**. Difel, Lisboa, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a filosofia**. 13ª Ed, Editora Ática, São Paulo, 2006. p. 226-232.

CORBIN, Alain. **Território do vazio**. Praia e o imaginário ocidental. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

COSTA, Luiz Eduardo. Apresentação. In. ALVES, José do Patrocínio Hora (org.). **Rio Sergipe**: importância, vulnerabilidade e preservação. Aracaju: Ós editora, 2006, p. 6-7.

DARTIGUES, André. **O que é a fenomenologia?** Tradução de Maria José J. G. de Almeida. 10ª ed., Centauro, São Paulo, 2008.

DELGADO, Lucilla de Almeida Neves. **História Oral** – momentos, tempos, identidades. Autêntica, Belo Horizonte, 2006.

FLOGLIATTI, Maria Cristina et. all.. **Avaliação de impactos ambientais**: aplicação aos sistemas de transporte. Rio de Janeiro, Interciência, 2004.

GABEIRA, Fernando. O mar não está para a família peixe. Folha de São Paulo de 30 de out. 2000. In. FONTES, Ilma. **Zé Peixe**: uma vida no mar. Aracaju: Sercora, 2000. p.46-47. [o livro dos danados, 1]

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **De maçaranduba a industrial**: história e memória de um lugar. Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, FUNCAJU, Aracaju, 2005.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Edições 70, Rio de Janeiro, 1989.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Introdução geral à fenomenologia pura. Tradução de Marcio Suzuki. Ed. Ideias e Letras, São Paulo, 2006.

LEFF, Construindo a História Ambiental da América Latina. **Revista Esboços**, nº 13, UFSC, Florianópolis, 2005. P. 13-29.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no ocidente medieval**. Lisboa, Portugal, edições 70, 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1996.

LIMA, Adalgiza do Espírito Santo. O industrial Thales Ferraz: atitudes e percepção da população aracajuana. In. **Revista de Aracaju**. Aracaju, n.10, 2003. p.141-150

MILLER, G. Tyler. **Ciência ambiental**. Thomson, São Paulo, 2008.

MARQUES, José Geraldo W. **Pescando Pescadores**: Ciência e Etnociência em uma Perspectiva Ecológica. 2ª ed., São Paulo, Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2001.

MEDINA, Ana Maria Fonseca. **Ponte do Imperador**. Aracaju, Gráfica J. Andrade, 1999.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. Editora Pioneira Thomson, São Paulo, 2002.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisada. 6ª ed., Contexto, São Paulo, 2007.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**. vol. 2, nº 3, Rio de Janeiro, 1999. p. 3-15.

PORTO, Fernando. **A cidade de Aracaju**. 1855/1865. 2ª ed., Aracaju, SEC/FUNDESC, 1991.

PORTO, Fernando Figueiredo. **Alguns nomes antigos do Aracaju**. Gráfica editora J. Andrade, 2003.

REZENDE, Antonio Muniz. **Concepção fenomenológica da educação**. Cortez, São Paulo, 1990.

- RIBEIRO, Neuza Maria Góis. **Transformações do espaço urbano: o caso de Aracaju**. Recife, ed. Massangana, 1889.
- ROCHA, Ailton Francisco da. Características da bacia hidrográfica do rio Sergipe. In. ALVES, José do Patrocínio Hora (org.). **Rio Sergipe: importância, vulnerabilidade e preservação**. Aracaju, Ós editora, 2006. p. 23-63
- SACHS, Ignacy. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 4 ed., Rio de Janeiro, Garamond, 2002. 95p. (Ideias sustentáveis)
- SALANSKIS, Jean-Michel. **Husserl**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo, Estação Liberdade, 2006.
- SÁNCHEZ, L. E. **Avaliação de impacto ambiental: conceitos e métodos**. Oficina de textos, São Paulo, 2008.
- SEBRÃO SOBRINHO. **Laudas da história do Aracaju**. Aracaju, Prefeitura Municipal, 1955.
- SILVA, Clodomir. **Álbum de Sergipe (1820-1920)**. Aracaju, Estado de Sergipe, 1920.
- SILVA, José Calazans Brandão da. **Aracaju e outros temas sergipanos**. Aracaju, Governo de Sergipe, FUNDESC, 1992.
- SOUZA, Antônio Lindvaldo. **Disciplina e resistência: cotidiano dos operários têxteis em Aracaju (1910-1930)**. São Cristóvão, UFS, 1991. (Monografia de conclusão do Bacharelado em História).

Referências Eletrônicas

- BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistas. In. **Estudos Avançados**. vol.17, nº .47, São Paulo, Jan/Abr. 2003. Disponível em: <<<http://www.scielo.be/scielo.phdi>>>. Acesso em: 03 set. 2011.
- BRAGA, Ana Catarina L. de A. Sento-Sé M. Sento-Sé e a construção da Barragem do Sobradinho: a herança de uma população e o poder de uma família. Disponível em: <<http://www.historal.kit.net/ana_catarina_martinelli.pdf>> . Acesso em: 06 set.2011.
- CARVALHO Thais de Lima e TOZONI-REIS Marília Freitas de Campos. Memória ambiental da Cohab de Botucatu: história do cerrado e educação ambiental. Disponível em: <<<http://www.unesp.br/prograd/PDFNE2003>>>. Acesso em 15 set. 2011.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. Laboratório de História e meio ambiente: estratégia institucional na formação continuada de historiadores. In. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v.24, nº 48, p. 233-252, 2004. Disponível em:<<<http://www.scielo.br/pdf>>>. Acesso em: 05 set. 2011.
- MORENTE, Manuel. A intuição como método da filosofia. In: **Fundamentos de Filosofia**. Tradução Manuel de Guillemo da Cruz Coronado, Ed. Mestre Jou, s\d.

Disponível em Disponível em: www.consciencia.org/fundamentosfilosofiamorente3.shtml. Acesso em 13 out. 2012.

PELEGRINI, Sandra C. A. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. Disponível em:<<<http://www.scielo.br/scielo.php>>>. Acesso em 17 set. 2011.

SOUZA, Carolina Rezende. Análise da história oral como importante instrumento pedagógico e de valorização da memória ambiental do distrito de Morro Vermelho. Caeté, PUC Minas Gerais, 2009. Disponível em:<<http://www.historal.kit.net/carolina_rezende_de_souza.pdf>>. Acesso em 20/09/2011

Jornais

VIANA, Fábio. Playboys incomodam vida de moradores. In. **Ciform**. Aracaju-SE, 15 a 21 de outubro de 2012, ano 31, edição 1540, p.16.

APÊNDICES

APÊNDICE I

Deponente 1: Senhora de 72 anos, nasceu no bairro Industrial.

Data da realização da entrevista: 12/06/2012.

“Meu pai é carpinteiro, o nome dele era Dionísio. Ele fazia canoas, fazia e consertava também aquelas que já estavam estragadas ele calafetava. Calafetar você sabe como é? Calafetar é com estopa. Aquelas mantas de estopas grandes, ele comprava, vinha e abria em casa e a gente ajudava abrir: assim esfarelava ela toda para ficar fininha que é para poder calafetar, eu e minha mãe. Quem mais ajudava ela era eu porque os outros trabalhavam e eu ajudava ela a desfiar.

Meu pai pescava prá dentro de casa só. Ele pescava de rede, de redinha. Ele e ia com meu irmão e pescava de redinha, lá de noite. Quando ele chegava botava numa bacia, numa bacia de pé-grande, aí era tanta coisa, tanta!!! Que a gente dava aqui a vizinha. Era siri, os peixe pequeno que tem assim, cumé o nome meu Deus do céu? Ah! Me esqueci! Era uns peixe pequeno, era tanto peixe, era tanto peixe! Era muito, era muito mesmo! Dava prá todo mundo e ainda dava prá os vizinhos. Era um peixe de qualidade. Os peixes agora é tudo gelado. Não se come mais um peixe fresco. A água daqui era limpa mesmo, e tinha usina aí! Tinha usina nesse tempo. Tinha usina dos bonde aqui no fundo. Aqui no fundo que hoje é um colégio? Era a usina dos bonde. Os bonde recolhia aí toda noite. Os bonde recolhia quando chegava a hora que não andava mais, aí vinha e recolhia aqui no fundo da minha casa.

No tempo que meus meninos nasceram não tinha mais bonde, tinha no meu tempo. Os meninos tomava banho mais prá lá porque era mais limpo, porque aqui eles não tomaram banho mais não. Eles tomavam banho perto de Chica Chaves, tinha um sítio lá. É, a gente ia prá lá, já perto de virar, ia dia de domingo, eles gostavam. Agora, aqui eles não pegaram isso não, porque não foi do tempo deles. Quem andou muito aqui fui eu. Aí era sujo, o esgoto da usina aí atrás; dos bonde levava muita sujeira prá aí. Desde o tempo dos bonde já tem sujeira: era óleo, era fezes, era tudo. As fossa dessas casa aí toda prá lá, prá maré, entrava prá maré, sujava muito, era muito imundo. Tinha mangue, aquele mangue ali, acabou tudo, tinha muito pé, muito árvore ali, as árvores que dá assim dentro d'água, como é o nome? Eu não sei o nome daquelas árvores, eu sabia (risos) aí, tem muito ali, por ali, ainda tem umas, né? Tem umas.

Acabou tudo, acabou tudo... E aqui no bairro Industrial é o que dava mais siri e mais peixe, era aqui. Vinha gente do Santantonio, tudo pescar aqui de noite. Vinha, vinha muita gente pescar. Conheci muito pescadores, trabalhavam mais meu pai, meu pai fazia canoa.

Aqui era calmo, hoje tem mais barulho. Tudo né? Tudo vai se modificando, né? E o barulho é isso mesmo, né? Antes não tinha calçadão, era areia. A praia ficava longe, a praia melhor que tinha era daí da ponte prá lá, agora da ponte prá cá não era praia mais, já era uma maré, assim que num dava praia, assim preta as areias, agora daí do Confiança, agora da fábrica Confiança prá lá era que era areia branca, areia branca toda assim, quando a maré secava ficava aquilo alvinho tuudo!! E prá cá era mais sujo, não sei por quê, hoje tá tudo sujo. Tá tudo sujo agora. Vixe Maria! Nunca mais fui aí, oi repare!? Mas eu lembro disso, lembro, lembro, lembro, lembro. E não tinha, não tinha aquele coisa que hoje fizeram, né? A calçada, né? O calçadão não tinha. Era a praia mesmo direta.

A vida de antes, prá certas coisas era, melhor do que a de hoje, pra essas coisas assim: prá maré, prá pessoa pescar e tudo era muito melhor e hoje não tem mais isso. Acabou porque os governo não ligaram mais prá nada e ficou isso mesmo, entendeu? Tudo é Atalaia agora, o pessoal vai tudo prá Atalaia, né? Ninguém fica mais aí, que antigamente as moças ficavam tudo aí, tumava banho tudo aí, vinha gente do Santoantonio, do bairro Santo Antonio, vinha às vez da cidade prá qui. Chamava prainha do bairro Industrial, prainha do tecido, prainha do bairro Industrial, do tecido por causa das fábricas: fábrica Confiança, que fica bem em frente à maré, mas hoje acabou tudo (disse ela com tristeza).

O nome do Bairro era Maçaranduba no começo, mas eu não me lembro, no meu tempo já era bairro Industrial. Meu pai veio morar aqui porque veio trabalhar em negócio de canoa; aí eu fui que nasci aqui, meus irmãos nasceram lá em Brejo Grande, eu fui à única que nasci aqui.

Nossa diversão era a festa do Bom Jesus do Navegante que a procissão passava, né? Ainda hoje vem a procissão, né? Mas não era como antigamente era; a procissão vinha toda e chegava lá na praia, voltava. Ela vinha aqui por perto da gente, néra? Qui a maré quando estava cheia e quando voltava já voltava por lááá, encostada à Barra. E os

pescadores daqui sai atrás da canoa e as canoas do meu pai também, tudo ia. Eu toda vida tive medo de canoa, não ia não. Ói! Só ia assim quando meu pai fazia uma canoa qui botava na água num é? A inauguração né? Aí a gente ia e andava ali um pouquinho só, ali pelo raso, porque pelo fundo num ia não e depois descia, pronto. Eu tinha medo da água, mas eu gostava de tomar banho.

A gente fazia muqueca, muqueca mesmo e o siri, era muita coisa, muita coisa mesmo boa naquele tempo. O tempo mudou muito. Eu achava melhor como era que a gente tinha o gosto de ir ver à praia toda e agora a gente não tem mais gosto de ver nada e a gente vai e não ver mais nada, tá tudo acabado. Mas é isso mesmo.

Eu não lembro mais não, minha mãe vendia, vendia doces aí no colégio, nesse colégio aí, era todo recreio que batia o sino ela ia com o tabuleiro, vendia bala, cocada, pirulito. Eu ajudava ela a fazer, eu não ia vender não, ela vendia sozinha mesmo. Era muito trabalho, era uma vida difícil. Ela fazia cocada, muita cocada: cocada branca, cocada puxa. Minha mãe era doceira e meu pai carpinteiro.”

APÊNDICE II

Deponente 2: Senhor de 80 anos, há 45 anos residente no bairro Industrial.

Data da realização da entrevista: 15/06/2012.

“Eu sempre estou na prainha. A prainha pra mim é uma distração muito importante, porque eu gosto muito de ler, vou aí à frente, sento-me isoladamente e começo a ler, começo a meditar e tirar proveito daqueles momentos de tranquilidade que a prainha oferece. Eu faço caminhada, eu sempre caminho aí na prainha, né? Antes não era assim, depois então, que as autoridades constituídas organizaram o que você pode ver agora, isso nos motiva a querer andar, passear, sentir a beleza que antes não existia e não somente eu, mas também as pessoas fazem a mesma coisa aí, que conversam, trocam ideias, passeiam, se exercitam. Eu gosto muito do Bairro Industrial por isso e pela calma que ele oferece a todos os moradores, isso aqui parece mais uma fazenda, tudo é calmo, ladrão aqui dificilmente aparece, então é um lugar tranquilo, apesar das águas do rio sofrerem com a perturbação dessas fábricas jogando dejetos aí na praia e aquilo que era areia onde nós brincávamos, tomando banho, pescando, pescando camarão, muitas vezes, por brincadeira, tudo aquilo acabou porque ela não oferece mais essa vantagem, essa felicidade que anteriormente acontecia.

Não havia calçamento nenhum, esta Rua aqui, Eduardo Cruz, era tudo areia, hoje não tem paralelepípedo, tudo no asfalto, a iluminação também não existia e as coisas foram acontecendo pouco a pouco, foram melhorando, e as autoridades foram vendo isso e pouco a pouco, elas foram melhorando a situação do bairro e dando assim aos seus moradores essa alegria que se ver hoje no bairro onde moram. Antes não tinha nada, somente areia; aquela areia escura como carvão e quando o vento soprava aquilo trazia para nossas casas aquela poeira escura que ela oferecia aos moradores e aquilo incomodava bastante e não tínhamos perspectiva nenhuma de melhoria, era um bairro como que abandonado a princípio, né? Só posteriormente a se fizeram aí esta ponte e essas construções na Orlinha e esse jardim também que providenciaram, as coisas foram mudando radicalmente e hoje as pessoas se sentem felizes porque mora nesse bairro, um bairro calmo, tranquilo, apesar de ser um bairro de pessoas simples, de pessoas humildes, mas o local é muito bom, é muito desejado.

Os dejetos jogados pelas fábricas fizeram com que a água ficasse contaminada, oferecendo perigo à saúde. As pessoas que nelas se jogavam para tomar banho ou para pescar ou coisa dessa natureza. Até os peixes, os camarões e os peixes parecem que fugiram das águas, hoje o pescador vai, não sabe se pega alguma coisa. Eles voltam assim como foram, não consegui nada. Eu pergunto: por que vocês não pegaram coisa nenhuma? Porque não existe mais peixe aqui. Raramente a gente pega um peixe. Não era assim no começo. Eu me lembro que uma certa vez pegaram aí um mero de mais de cento e cinquenta quilos. Olharam aquilo admirando, mas achando uma coisa natural, porque peixe tinha em abundância e agora não existe mais, isso com muita raridade, muitos pescam mais por esporte, porque tinha uma profissão, são aposentados e aproveitam então aquele momento de folga e vão pescar, se pegam alguma coisa, muito bem, se não pegam pra eles não há diferença que foram para se distrair, isso aconteceu depois da poluição do rio, muitas vezes colocavam aquela placa “Proibido Banho”, quer dizer a água estava a tal ponto na sua poluição que ninguém se atrevia a querer tomar banho aí, ainda hoje muita gente se recusa a tomar banho porque aonde era areia, a gente caminhava: areia, areia, areia, hoje é lama, lama, lama, com aquele odor desagradável, isso foi muito triste.

Antes eu, meus filhos e minha família tomávamos banho aí despreocupado de qualquer coisa, nós entrávamos, somente areia, areia, areia nem pensávamos na poluição, nunca ninguém ficou doente por causa disso e agora eu não me atrevo a fazer isso, eu não aceito de jeito nenhum, porque os pescadores que têm conhecimento mais profundo nessa área do que eu, eles mesmos confessam que existia uma poluição muito grande nessas águas que eu gostava de me banhar com os meus filhos, minha família, etc.

Antes existiam muito mais pescadores do que agora, muitos viviam da pesca, era um bairro de pescador, ainda hoje se vê lá no final do bairro uma casa construída com essa finalidade, para que os pescadores usassem aquela casa para colocarem seu peixe, vender o seu peixe e as pessoas que moram por aqui se dirigiam até lá para comprar um peixinho fresco, né? Que pegam naquele momento, traziam um peixinho dali mesmo, fresquinho, fresquinho que pegou naquele momento e hoje não se faz mais isso, infelizmente, eu acredito também, é por culpa de muitos pescadores, porque eles pescam aqueles peixes pequenos que eles não vão usar e jogam centenas, milhares e

milhares aí na terra porque não levam para casa nem vendem, porque também ninguém compra e aqueles peixinhos que seriam peixes maiores no futuro e que eles pegariam para vender como faziam antes, eles não conseguem mais, porque eles mesmos por ignorância, certamente, jogam todos aqueles peixes fora na areia, você caminha assim e vê milhares de peixinhos, tudo na areia, na areia não, no piso, na lama, na lama, isso aí trouxe para eles um prejuízo muito grande, quem vivia da pesca não pode mais pescar porque aqueles peixes que eles poderiam pescar, eles pegaram pequenos e jogaram fora. Eles não têm consciência disso é ignorância total, falta de instrução, apesar de viver disso. Eles sentem na pele que não pode viver mais disso e quando alguém traz um peixinho e tal porque eles secam o rio de redes, secam e depois arrastam e trazem pra terra, eles percebem que não pegaram nada, um peixinho assim, um peixinho assim depois de um cerco muito grande, com muita dificuldade, mesmo com essas águas poluídas eles não se preocupam, eles querem vender o peixe, eles querem pegar o dinheiro, se alguém vai comer daquele peixe e adoecer, eles não se preocupam com isso, o que interessa a eles é vender o peixe que pegam e as pessoas que come aquele peixe, se adoecerem problema delas, essa é a visão dos pescadores, infelizmente por ignorância. Eu jamais comeria peixe daí, porque eu sei do que se trata, tenho conhecimento disso e jamais, jamais, a não ser por um equívoco, se alguém pegasse um peixe ali e fosse vender lá fora e eu não soubesse, aí eu compraria por engano, mas pra sair daqui e comprar peixe lá, jamais faria isto. Isso eu fazia antes com segurança total, porque eu sabia que as águas eram puras.

Isso começou a mudar há muito tempo, já tem mais de 45 anos que eu estou aqui, agora nunca deixei de gostar do bairro e agora principalmente depois da Orlinha, depois dessa ponte, que a Orlinha e a ponte, elas trouxeram muita alegria para os moradores, elas valorizaram o ambiente, as nossas casas, as nossas vidas com referência a respirar melhor, a passear melhor, a ter prazer melhor e maior, elas nos ofereceram isso. As autoridades nesse particular eu quero parabenizá-las não importa que partido pertençam porque fizeram um trabalho muito bom, de maneira que quando alguém chega em Aracaju e que não reconhece, aliás, não vem conhecer a ponte que fizeram e a Orlinha, não conheceram nada. Hoje é um ponto de atração a ponte que liga Aracaju ao Barra dos Coqueiros, ao Santa Luzia

Na minha opinião, eu tenho observado o cuidado que o prefeito vem tendo com o bairro Industrial e para fazer justiça, para não cometer equívoco, na minha opinião ele tratou o bairro muito bem, muito bem, não importa se ele é desse ou daquele partido, isso não estou analisando, estou analisando a pessoa e o trabalho que ele tem feito no bairro. Às vezes propositalmente eu caminhando pela rua, eu procuro um talo de fósforo no chão e não encontro, limpinha, limpinha sempre limpando aquela graminha, catando uma graminha aqui, uma graminha ali e tal, a rua limpa, limpa, limpa, limpa, talvez isso não aconteça em outros bairros, mas estou falando do bairro Industrial e por isso eu tenho uma obrigação moral, por uma questão de consciência, de dizer que o prefeito de Aracaju tem cuidado muito, pelo menos, que eu conheça por aqui pelo bairro Industrial.

O lixo da água ninguém pode tirar, até as pessoas mesmo, muitas vezes por ignorância atiram tudo no rio, nessas valetas que têm aí, eles põe cachorro morto, colchão velho, põe tudo quanto não prestam, tudo falta de instrução, falta de educação, isso tudo corre para o rio, isso contribui para aumentar cada vez mais a poluição do rio que nós estamos tratando. Então a população tem muita culpa com isso: falta de conhecimento, ignorância, fazem isso, seus filhos também fazem isso, porque não têm instrução e não foram capacitados para evitar essas coisas.

A mim de certo modo o barulho me incomoda, porque eu não gosto de barulho, eu respeito a opinião das pessoas, o que elas gostam de fazer, já cheguei, até mesmo, a telefonar pra a polícia e ela atendeu o telefonema para que o som que estava me prejudicando fosse diminuído e eu pudesse dormir, isso tem incomodado às vezes, mas fora isso ... Antes não havia razão para ter festa, era tudo areia, tudo sujo aí, ninguém se preocupava com o bairro tanto como hoje. Hoje eles têm a obrigação de se preocupar, porque jamais poderiam deixar como estar a Orlinha cheia de sujeira, porque chega alguém aqui leva uma impressão péssima do prefeito, nenhuma autoridade quer que leve dele, ou dela autoridade, qualquer impressão negativa, então eles se esforçam, isso faz bem a sociedade, de trazer sempre a Orlinha, as adjacências limpas e tranquilas dessas coisas todas.

As fábricas foram as grandes responsáveis pela poluição das águas, porque os dejetos que elas puseram nas águas contribuíram bastante para que as águas fossem impróprias para banhos, e coisas semelhantes, elas contribuíram, mas não somente elas,

mas também a população, é isso. O odor da água mudou completamente, desagradável. Uma vez a água limpa não poderia jamais ter o mesmo odor que tem justamente a água suja, né? São opostos: uma é limpa e a outra é suja, de maneira que mudou consideravelmente, foi isso que mudou. Elas contribuiu muito para que as pessoas conseguissem seus empregos, o seu meio de vida, mas, por outro lado, não deixaram de contribuir para a poluição do rio.

Eu sempre fui uma pessoa isolada, eu nunca gostei de sair assim para qualquer momento, para qualquer grupo, sempre fui uma pessoa reservada. E quando eu saía, ia fazer algum estudo, com alguns colegas, trocar ideias sobre determinados pontos de vista, principalmente religioso, eu gosto muito de estudar essas coisas e então eu tinha meus amigos que vinham me visitar e aquilo para mim era minha distração, era o meu prazer. Eu ia também a casa deles e fazia a mesma coisa e esta sempre foi a minha distração.

Quando meus filhos eram pequenos, naqueles carrinhos-de-mão assim pequenos, eu colocava eles naquele carrinho lá na frente tinha duas árvores bem frondosas. Eu os colocava ali embaixo tomando aquela fresca e eles dormiam à tarde todinha (entonação saudosa) e hoje não se faz mais, né? Então, esse prazer e essa alegria nós perdemos e hoje não se faz mais, né? Mas, eu me lembro muito bem que tanto os mais velhos como os mais novos, todos eles foram beneficiados por esse prazer que a natureza lhes oferecia na prainha com aquela fresca agradável, com aqueles soprar de vento, como que puro, destituído de impurezas e hoje não é mais assim, hoje é diferente, hoje é completamente diferente. A criança não pode visitar aquele ambiente porque existem as pessoas viciadas em fumo e outras coisas mais e conversações que uma família que se presa não gostaria de ouvir, nem seus filhos, e a gente não tem como sair com nenhum deles, pelo menos quando pequenos para aquele ambiente, para aquele não, para este ambiente porque é desagradável.

A extensão da praia não chega a um quilometro, é muito curta, então, mesmo você levando em consideração esse aterro que fizeram aí para colocar essa ponte que liga justamente o bairro ao centro, mesmo assim não dá um quilometro não. Quando eu cheguei não tinha ponte, não tinha nada, era tudo mangue, eu assistir colocarem centenas, centenas de caminhões de areias para aterrar, cortando o mangue e colocando em cima, aterrando, aterrando. Cortando e aterrando, cortando e aterrando, centenas de

carros, de carretas aí despejavam aquelas coisas, despejavam, despejavam, aterravam, aterravam, até conseguirem fazer o aterro como se vê hoje, mas tudo aquilo era mangue. A prainha não tinha mangue, fica aí mais em frente essa fábrica do ex-governador do estado, Dr. Augusto Franco. Então esse mato que se via antes ali, que eu achava esse mangue, eu achava até bonito porque eu gostava de ver os caranguejos caminhando, - olha os caranguejos!! Os caranguejos, ali! Caminhando. E aquilo me chamava atenção, aquilo me distraía, né? Obra da natureza, aquilo me chamava atenção para meditação, ver aqueles animalzinhos para lá e para cá, entrava num buraco, saía de outro e hoje não se vê mais, acabou, né? Porque eles desmataram tudo, aterraram, naturalmente visando à prosperidade do bairro e hoje é o que se vê aí.

O mercado não era esse, o mercado era outro. Do outro lado tinha um mercado sujo, era tão sujo que a gente sentia nojo de entrar. Quando chovia para gente entrar no mercado, a gente tinha receio de escorregar e cair. Era uma falta de higiene sem precedente, a falta de higiene era sem precedente, fazia vergonha uma pessoa chegar aqui e visitar o mercado, muito triste, hoje é uma coisa completamente diferente do passado nesse particular.

Aqui é tranquilo, a pessoa sabendo conduzir-se vai encontrar tranquilidade, agora se ela buscar investir seu tempo com conversas vãs, com conversas que nem deveriam existir, mesmo de política: falando do político A, falando do político B, quem roubou, quem não roubou, quem é, quem não é, coisa que não me interessa, cada qual tem seu caminho a seguir, então muito se distrai de uma maneira equivocada dessa maneira e não se pode mais hoje, infelizmente, chegar numa prainha como essa daí e ficar até certa hora da noite em virtude do que está acontecendo, não é só lá em São Paulo e no Rio, aqui também vem acontecendo, assalto mão armada. Aqui mesmo, essa senhora aí que tem uma oficina, ela tem um filho e de tarde mesmo, soube que o filho estava caminhando ali, com uma corretinha de ouro, alguém pegou a faca e tomou dele aquela corrente do ouro sobre ameaças. Quer dizer, uma pessoa drogada, ela perde a consciência no que está fazendo, ela não tem coragem, ela é motivada pela droga, a ter aquela coragem que ela não teria se não fumasse e ali mata a pessoa por qualquer coisa, para conseguir dinheiro e comprar a droga, é isso que se vê no Brasil, infelizmente. Então quando eu vou a Orlinha hoje, eu sempre olho quem está ao meu lado, quem são as pessoas, a gente tem uma ideia mais ou menos da família daquela pessoa, pra vê

como ela se comporta, né? E assim a gente vai vivendo, é saber viver. É saber destacar-se daquelas pessoas com quem a gente não quer entrar em diálogo, porque elas não têm condições de dialogar.

Antes não havia aquela preocupação de você sair à noite ou à tarde pra um lugar, num lugar assim pouco deserto, porque felizmente no passado, não existia no passado o que está existindo hoje, quer dizer, aquele rapazinho de quatorze, quinze, dezesseis anos com uma arma na mão, impondo um revólver ou uma faca para tomar de um cidadão de bem aquilo que ele tem ou o que ele leva naquele momento e isso deixa triste, quem olha para esse mundo com o objetivo de vê a humanidade mais feliz, mais saudável, com a memória mais pura, não vê, no passado você via isso, quer dizer, aquela ingenuidade do jovem de quatorze, quinze anos, hoje um rapaz de quatorze, quinze anos não é mais uma criança jovem, já conhece tudo o que não presta, e prejudica a sociedade, intimida a sociedade. Eu mesmo hoje fui fazer um convite, recebi um convite à noite, mas vou sair com medo, porque eu não sei o que pode me acontecer, porque aquilo que chamam de evolução, nesse particular, foi um retrocesso, foi um retrocesso. Então as pessoas de bem que não gostam de andar armada e nem tem na sua mente, nenhuma ideia negativa para quem quer que seja, hoje tem receio de sair sozinha. Primeiro porque não pode conduzir arma, porque é proibido, ela não pode, o bandido pode, a pessoa não, e a outra que a pessoa não sabe o que pode acontecer porque não há segurança. Quanto à segurança, hoje está muito pior do que no passado, muito pior.

Hoje a gente tem prazer de chegar na Orlinha e se sentar, tomar aquela fresca e olhar assim, vê o jardim, uma planta, outra, tudo verdinho, no seu devido lugar, né? Então as autoridades zelam, pode ser quem sabe, para mostrar quem chega a Aracaju, de que ela é uma pessoa responsável pelo que está fazendo, se está fazendo alguma de fato está fazendo mesmo, nós sentimos, não podemos negar, esse cuidado, esse zelo que elas têm, não é? Para que aquele local que antes que nem se pensava que se tivesse isso, hoje a gente pensa que está sonhando, aí eu penso que estou sonhado, será que estou vendo mesmo, ou eu estou imaginando que estou vendo!?! Quanto a isso, melhorou consideravelmente, na limpeza, tudo, em tudo mesmo. Faz bem, faz gosto morar aqui no bairro Industrial. Apesar que a água está poluída, mas isso não tem mais jeito, a poluição acabou, agora acabou, agora é tarde demais para voltar o que era. Se pensassem antes, hoje talvez não estivesse o estado que se vê agora. Se educar o povo,

melhora, tudo depende da educação, uma pessoa educada por si mesmo ela não faz isso, uma pessoa educada quando sai com o filho que ele joga um papel, ou alguma coisa no chão, a pessoa vai apanha aquilo que jogou no chão, e enfia numa lixeira e vai embora e assim está ensinando ao seu filho a fazer o que ele acabou de fazer naquele momento. Mas hoje não, infelizmente, por falta de educação as pessoas fazem o que não deveriam fazer, dando mau exemplo aos seus filhos e assim está poluindo o rio, está poluindo tudo aquilo que poderiam evitar de poluir.

O bairro Industrial é um lugar que o morador estando aqui ainda sente prazer de morar, é quase impossível encontrar alguém que diga: - eu não gosto de morar no bairro Industrial, pela limpeza, pelo cuidado, né? Que as autoridades têm num é? Investido para o bem da sociedade. De modo que eu sou uma pessoa muito feliz aqui no bairro, não gostaria de morar em outro bairro.”

APÊNDICE III

Depoente 3: Senhora com 60 anos, que nasceu e ainda reside no bairro Industrial.

Data da realização da entrevista: 11/01/2013.

“Eu brincava bastante na água, reinava muito. Teve uma época que minha mãe pagou um mergulhador para me procurar na água e não estava mais na água, já estava com meu pai. Eu pulava, subia na canoa e mergulhava, pegava as minhas irmãs e colocava no fundo, coisa de criança, e elas gritavam: - “Ai Sônia! Ai Sônia!... me tire daqui”, e quanto mais elas gritavam: - “Ai Sônia! Ai Sônia! ... me tire daqui”, mais eu encostava a canoa no fundo e deixava ela lá. Aí vinha, e depois ela conseguia, mas a canoa era encostada, amarrada no cais, não estava solta.

E a rede dos pescadores? ... Ai eles costuravam aquelas redes e eu ia lá com a faquinha, tinha muita rede grande. Aí eu ouvi alguém gritar: - “Sônia vou dizer a sua mãe! Vou lhe bater, que você está rasgando minha rede!” E rasgava, eles costuravam e eu pegava qualquer coisa né? E rasgava. Eu era traquina, a mais traquina das filhas de minha mãe.

Somos de cinco, família mesmo junto com meu padrasto agora somos de cinco: são duas mulheres e três homens, desse casamento com a minha mãe. A minha mãe criou sete filhos dele. Do primeiro casamento dele, que ele é viúvo, deixe eu ver, deixe eu pensar aqui, são, três mulheres e quatro homens.

Brinquei muito de boneca, né? O movimento era todo aqui na praia do bairro Industrial: era tomar banho, beber refrigerante. Quem bebe, bebe, né? Eu vendia, o movimento da minha mãe era seguro. Ela tinha um barzinho vizinho a Aécio. Eu era criança, mas ela tinha gente para trabalhar pra ela, para ajudar né?

O peixe a gente comprava lá mesmo, era bom, de qualidade, hoje acabou, não tem mais rede grande né, tinha banca de peixe em cada esquina, mas rede grande mesmo, não está encostando mais. A rede era grande, tinha muito peixe, e via muito homem pescar. Eu via os cambistas comprar os peixes grandes para levar para o mercado. Eu não encostava nas canoas quando chegavam, porque minha mãe não deixava, encostar assim, só era homem né? Agora quando eles estendiam a rede grande, do tamanho dessa casa, quando eles saíam eu ia para debaixo da rede brincar de boneca.

Sim aí, na época meu irmão estava engatinhando. Aí nós: eu mais minhas irmãs - minha mãe criou sete filhos do meu padrasto - aí amarrei o paninho na cadeira de balanço, e fomos pegar água com um potinho, cada um com um potinho. Quando chegamos encontramos a cadeira virada, dentro do fogo, aqueles fogo de brasa, de ferro, antigamente, ele deitado, aí pronto! Aí paramos na metade, ao invés de chamarmos minha mãe né? Aí pronto, nós fomos se esconder, e deixou ele lá, aí queimou, mas graças a Deus minha mãe teve muito cuidado; hoje nem parece, ele está com 47 anos, a cicatriz nem parece né, e pronto.

Ali na frente mesmo no terreiro, não tem o Canoas bar? Então, ali era o depósito da fábrica ao ar livre, muita madeira, lenha né, que chamava. E ali mesmo é que tinham os funcionários para pegar, então eu acredito que ali era movido à lenha né, a Indústria Confiança.

A água antes era limpa, e a areia era alva, não era assim cristalina que nem da praia do Francês, porque a praia do Francês você joga um anel aqui e lá e você tá vendo o anel, não era uma água assim, mas era uma água limpa e era um lugar bem frequentado.

Ninguém ficava doente de jeito nenhum, que eu saiba não. Agora teve uma época que, eu não me lembro bem essa parte aí, não sei se foi a turbina, que chama a encanação né?, da Esso, que o ferrugem corroeu; não sei essa parte aí eu não me lembro. Teve uma época que, ou era gasolina, ou era óleo, querosene, não sei, só sei que eu só via gente com funil enchendo as vasilhas porque dizia que acendia o fogo. Nessa época ficou proibido tomar banho aí. Mas não era todo dia não assim, que tomava banho.

Isso foi por um tempo, na época que o navio encostava aí, né? Atracava aí, de frente a Esso, sabe aonde é, o que é ali agora depois do seminário, aquele prédio? Mas era a Haley. Não, o seminário é depois da Sesi. A Haley não, depois do seminário? E a Haley, mas a Haley dá a frente lá prá moinho né? E prá lado de cá é o que? Aquele prédio? Hoje é a toca de Assis. Depois! A Esso era onde era a Haley mesmo. Era a Esso! Agora eu não me lembro bem, porque eu era criança, sabe?

O navio encostava ali, de frente aonde é esse prédio agora, eu acho que quem trazia o óleo; como meu pai falou com você assim, mais ou menos, eu não sei, essa parte eu não me lembro bem, mas eu acredito que era o navio que atracava aí. O porto

dele era aí né? E abastecia a Esso. Dali da Esso prá passar como meu pai lhe falou, prá repassar prá os consumidores, essa parte eu não me lembro bem.

O lixo era assim, não era totalmente, só mais prá lá um pouquinho, acho que quando ia lavar algum, como eu quero dizer, fazer a manutenção das máquinas, mas era pra lá, pra cá não.

A água era assim, incolor, meia vermelhinha, devido o bagaço do coco, a manutenção das máquinas, mas não era muito não, mas só prá lá. Não tem a fábrica de Sergipe, como é, a fábrica de fibra? Que tem aquela casa de veraneio? Então, prá lá é que ficava, que a frente dá pra cá, no Porto Dantas, e acho que o fundo da fábrica mesmo é pra cá dando para o mar. Pronto, é isso mesmo, agora meu pai te responde isso tudinho direitinho.”

APÊNDICE IV

Depoente 4: Senhor de 64 anos, pescador na ativa. Reside no bairro Industrial desde que nasceu.

Data da realização da entrevista: 15/01/2013.

“ Eu vou fazer 65 em novembro, fui nascido e criado aqui dentro. Antes a prainha era melhor, mais limpo, mais tudo. Hoje, depois dessas casas todinhas, jogaram as fezes tudo aqui pra dentro. E a imundície era totalmente diferente. Antigamente isso aqui era tudo areal. Eu acho que ele se lembra. Não tinha aquelas coisas ali não, aquela bagunceira toda era tudo areal. Depois desse negócio que lançaram essas fábricas tudinho, bagunço com tudo.

A gente pegava milombo aqui era de quilo, cinco seis quilos, hoje você não pega um aqui nessa rede aqui, se procurar você não encontra um pra remédio, você não encontra. Eu quero ver eu sair daqui de casa e dizer: - “Vou pegar um milombos , pegar dois quilos, três quilos, quatro quilos, e a isca era garantida claro. E hoje nem a isca, que nada! Pra você pegar um peixe você tem que medir distância. É porque inventaram também uma ruma de rede, e esse tipo de rede só pra matar o peixe. Porque os peixes miúdos ele não pega. Vai pegar o que? O grande e o miúdo joga fora. Antigamente você pegava aqui uma arraia grande, hoje pra você pegar uma arraia grande aqui passa anos e anos. Barrote de baia a gente pegava muito aqui e hoje você não vê pega barrote de baia. Fugiu tudo daqui, por causa da poluição. Agora a rede grande também arromba com o pescado daqui.

A rede grande é pra o oceano. E aqui tinha muita caceia. Antigamente do mesmo jeito que pegava o caranguejo, pegava o caranguejo na tora. Hoje é na palhazinha, na redinha. Quantos milhares de caranguejo você acha que eles perdem? Vamos dizer que eles botem cinquenta redinhas, ele vai tirar quantas cordas? Cinquenta redinhas, vamos supor que ele tire trinta, trinta caranguejo, vinte já fica lá, tudo enganchado, tudo morto. Agora você vê, quem era antigamente, no braço, na tora, e hoje não.

E também essas fábricas todinhas que lançaram agora, eles quando vão lavar, jogam umas coisas dentro da água que matam tudinho. Até de pé mesmo vê por aí, que as águas vai pro rio. Aqui mesmo oi! Aqui essa fábrica, pode olhar, que joga uma droga, um corante que você mesmo pensa que você estava na fábrica. E está começando tudo de novo, o corante. Aquele corante que vocês trabalhavam, jogavam, tão jogando tudo

de novo, aí o peixe desaparece. Essa agora que estão condicionando tudo de novo, que estava fechado.

O problema não é a berradeira, é as costas, é um exemplo o João Alves. Aquela parte do João Alves não tem serviços básicos, aquele esgoto vai tudinho para o esgoto do João Alves. Aquela fábrica de blocos, cerâmicas, ali joga tudo pra dentro do rio, aí meu amigo já viu, tenha paciência. Dizem que o peixe daqui é mais gostoso do que o de lá, vou dar um exemplo: Aqui eu concordo que a sujeira daqui é muito menos do que a de lá do João Alves, eu acho, muito menos. Aqui tem esgoto, cada casa tem esgoto. Cada casa de lá, aquela multidão todinha do João Alves vai pra maré.

Não que não tenha peixe, que Deus vai dar o peixe a todo mundo, se você vai pescar com fome eu tenho certeza que um siri você traz, não vai trazer nem dois nem três. Se for pescar pra comer, eu tenho certeza que pega, todo mundo que vai traz, um pouco, mas traz. Até mesmo hoje eu fui, fui só pra brincar, porque hoje a maré é mais pra nós tomar banho, que é maré morta. Maré morte é a maré que pega menos peixe, quer dizer que é mais pra tomar banho, que a água é limpinha. É lá pra dentro: lá pra Pia Preta, Vela do navio, Pomonga, e por aí tudo. Pra lá a água é clara, limpinha. Não tem cheiro.

E essa maré de agora, a maré morta, é a maré ideal, porque não tem lama, é toda limpinha, agora a maré que é maré boa, maré ruim, maré boa, maré ruim, aí ele ainda agora tava me dizendo (aponta para outro pescador): - “Rapaz como você vaio pescar numa maré morta dessa e você num pegou um peixe”. Eu digo; - Ainda peguei uma minucaia, peguei uma minucaia deste tamanho! Caranguejo, pegamos quantos? (pergunta ao colega). Peguei uns cinco de braço. Quer dizer se fosse pescar pra comer, eu tenho certeza que eu ia comer, ficar sem comer eu não ia ficar, entendeu como é? Por isso que eu digo tudo.

Antes aqui tinha, tinha mais pescador. Ser pescador, os meninos novo hoje não quer mais. É como você chegar na roça, os meninos de roça hoje, você não vê mais um filho seu, meu, ficar na roça, quer tudo vir pra capital, não quer ficar mais na roça. Ninguém fica mais não vê, esses meninos de hoje é tudo mordomia.

Eu vivi a vida toda aqui. Agora o pessoal me tira. Não sei remar, não sei nadar e gosto de canoa, e canoa de pai para filho, parece piada. É a tradição. Agora a coisa tá ruim, porque agora só tem eu mesmo, porque meus filhos não querem mais

nada com a canoa, meus netos também não vai querer mais nada com a canoa, pronto, quando acabar.

Quando acabar essa aí, pronto, já tenho ideia de fazer outra canoa. Já pedi o motor aí no meio da ponte. Tem motor. Mas eu tô bem, não tem esse negócio não. Como eu não sei nadar nem remar, faz quatro anos que eu naquela ponte dali, naquele pilar maior (aponta para ponte Construtor João Alves), o cara da canoa grande bateu de lado aqui ni mim, a canoa entrou pra dentro do pilar, o que me salvou foi a Capitania.

Naquela vez que passou na televisão, não foi eu. Só ficava só aqui, em cima da canoa, só aqui, agora aquela água, a maré assim correndo, eu não sei como foi que eu saí dali não. Tem uma hora que a gente fica contanto a história, fica até uma história de trancoso. Acho que não era o meu dia. Oi! Ia um de menor, de seis anos, ia três adultos, três de menor. E os dois de maior não sabia nadar, o que sabia nadar, o de seis anos, ficou no colo do avó, mais tinha colete, só quem não tinha colete era eu, era o único que não tinha colete era eu. Eu fiquei na canoa, só aqui, olhando a bagunça, aí o cara chegou: - “Tira, pega, pega logo ele” Até hoje eu não sei como foi que eu pisei o pé de dentro da canoa pru barco da Capitania, e eu fui numa boa, agora passei três dias sem dormir. Quando tinha horas que eu me acordava assim, parecia que eu estava de baixo d’água, aí é assim mesmo. Rapaz, eu vi a morte! Só tem uma coisa, a morte eu não conto, a vida dela, não, não vou contar a vida da morte se não eu vou ter que morrer, né? E eu não quero morrer agora.

Sou R. F., sessenta e três e meio, pra chegar a sessenta e cinco, porque 64, 24, 44 é uma conta da peste. Sou morador daí do lado do colégio.”

APÊNDICE V

Depoente 5: Senhora 69 anos (Viúva de pescador). Residente desde que nasceu no bairro Industrial.

Data da realização da entrevista: 23/01/2013.

“Eu era mais pobre, o sofrimento era mais quando cheguei aqui. Dava mais peixe, o peixe era muito, dava muito peixe antigamente. Agora é que o peixe não dá mais como era. A pobreza era mais. Mesmo assim conseguimos cada qual pagar seu terreno. Foi a gente mesmo que aterrou. Aqui tudo era uma lagoa. Era uma lagoa, que o povo botava lixo, botava tudo, que dava junto com os padres (refere-se ao seminário).

Eu sofri muito, padeci muito, eu procurava as pessoas para cuidar dos filhos e não dava, meu menino mais velho tem cinquenta e um anos hoje, imagine há cinquenta anos. Meu marido era pescador. Sustentava a família com a pesca. Tinha semana que não dava nada, que passava muita necessidade, fome, vivia com uns cacos na cabeça, sem ter condições de fazer nada. Era assim, depois foi que ele empregou-se na Bomfim, aí passou vinte e dois anos. E foi indo, foi indo, até que equilibrou mais. Tem quatorze filhos que eu tive aqui, só aqui. Eu sou a segunda pessoa mais velha daqui dessa rua. Vou fazer setenta no dia das crianças. Eu sou a mais velha desse meio aqui tudo, dessa rua.

A vida de pescador era difícil: se pescasse comia. Às vezes não trazia nada, às vezes trazia aqueles peixinhos miudinhos e chegava em casa botava no fogo com água e sal. Cansei de comer peixe de água e sal. Aquelas aranhinhas, novinhas que saía da arraia, pegava, cozinhava com água e sal, dava aos meninos. Tinha dias que eu procurava um pão para dar aos meninos e não tinha. Cansei de madrugada os meninos acordarem com fome, eu pegava água com açúcar para eles comerem.

Fui criada assim, na pobreza, a maior pobreza. Depois foi que invadiu, pegamos lugar de casa, aí fomos para o interior, o meu pai nos levou para o interior, com esses filhos todos, porque eu não tinha condições, passava o mês num quarto, mas não tinha condições de pagar. Pra comer tantas vezes o vara pau, um peixe seco, miudinho assim, nem tratava. Botava o flande, e acendia o fogo e assava no flande, assim, pra secar. Era espinha pura, não tinha condições da gente comer, mas a gente comia, porque não tinha o que comer. Cansei de ver esse menino mesmo que morreu, esse mais velho, cansou de comer farinha com açúcar. Aí meu pai me levou para o interior, passei seis meses lá.

Com seis meses a casa pegou fogo, morreu uma menina minha queimada. Aí voltei pra cá de novo. Quando eu voltei, foi aí que a gente peguemos esse terreno aqui, e passou um tempo. O telhado era de palha, que a gente via a lua. Hoje mesmo eu estava dizendo as meninas, como elas foi criada, botava na caminha aí a pingueira fazia “toco!”, aí ela abria o olho, quando fazia “toco!” aí abria o olho. Quando chovia, colocava tudo debaixo da mesa, com sombrinha, com pano velho. Eu sofri muito.

Mas antes a água era mais limpa, da prainha. Agora não tá mais limpa, boto tudo de Aracaju pra passar pra dentro né?! Antes eu pescava pra vender, de redinha. Pegava camarão. Pescava de redinha. Agora é que não tem mais redinha. Ele ia pescar, quando chegava ele deixava a rede velha e pegava de redinha para arrumar os camarõezinhos. Os meninos saía com os pratinhos, vendendo nas portas, camarões, peixe. Eu sofri muito, por isso que eu estou dessa maneira. Eu mesma ia pescar.

Hoje não tem mais nada, porque está com uns anos que eu não vejo mais camarão, milombo, sirizinho. Eu sofri muito, muito mesmo. Com os filhos, muito problema que eu tive com os filhos, mais é assim mesmo.

Hoje eu moro aqui porque não tô pagando aluguel.

Antes havia as fábricas. Toda vida essa água caía da ponte, aí dentro, depois da ponte. Quando eles passavam com a redinha, chegava era preto. Toda a vida a água era preto como borra de café.

Aqui enfrente era bar, num era areia, era barro. No lugar dos pescador, era areia. Seu Paulo morava aí. Paulo Figueiredo. Essa casa era dele (Aponta para casa de um vizinho), ele morava aqui, os filhos deles moravam tudo aí. Hoje em dia é o Instituto Luciano Barreto? Isso tudo aí era dele na época. Agora aí era um sítio. Ele morava na frente. Nesse tempo a água era mais limpa.

Eu acho melhor antes e agora, as duas coisas: Existia mais respeito, que a gente vivia sem medo, sem malandragem, essas coisas, e por outro lado, hoje está mais decente, digno, né? Você entendeu como é né? Eu gostava da prainha naquela época e agora estou achando melhor. Antes era melhor, porque nós passava mais mal, sabe? E agora? Agora cada qual se vira com pode né? Entendeu?

Antes não tinha tanto serviço. Não tinha, não existia. Não sei que milagre meu marido arranjou serviço na Bomfim, trabalhou 20 anos, se aposentou-se lá. Foi quando a vida da gente veio melhorar um pouquinho. Antes era mais sofrida aquela vida.

Eu tenho um filho que é pescador, tem rede, tem os dois que pescam direto, vevem disso, vevem da pescaria. Agora as redes são deles mesmo.

Eu não conheço pescador mais antigo que meu marido que vive aqui. Mais antigo que meu marido não sei não. Tem os filhos. Não tem mais não. É! tem doze anos que morreu.

Eu nuca gostei de tomar banho na prainha, nem deixava que meus filhos tomassem. Porque eu tinha medo de vidro, sabe, tinha muita porcaria, o povo botava porcaria dentro. Naquele tempo já sacudiam lixo, bicho morto. Agora tá mais limpo. Naquele tempo era pior, a pobreza né? É nojenta né?

Agora a água está mais suja né? É! tá mais suja, contaminada. É, oi! Eu pescava mais não tomava banho. Não tinha coragem não é medo, que eu não sei nadar. Uma vez ia morrendo afogada, é ruim viu! Oi, ia morrendo afogada de pegar tanto camarão que tava dando nesse dia, e eu me empolguei no camarão, e eu puxando o menino mais prú fundo, porque o camarão estava no meio do rio, a correnteza me trouxe no buraco, a minha sorte é porque eu não forcei a rede e o menino que estava atrás de mim era forte e puxou a roupa, ainda bebi água. Agora cadê eu poder sair de dentro d'água.

O médico disse que eu não vou poder cainhar mais. Eu não caminho mais. Ter que depender dos outros, de tudo, de tudo, tô sofrendo muito. Eu vou fazer setenta anos, mais eu tô acabada. Se fosse como meu menino, que morreu eu preferia eu a ele. É difícil! Os filhos só é bom com as mães, se eu tivesse dinheiro, os meus filhos me tratavam melhor. Porque agora tô é pelejando para arranjar uma cadeira de rodas pra mim e não consegui. Eu queria uma cadeira de rodas, é o que eu mais quero, uma cadeira, porque daqui não saio, já tem mais de três meses com o pé aqui; e com a cadeira eu caminhava. Já pedi tanto, mas não consegui. O pior é que meus filhos não se interessam pra procurar, pra pedir a cadeira.”

APÊNDICE VI

Depoente 6: Senhor com 82 anos. Há 47 anos reside no bairro Industrial.

Data da realização da entrevista: 23/01/2013.

“Vou começar a contar minha história em 1950. Justamente, então, nessa década a praia era limpa, a água cristalina porque não existia poluição, porque só existia essas duas fábricas aí, mas era de tecidos, limpa, quer dizer, lá não tinha fábrica, só tinha quando chegava algum navio, porque na época essa Petrobrás mesmo não existia, então o petróleo – a gasolina – vinha de Salvador. Ali chamava Esso, donde hoje a gente vê a Haley, ali era donde ficava o depósito de gasolina pra a cidade toda, porque era pequeno na época, então, quer dizer, dali os carros vinham panhá dos tanques que tinham – não sei se já derrubaram que nunca mais eu fui lá, entendeu? – tinha uns tanques de receber os navios, que ficavam no meio da praia, botavam aquela mangueira longa e despejavam nos tanques, e inclusive nessa época, você sabe que essa praia ai é rasa, eles todo ano vinham limpar pra poder ter condições do navio voltar pra lá e pra cá, porque não encostava, né, entendeu? Porque o dono do trapicho foi derrubar o antigo trapicho, que é donde encostavam o navio, que a maior parte do transporte daquele tempo era de navio.

O trapicho era donde hoje é, não tem uma banca de peixe no mercado? Encostado no mercado velho? Porque tem o mercado velho e o novo, tem o Albano e tem o outro, no outro nè? Porque o Albano não existia NE? Ali onde era o Albano era o moinho onde hoje botaram pra li em frente à empresa Haley, era o moinho, então. Existia o trapiche grande que era donde o navio encostava para levar passageiro, carga, era tudo ali. Mas houve, parece que foi em 60, 61; um terremotozinho, um furacão, o trapiche, olhe, levou tudo! Foi madeira que jogou até quase perto do 28 BC. As telhas, é mole uma coisa dessas? Antes de fazer esse mercado, foi em 61, não tinha, esse mercado é novo.

Foi na década de 60, 61 que deu assim esse furacão, vamos dizer assim, que levou todo telhado do trapicho, não deixou nada, entendeu, então? Que nesse tempo já existia feira dentro do próprio mercado porque ele já tinha acabado com o negócio de navio na década de 60, seus pais sabem muito bem disso. Já tinha acabado, então, ali já tinha um mercado, mais felizmente não houve acidente porque na época não tinha ninguém dentro do trapiche. Não houve acidente, só mesmo material, mais morte não

houve nada, né. Ainda existia a antiga velha estação do trem, donde hoje é o mercado de Albano, não existia, era a estação de trem que foi tirada e ficou só a estação lá perto do Siqueira, que também hoje está praticamente acabada, não tem mais trem aqui, com o tempo chegou muitos caminhões, muitos ônibus, quer dizer os trens ficou pra cima e pra baixo sem nada assim, coitados...

A usina de trem, quando começou era de junto. A primeira foi aí oi, onde hoje chama UNIT, era ali, entendeu? Depois foi que foi transferida pra lá, mas era ali, entendeu? Inclusive ela foi até a estação de bonde até mil novecentos e quarenta e pouco, nessa época tinha bonde. Nessa época eu era garoto, rapaz. Tinha bondes ali que só ia até o 28 BC, e de lá voltava pra Rua da Frente, quer dizer, Aracaju nesse tempo era limpinha, o povo tomava banho, a Atalaia quase não existia, existia só a praia, o mar tava lá, mais o povo não ia pra lá não, só quando alguém ia pescar, ou por causa de navio; mais não ia banhista não. Banhista vinha tudo pra aqui, na Orlinha do Bairro Industrial, era assim de gente, o dia todo. A praia era limpinha e boa.

A praia da cidade era aí, depois passaram para a Treze de Julho, um tempão. Hoje não presta, acabaram com a Treze de Julho. Mas quando o povo ia pra Treze de Julho, ali no Iate Club, a praia ficava ali, onde fica de frente aquele Rio Mar, ali também era muito banho, porque era limpa também, mas depois eles botaram indústrias, Aracaju começou a implantar indústrias pra todo camto, aí poluiu todas águas. As águas hoje é muito poluída. Sim, e então foi quando depois fizeram uma fábrica ali, que acabaram, já, né? De beneficiar um negócio de bagaço de coco, da fibra, isso, então, isso, depois da Haley. Aí é que começou meu irmão a arruinar a poluição. Foi quando eu fui saindo daí por que foram invadindo a Atalaia, o povo foi invadindo, e o povo foi começando a chegar pra lá. Aquela parte ali foi tudo invadido, o povo, quase ninguém comprou nada ali, os espertos.

O otário foi eu e muitos outros que se meteram aqui no bairro Dezoito do Forte, no bairro Industrial; os sabidos invadiram terra e depois registraram; hoje são milionários, com terra invadida, hoje você não pode nem fazer uma barraquinha que o prefeito manda derrubar mais o governador. Naquele tempo não, você queria e depois legalizava, tá entendendo? Inclusive eu mesmo não fiz isso de otário porque eu tive chance de também invadir muitas terras lá e legalizar porque o meu sobrinho era o capitão dos portos daqui de Aracaju, antes de existir o Batistão, eu digo que ele disse: -

“Tio vai lá invadir a terra, tire logo o que o senhor quiser, depois registra isso aí, futuramente isso aí vai crescer muito”.

Em sessenta e poucos não existia Batistão. Em setenta é que foi o governador Lourival Batista. Ali era só água, porque você sabe Aracaju é mangue, só não lá no Dezoito do Forte, mas no bairro Industrial, na Rua da Frente, quando a maré vinha, enchia tudo, era tudo mangue.

Quanto à fábrica eu não sei o que é que eles lavavam, eu só sei que o bagaço de coco é meio amarelo, então aquela poluição que descia coisava toda maré. Depois começaram a fazer fábrica de Socorro, jogando tudo pra dentro da água. Quer dizer então, já vinha a água escura de lá também, e por aí foi sujando essa água do Bairro Industrial, que hoje você não pode mais nem entrar, entendeu? Só tem lama, até aqui de lama, tá muito poluído esse Bairro Industrial para as pessoas tomarem banho, de jeito nenhum.

Antes eu tomava banho, a minha família não gostava não, mas eu mesmo gostava de pescar, porque o Siri, quando vinha a maré na época, há trinta anos atrás, os siris vinham brigando um com o outro, eu vinha de sacola cheia, balde cheio. Hoje para você arranjar siri você sofre. Minha filha mesmo gosta de pescar, mais vai lá e não traz nada e antes era eu com a sacola cheia num instantinho. Tinha muito siri, não existia essa ruma de pescaria que existe hoje. E aquele negócio lá do peixe? Foi Jackson Barreto quando era prefeito, eu tinha um ponto no bairro Industrial, não tinha aquela banquinha de peixe, então, tem aquele primeiro que tem um calçamento alto, era dela (referindo-se à filha que estava ao lado), mais depois ela adoeceu e vendeu né?”

APÊNDICE VII

Depoente 7: Senhor com 62 anos. Residente na orlinha do bairro Industrial desde que nasceu.

Data da realização da entrevista: 23/01/13.

“Isso aqui já foi praticamente uma favela (referindo-se à Orlinha), eu vivi aqui numa favela. Essa avenida aqui era toda fechada de barracos, aqui na frente mesmo. Abria a porta, me deparava com uma favela na frente da casa, inclusive as pessoas tomavam banho no meio da rua. Claro que era de piçarra, chão batido.

Ainda hoje os esgotos dessas casas correm para o rio. Eu, por exemplo, tenho duas fossas aqui, uma seca e uma que recebe, entendeu? Mas só passa por aqui água e despeja no rio. Depois de algum tempo aí Deda resolveu construir a Orlinha. Com a construção da orlinha, ficou muito melhor evidentemente, entendeu? Agora, o problema são os vândalos, porque se isso aqui fosse preservado, mantido, estaria muito bem. Já melhorou uns oitenta por cento com o advento da orlinha né? Mas acontece que os vândalos não deixam, eles querem que a gente viva no escuro. Eles quebram os bancos, eles destroem os quiosques, esse tipo de coisa, entendeu? Mas com o advento da Orlinha isso aqui melhorou bastante.

Já vivemos um bocado de coisa aqui nessa Avenida General Calazans. Ali na frente funcionava um clube de pesca, já tivemos fábricas aqui – tecidos Confiança – que agora está desativada, se bem que uma outra fábrica vem pra cá ocupar o espaço. Eu não sei qual é a fábrica que vai ocupar isso aí, mas eu já tenho certeza absoluta que uma outra fábrica, eu não gravei evidentemente, mais uma outra fábrica vem e vai ocupar este espaço e vai contratar cerca de trezentos funcionários, um negócio mais ou menos assim, ela vai voltar a ser tocada. Mas é aquilo que eu falei ao senhor, várias coisas já aconteceram aqui na Orlinha, mas hoje é um ambiente bom, um ambiente agradável, e quando for feito, tomara que João Alves Filho, ele resolva fazer isso, né? Que é o novo prefeito, a segunda etapa da Orlinha. Se ele fizer, se ele concretizar a segunda etapa da Orlinha, isso aqui vai ficar um verdadeiro paraíso.

Eu tomei conhecimento de que essa Orlinha vai chegar até o Porto Dantas, mas acho que será uma terceira etapa, porque até o finalzinho, até o Moinho Sergipe, tem um barzinho ali, tenho a impressão que ela vai passar dali, do moinho Sergipe. Então vem a

terceira etapa, que eu não sei quando é que isso vai acontecer, entendeu? Já se tem notícias disso, tomara que realmente ele faça.

Como eu disse, antes era uma favela, invasão mesmo. Até porque as autoridades gostam muito desse negócio. O local é impróprio, mas ele é invadido, aí vem uma família e constrói um casebre com papelão ou coisa parecida, e as autoridades permitem que isso aconteça. Quando o espaço todo está invadido, literalmente é invadido, aí eles querem tirar as pessoas. Aqui vivem também vários pescadores.

Antes, todo mundo tinha a sua função, trabalho né? O meu avó, por exemplo, Edson Xavier de Sousa, ele era chefe da usina, porque aqui onde hoje funciona a UNIT – o senhor pode colocar inclusive na sua dissertação – onde hoje funciona a UNIT era a antiga Usina de luz e força. O meu avó inclusive era chefe da usina.

Eu não sei como é que funcionava, mas havia os bondinhos, eles saíam daqui também. Eu pequenininho andei neles com meus pais. Hoje já não existe mais, está sendo ocupado pela UNIT.

Aqui atrás funcionava três piscinas, acho que para gerar uma força, eu não entendo muito bem desse negócio. Eu tenho impressão que essas usinas geravam uma determinada energia. Com advento dos bondinhos funcionavam normalmente. Era uma usina de luz e força e os bondinhos percorriam várias ruas aqui. Os bondinhos eram elétricos.

Hoje, essa água tá poluído, mas pode ver que tem gente ali, tem gente tomando banho ali no píer. Mas esta prainha aqui está condenada, condenada com águas poluídas. Eu não sei se de repente tem algum processo para melhorar essa água.

Tenho um amigo aqui um rapaz que o apelido dele é “Boca”, que tem uma canoa e todo dia ele sai pra pescar, ele conhece tudo daí. E conheço outro também, na rua Eduardo Cruz, se o senhor quiser pode conversar com ele. O “Boca” deve ter histórias interessantes, como pescador que ele é.

Agora é um detalhe interessante, porque a praia está poluída e de repente as pessoas tomam banho aí, mas não era assim não. Eu não sei por que cargas d’água, que mistério é esse: por que as pessoas tomando banho em águas poluídas? De repente elas podem pegar qualquer tipo de doenças. Mas isso não sei por quê! E graças a Deus não acontece.

Eu convivi com a favela durante onze anos, e essa Orlinha, me parece que tem no máximo uns oito a dez anos, nessa faixa. Eu não sou muito bom de data não, eu não

consigo gravar as coisas, mais eu tenho a impressão que essa Orlinha deva ter de oito a dez anos mais ou menos, e é uma pena que esteja um tanto quanto depredada, porque não existe manutenção. Me parece que também não há interesse do ponto de vista do poder público, entendeu?! Porque aqui de repente tem essa questão de política: um faz, o do outro partido despreza.

A limpeza é feita. O grande problema são os vândalos, que eles depredam tudo. Eles não conservam a coisa não! Em hipótese alguma. Aí já tem muitos bancos quebrados, quiosques quebrados, as telhas também.

Porém antes, sem dúvida alguma, a vida era muito pior, mesmo que a água esteja mais poluída.

Agora eu acho que isso vai acabar, porque a Sergipe Industrial, não sei se o senhor já soube? Já percebeu, ela também foi vendida. Ela foi vendida, está praticamente desativada. O pessoal tá meio revoltado porque a igreja, um patrimônio, e parece que ela vai ser demolida também. Isso aí o pessoal do bairro Industrial não aguenta não. Eu frequentei por diversas vezes a igreja, chamada “igreja do Caiçá”, o porquê eu não sei, que fica ali no Ponto Certo onde vende coco verde, mas aquela área está toda desativada. As casa também, todas elas pertenciam as fábricas. Essa casa inclusive pertenceu à antiga Usina de Luz e Força. Aqui quem morava era o meu avô, que era chefe da fábrica, da usina. Todas essas casas tem bastante tempo. Aqui pra vender a casa tem que vender a fresca também. Mas agora tá bem melhor, sem problemas, não existe esse problema de roubo, não existe esse problema de ataque. Só que ali adiante, depois da ponte, tem uma tal de uma “Matinha”, e ali é meio perigoso, sabe. Evidentemente que no meio Matinha tem muita gente boa, muita gente simpática, muita gente humilde. Em contrapartida, tem um bocado de gente errada ali, entendeu?! Eu não gosto nem de citar estas coisas porque eu tô aqui por perto, entendeu?

Mas a verdade é que aqui melhorou muito, e eu torço para que o prefeito construa a segunda etapa. Se ele construir, isso aqui vai ficar um verdadeiro paraíso. E que cuide da manutenção também, cuide de manter a Orlinha. Porque se você for comparar uma coisa com a outra, a Orlinha com o que a gente tinha aqui, ave Maria! É complicado, muito complicado, porque essa avenida aqui fechou totalmente. Ali da esquina da Belém, até aqui. A, hoje Luiz Moura, que era chamada a Rua da Lagoa, sabe,

essa rua aqui, era chamada Rua da Lagoa. Não sei por que cargas d'água, mas o pessoal chamava de Rua da Lagoa, hoje é rua Luiz Moura, a outra, Eduardo Cruz.

Eu esqueci este detalhe, mas eu gostaria que o senhor colocasse na sua dissertação. Quem acabou a favela foi o prefeito Eráclito Rolemberg. Ele retirou os favelados todos daqui e aí construiu o João Paulo II, nós não temos aqui, o conjunto, então, aquelas pessoas que invadiam a avenida, e construía barracos, foram transferidas para o João Paulo II. Aí depois veio Deda e resolveu construir a Orlinha. Eu acho que isso é um negócio muito importante. Porque não é mole não, você morar numa avenida dessa, abrir a porta e encontrar as pessoas tomando banho no meio da rua! E se você reclamasse aí a coisa complicava.

Eram barracos de papelão, madeira. Isso foi na década de oitenta. A Orlinha tem de oito a dez anos, foi oitenta né?! Mais ou menos isso. A gente avistava o mar tranquilamente, agora é na base de piçarra.

Eu não tomava banho aqui. Quando eu tinha assim uns doze ou quinze anos eu me arriscava, aqui na prainha, lá na frente, da ponte pra lá. Chamávamos aquilo ali de “prainha”. Aqui ninguém chamava nada: Mangue, mais ou menos mangue, entendeu? E lá chamavam “prainha”.

A partir do Sobrado tinha uma terra preta. Não tem um Sobrado aqui pertinho? Sobrado de Roberto, não sei nem se ele continua morando ali. Mas ali era uma areia preta, carvão e o pessoal jogava bola ali, entendeu? Eu lembro que eu ainda andei dando umas carreirinhas ali, coisa de criança, menino, chegava em casa todo sujo, todo preto. Era um carvão.

Na prainha a areia era mais alva, mais alva, entendeu? Aqui também. Aqui também ainda tinha, eu lembro que o pessoal jogava bola aqui, a pelada. A gente daqui mesmo do bairro Industrial. Nessa área onde ficava o sobrado, eu andei correndo um pouquinho ali, eu lembro disso.”

APÊNDICE VIII

Depoente 8: Senhor com 76 anos (pescador aposentado e durante 35 anos trabalhou na fábrica de coco Serigy). Há 57 vive no bairro Industrial.

Data da realização da entrevista: 24/01/2013.

“Desde os oito anos que eu pescava, não aqui, no Jatobá, na praia do Jatobá. Nasci lá me criei lá, até a idade dos dezoito anos. Pescava, fazia tudo. Se eu disser um negócio você não vai acreditar. Tá vendo essas mãos aqui? Isso aqui era um calo só. Trabalhava de enxada, machado, de foice, de tudo, entendeu? Pra hoje a gente graças a Deus viver a vida, a família viver a vida que a gente vive, entendeu? Porque nem diz a história, os meus irmãos não quis trabaia que nem eu, mas eu vi que há necessidade, era preciso, e eu tive que fazer. Meu pai olhava para minha cara assim, e às vezes ele chorava, entendeu? Porque como dizia a história ele não podia mais trabalhar, mas: “- Meu filho eu vou dizer um negócio pra você, se não fosse você nós hoje não tinha nada”.

Oi! Nós tinha a terra da cunhada de minha mãe junto com ele. Aí, Valter Amaral ia pescando mais meu pai, aí chegou Valter Amaral: “- Gabrildo compre o meu terreno”. Aí eu disse: “- Valter, quanto é o terreno do senhor?” Ele disse: “- Eu lhe dou por cento e vinte mil.” Eu digo “- O terreno é nosso”. “- Seu Gabrildo, o menino já disse que o terreno é dele.” Ele morava ali no Senhor Ferreira, aí eu fui limpar a barra, aí cheguei, falei com ele e tudo, passamos as escrituras e fui pagando vinte mil de três em três meses. Quando foi numa tirada de coco, graças a Deus, aí de coco e eu paguei tudo de uma vez a ele. Ele olhou pra minha cara assim e disse: “- Rapaz você é um menino homem”. Eu disse: “- Graças a Deus e vou me criar nessa natureza,” entendeu? Porque ninguém é de ninguém e ninguém é nada na vida, só é a mercê que Deus dá”. Porque se não fosse Deus a gente não sobreviveria e não tinha nada. Tô certo ou tô errado? Entendeu? Pronto, então eu fazia tudo isso mais meu pai.

Meu pai pescou trinta e cinco anos. Eu comecei a pescar nessa região depois que eu vim morar aqui. Aí tem uma porrada de ano. Tem uns cinquenta anos mais ou menos. Eu tenho setenta e sei anos.

Eu vou lhe dizer uma coisa: Há oito anos passado, ou dez anos, quando essa fábrica trabalhava, que botava o lixo pra dentro da maré, a fábrica Confiança, a Sergipe Industrial, entendeu? Era uma poluição ordinária, era ou não era? Fedia que só o diabo.

Agora no peixe, no meio do rio, nós pescava desse tamanho. Eu ia pescar, pegava cinquenta, sessenta pescada desse tamanho, entendeu? Era desse jeito. Quando eu vim morar aqui, aí o rapaz vinha, eu e Amintas, aí tinha um bote. Aí eu cheguei lá e disse: “- Amintas quanto você quer nesse bote?” Ele disse: “- Seiscentos mil.” Eu disse: “- É meu o bote, tá aqui o dinheiro, tome”. Ele olhou pra minha cara, e eu disse, “- É isso mesmo.” “- Vai pagar de uma vez?” Eu digo: “- Vou”. Aí fiquei. Oi, no inverno, os pescador nenhum ia pescar mais eu. Toda maré morta que não tava chovendo eu ia. Era cinquenta, sessenta, oitenta pescada que eu pegava. Mas eu vinha escondido pra os outros pescadores não ver. Chegava aí na berada, vinha com um saco. Daí eu telefonava pro rapaz, pra seu Zurinha, era o comprador dos peixes e aí eu vendia os peixes a ele. Ninguém ficava sabendo. Quando foi um dia, um rapaz da Barra, aí vinha de lá pra cá, ele aí chegou e disse: “- Eu digo, encoste o bote aqui, encoste o bote aqui”, ele encostou. Quando ele olhou ele disse: “- Vixe meu Deus meu pai, cadê as tainhas que você pegou!” Ele disse: “- Eu só peguei três tainha”. Aí eu cheguei e disse: “- Tome uma pescada pra você, uma pescada pra seu amigo.” Ele foi e pegou assim no meu braço e disse: “- Peraí!, tem Miguel, tem Nair, tem Maria, tem Ana e tem Messias, não vai mandar pra cada um uma pescada não?” “- Você vai levar é?” Eu disse: “-Levo”. Antes de eu chegar, meus irmãos já tinham telefonado pra aqui. Aí a mulé disse: “- Seus irmãos já telefonou, porque você mandou esse peixe assim, assim, assim”. Eu digo: “- Sim eu peguei, graças a Deus; oi aqui a mão com o pescado que eu peguei, tá certo?”. Porque ninguém é de ninguém, ninguém é nada na vida, entendeu? Só é as mercê que Deus dá pra gente fazer. Depois foi que a turma começaram a pescar mais eu, e pronto.

Eu pescava de linha. Eu tinha uma rede, fiz uma rede, era quatrocentas braças, pegava bastante peixe. Quando foi um dia meu filho se desempregou-se, aí foi pescar, aí perdeu. Enganchou a rede e perdeu setenta braço. Quando foi de outra vez, perdeu outra quantidade. Eu disse: “- Sabe o que acontece? Eu não vou comprar mais rede pra você tá perdendo não. Eu não vou perder meu dinheiro, trabalhando, tô trabalhando na vida, pra sobreviver, entendeu, e não vou perder meu dinheiro. Se você quiser pescar, vai aprender a pescar de linha”. “- Mas meu pai, pescar de linha só o senhor que sabe.” Eu digo: “- Eu lhe ensino”. E hoje em dia eu ensinei a ele, e ele já vai pescar e pega peixe.

Ele passou foi quatro anos e oito meses desempregado, numa casa ali. Eu disse: “- Você não vai passar fome, entendeu meu filho. Qualquer coisa você vem pra minha casa, almoça, toma café, faz tudo, entendeu?”. Que eu trabalhava aí na Serigy.

Quando eu tava aqui em casa, aí, o muro era baixo. Aí o rapaz da Barra que me conhecia disse ao gerente:” - O senhor tá vendo aquele homem ali? Eu moro vizinho a ele. O senhor chama ele e essas máquinas que está ali ele vai botar pra funcionar.” “- E onde ele aprendeu?” E eu digo: “ - Aonde nenhum da gente aprendeu.” Ele aí disse: “ - Seu Maurício”. Eu disse: “- Oi!”, “- O senhor quer ir ver umas máquinas ali? O senhor bota elas pra funcionar?” Eu digo: “- Eu não vou dizer ao senhor que garanto, entendeu”? Eu fui. Uma hora pra uma e meia mais ou menos tava funcionando. Ai eu comecei a botar. E tinha uma máquina grande, a coisa mais linda do mundo! Inox, entendeu? Que ela rotulava só garrafa e meio litro. Aí o mecânico chegou e disse: “- Eu só quero ver se você é homem agora.” A máquina estava coberta, encerrada e amarrada, aí descobri. “- Quero ver se você vai colocar essa pra funcionar?”. Aí eu fui... e liguei, e ele ficou assim de braço cruzado. Quando ligo a máquina e rodou, aí parou! Aí eu fui e desliguei. Aí eu cheguei e disse: “- Ei!, Venha aqui você”. Aí ele vinha, preenchi um negócio, e “- Tome! Vá buscar isso no almoxarifado, eu quero botar na máquina.” Aí Lourenço foi, que era o chefe mecânico, e olhou pra minha cara assim: “- Rapaz, aí é isso”? Eu disse: “- É isso”. Aí o gerente foi e trouxe a caixa da máquina. Aí eu peguei, botei. Com quinze minutos a máquina estava rodando. Eu trabalhei na fábrica trinta e cinco anos.

Aí no rio caía o lixo. Caía aquela coisa ordinária do coco, da água de coco, de tudo e aí jogava no esgoto, no cano que ia pra rua. Não tinha nenhum tipo de tratamento. Nenhuma fábrica tinha, nem a Confiança, nem a Serigy. Eles mesmos sabiam, era uma poluição e um fedor ordinário. Mas isso não atrapalhava a pesca, porque, como diz a história, ninguém é de ninguém, ninguém é nada na vida, é Deus que marca o que a gente faz.

A pescaria agora já diminuiu mais, sabe por quê? Por causa da boca da Barra. A boca da Barra ficou com raiva, esses barcos que pescam aí fora, aí ficou pra lá e pra cá, na boca da Barra, o peixe aí não entra. Entra pouco peixe. E agora eu não tô mais pescando porque a minha esposa não quer que eu vá mais pescar. Tá com obra de uns seis meses, meu filho foi e pescou, foi dois dias, mas o colega não pegou um peixe. No outro dia eu fui. Saí daqui três horas da manhã, ela me xingou como uma beleza. Eu fui. Peguei camarão lá. Diga quantas pescadas eu trouxe? Vinte e seis pescadas, tudo deste tamanho. Aí quando eu cheguei com os peixes, aí meu filho estava me esperando, ele disse: “- Pai, isso é um milagre”. Eu fiquei das três horas da manhã até às onze horas.

Ele disse: “-Papai, como foi que o senhor pegou esses peixes !?” Eu digo: “- Amanhã nois vai e você vai ver como foi que eu peguei”. Ele olhou pra minha cara e quando foi no outro dia foi eu, ele e um colega, que eu ensinei ele a pescar. Chegemos lá e ele disse: “- Encarrilhe aí”. E eu disse: “- Não, é você que vai encarrilhar. Pegue o peixe. Arreie aí agora.” Ele arriou. “- Meça braça e meia do cabo. Ele mediu e, “- Arreie agora.” Ele foi, cruzou os braços e disse: “- Quem! Aqui ninguém vai pegar nada de peixe.” Aí eu botei a linha, vapo !, pegou, se afogou, pegou na linha. E aí começamos a pegar. Diga quantas pescadas nós pegamos nós três ? Cento e doze pescadas. Ele olhou pra minha cara, cruzou os braços e disse; “- Maurício, sabe de uma coisa? Você é um milagreiro.” Eu digo “- Carlão, eu sou uma pessoa que acredita em Deus, entendeu? Porque Deus é o nosso pai, é o nosso protetor e que faz tudo.” Quando nós saímos da pescaria eu disse: “- Me dê as sua mão”. Eu peguei a mão dele, meu filho pegou a outra mão dele, se ajoelhamos e rezamos o Padre Nosso e Ave Maria e uma Santa Maria. Agradecemos a Deus por ter dado a quantidade.

Eu sei o lugar melhor pra pescar porque eu testei. Antes de eu pescar lá, eu passei de manhã todinha testando e marcando o lugar completo de pegar o peixe. Quando eu vou chegando ele diz: “- Lá vem o campeão, é o campeão! É o campeão!”, entendeu? Todinhos, todos os pescadores que me conhecem diz “- Oi o campeão!”. Quando eu arreio o ferro, eles vem, aí nois pega vinte, trinta, quarenta pescada, entendeu? Porque que nem diz a história, quando Deus quer dá, dá pra todo mundo.

A pescaria aqui não diminuiu de maneira alguma. Ainda tem peixe demais, tanto o robalo quanto a pescada, são peixes sadios. Nem a sujeira me impediu de pescar aqui, não! Só quando vinha os barcos de pesca lá no alto mar, pra fora, encostado na beirada da Costa, que eles ficam de férias um mês, aí eu vou. Porque os barcos não tão pescando, aí os peixes vem e entram na boca da barra. Mas quando eles estão pescando camarão e tão arrastando o arrastão aí o peixe, aí oi!, Desaparece tudinho. Em termo de pescaria, o tempo de antes era muito melhor, porque dava peixe. Dave muito peixe. O tempo de antes era superior. Toda vez que ia pegava quinze, vinte, trinta, quarenta. Agora pra o senhor pegar dez ou doze pescada, é um Deus me acuda, estão a mercê de Deus. Essa é minha vida, toda a vida foi assim.

Quanto a aglomeração de gente se juntou mais ainda, e agora com tem uma porrada de embarcação com rede; disso aqui, chega na boca da Barra, da boca da Barra pra cá dá vinte, trinta rede no meio do rio. O peixe veve de lá pra cá? De jeito nenhum e

qualidade. Eu peguei isso foi obra de uns dois anos, uma pescada que ela deu quatorze quilos, tava grudado no encontro dela, ela saiu da rede, entendeu? Que era pra contornar, Carlão disse: “- Você é um homem cagado de sorte!” Eu digo: “- Não, nós dois estamos pescando.”

O barco que bota camarão é na beirada, agora esses é pra peixe. Que nem tá com três meses que eu saí mais meu filho pra pegar tainha na boca da Barra, saí mais ele. Quando eu ia, aí tava um mestre com a rede, aí eu cheguei e disse: “- Francisco”, ele disse “- Oi”, “ - Me acompanhe.” “- O que é que seu Maurício quer?” “- Me acompanhe.” Quando chegou aqui eu separei o motor e disse: “- Agora arreia a boia aqui, arreia o ferro e estira a rede assim. Lá do outro lado do rio”, “- Seu Maurício”, eu digo “- É pra você pegar peixe pra dá de comer pra seus oito filhos.” Ele olhou pra minha cara e disse: “ - Eu quero ver se o senhor e milagreiro mermo!” Eu disse: “- Não, milagreiro é o nosso Pai Eterno. Agora tô lhe dando a dica.” Quando cheguei na beirada tinha um primo meu, mora na Barra, com uma tarrafa, entendeu?, de vinte e dois palmos. Ele magro, aí eu olhei pra cara dele, “- Vadinho, cadê sua tarrafa?” “- Tá rasgada. Eu pedi para o mestre remendar e não deu tempo pra ele acabar de remendar e o primo dele me deu essa tarrafa”. Eu digo: “- Essa tarrafa vai te matar”. Aí meu filho disse: “- Pai! tenha calma, depois nois vai pegar nosso peixe.” E aí eu fiquei. Quando eu olhei, o peixe nessa fundura assim, uma tainha, tudo deste tamanho. Aí eu entrei com água por aqui. Os outros pescador ficou olhando, aí um chegou e disse: “- Repare que queda ele vai tomar agora com essa tarrafa”. Aí eu escangaiei a tarrafa encima da manta de tainha, aí eu fui e chamei: “- Orlando, Orlando venha aqui, bora puxar a tarrafa que tá cheia de tainha.” Ele disse: “- Você é doido rapaz?” “- Qual é o doido?” Aí eu deitei o punho na tarrafa, aí eu passei a mão, que a mão desceu. Ele olhou pra minha cara, quando eu olhei ele estava chorando. Eu digo: “- Por que você está chorando?” Ele disse: “- Seu Maurício me desculpe a palavra que eu disse ao senhor, porque eu sou um pescador, agora eu não sou um pescador que nem o senhor”. Eu digo: “- Pois é, vocês não são”. Aí nós peguemos nois três, passei o peixe pra fora e enchi uma coisa assim, eu meu primo tava com ela, entendeu? E os outros peixes eu dividi para os outros três. “- O senhor não vai levar nada não?” “-Não, o meu tá ali na ponta do mangue, oi!”. Eles ficaram olhando pra mim assim, aí eles foram simhora. Eu fui pra lá, quando eu cheguei lá, com dois eu enchi uma banheira de tainha, agora as tainhas era grande, era tudo assim. Aí eu disse: “- Bora meu filho, simhora”. Aí ele disse: “- Pai, pai, oi pra li oi! O

que é aquilo ali?!” “- É tainha grande meu filho.” Eu peguei a tarrafa grande, aí escangalhei a tarrafa, “- Pai, eu dizer um negócio, não tem um pescador que nem o senhor”, entendeu? Eu digo: “- Meu filho isso é experiência. Eu nasci e me criei na tarrafa que me explicou tudinho na vida, porque ninguém é de ninguém e ninguém é nada na vida. Meu pai me disse: “- Eu fui pescador trinta e cinco anos, num chega a metade da sola de seus pés, de acordo com a sua experiência”. Mas é dado por Deus, não é a gente que cria, é Nosso Senhor Jesus Cristo que dá tudo isso a gente, que ninguém é de ninguém, ninguém é nada na vida. Tô certo ou tô errado?

Eu tenho barco há trinta e cinco anos. Eu saio meu filho, eu saio. Mesmo que a esposa não queira mais eu saio. Eu conheço essas águas muito bem. A poluição só fica aqui na beirada, lá pra lá ela não vai de jeito nenhum. Eu não encontrei lixo por lá, a água é limpa, limpa. Isso é só aqui na beirada. É cinco metros, dez metros, pronto. Daí pra lá pronto, não tem mais nada. Lógico que tem lugar que é como daqui na beirada, entendeu? Que até uma parte do rio é raso. A fundura é por aqui, por aqui. Quando tem tainha nesse lugar, eu tenho uma tarrafa aqui assim, vou mais meu filho e digo: “- Oi meu filho, bote pra mim”, “- Pai não tá fundo!”, “- Não tá não”. Aí escangueio a tarrafa e pego as tainhas. Ele aí diz: “- Pai e por que aqui tá raso?”. Eu digo: “- Aí meu filho eu não sei explicar, agora daqui pra lá é fundo”. “- E é?” Eu disse: “- É”. E vai alcançando no remo né. “- Oi! Daqui pra lá já é mais fundo.” “- Como é?” Quando ele botou o remo, “- Oi!, já tomei o reo todo. Tá vendo você?”. Ele faz: “- Mas porque o senhor sabe dessas coisas?”. Eu digo: “- A maré é água”, entendeu? Ele olha pra minha cara, é preciso você ter noção e saber as coisas como é, que Deus marca e a gente vê pra aprender. Tô certo ou tô errado? Entendeu?

Que nem a boca do rio do sal. Tinha quatro redes, rede grande. Vinha lá pescar, tinha uma porrada de tainha. Aí eu cheguei tinha um colega meu, eu cheguei e disse: “- Tuco”, “- Diga!” “- Cadê o peixe?” Perdoe a palavra viu moço, é a ignorância dele: “- Essa porra tem nada”. Eu olhei pra ele assim e disse: “- Tuco, você quer pegar peixe?” Ele disse: “- Como?” Eu digo: “- Bora”. Encostei meu bote, aí disse: “Bora, bora”. “- Não, não vou lá pro fundo não”. “- E você vai pegar nada aí?”. Aí nós começamos a puxar a rede. Aí os peixes começou a entrar na rede. Ele virou pra mim e disse: “- Seu Maurício, quer que eu me ajoelhe nos seus pés e lhe peça perdão?” Eu digo: “- Não, você ponha as mãos pro céu e peça perdão a Deus, porque Deus diz: ‘Faz que eu te ajudarei’. Os outros ia tudo bota a rede. Eu digo: “- Oi vocês não vão botar a rede não

porque se vocês forem botar a rede não vai pegar nada.” Eu digo: “- Não, vamos ajudar ele puxar a rede.” Aí ele puxou a rede, e eu digo: “- Oi Tuco, pra cada um desses que ajudou na rede você dá uma mão cheia de peixe pra levar pra casa pra comer”. Aí Tuco: “- Mas Maurício!” Eu digo: “- É isso mesmo”. “- E você não quer nada não?” “Eu já tô com minha banheira cheia de tainha, olhe aqui oi!, o poço já tá cheio de tainha”. Ele aí chegou, tinha vindo com a tainha grande e duas pequenas, e essas quatro tainhas pra quando eu chegar em casa fazer um pirão pra comer. Aí ele disse: “- Maurício você é um milagreiro”. Eu digo: “- Não. Eu sou um homem que acredito em Nosso Senhor Jesus Cristo e que Deus dá as coisas a gente, pra a gente fazer as coisas correta e certa”. Que nem eu já disse a essa criatura aí (Refere-se ao depoente 7). E foi por isso que ele veio, porque ele tava na casa dele, tava com problema sério e eu fui e disse a ele: “- Sérgio oi, a vida é uma só e se a gente for se prejudicar por tantas coisas”, entendeu? Porque como diz a história: ninguém é de ninguém, ninguém é nada na vida. Eu de cá eu vi o que tava acontecendo com ele, fui e disse a ele, porque Deus dá as luz a gente de acordo com o merecimento que a gente tenha. Não é porque você queira ser, nem nada, é Deus que dá aquelas luz que faz a gente ver as coisas das pessoas. Porque é como diz a história, sempre Deus me dá essa luz. Tô lhe dizendo com certeza, entendeu? Eu tinha um primo com ignorância com outro. Eu tava no serviço, trabalhando aí eu disse: “- Valei-me meu Deus meu pai!” Aí disse: “- O que foi meu filho?” “-João é capaz de se matar mais Ulisses !” “- Por que meu filho?” Eu vim na carreira. Quando eu cheguei tava todos dois, cada um com a peixeira na mão pra querer brigar. Aí eu fui e atravessei na frente, peguei a faca de um e do outro, “- Bora, senta, senta todos dois aí. Por causa de negócio disso assim, assim, assim. Nenhum dos dois tem culpa.” Sabe quem foi o culpado? Ele disse: “- Bora na casa dele.” “- Venha aqui fulano: Venha, não foi você que disse assim, assim, assim.” O senhor tava lá pra responder? Ele pegou, baixou a cabeça, começou a chorar e pediu perdão. Veio e se ajoelhou nos meus pés e pediu perdão, entendeu? Porque ele fez o mal feito e os dois não sabia que tinha sido ele, entendeu? Ele olhou pra minha cara assim, e se abraçaram todos dois comigo e pediram perdão e eu dei a faca deles e voltaram pra casa.

Apois, quer vê? Deus disse: “Faz que eu te ajudarei.” Tô certo ou tô errado? Então pronto, são essas coisas que a gente faz na vida, que ninguém é de ninguém e ninguém é nada na vida.

E vou lhe dizer outra, eu vinha ali numa ponte que tem ali e peguei uma porrada de camarão, lá vai eu daqui pra lá. Quando eu chego lá: a rede grande, tá tudo parado, os pescadores, tudo reclamando. Daí eu gritei: ‘- Ei!, ei!’”. Daí Zé Negão disse: “- O que é seu Maurício?” Eu digo: “- Vou trazer uma rede grande pra pegar um bocado de arraia.” Ai ele disse: “- Venha rapaz, venha”. Aí uns disseram “- Com licença da palavra – pegar porra de nada rapaz.” Aí eles foram, botaram a rede, quando eles puxaram, eu queria que o senhor visse! Seis homi do lado da rede e do outro. Quando as arraia tava perto da rede assim, quase que arrasta tudinho pra dentro d’água. A rede cheinha de arraia de duas cabeças. Arraia de todo tamanho. De quinze quilos, de vinte, trinta e eles puxaram. Encheram um caminhão. Esse Zé Negão pegou uma arraia, tratou e foi e trouxe pra mim, veio trazer aqui na minha casa. Quando eu cheguei da pescaria com as pescadas a mulher disse: “- Você vai comer é arraia que eu já cozinhei o pedaço da arraia pra e gente comer a moqueca”. Eu digo; “Oxente! Zé Negão veio trazer e eu não sabia?” E isso é o que? A experiência e a noção, porque que nem diz a história, faz que eu te ajudarei e é isso que Deus me ajuda, entendeu? Porque ninguém é de ninguém e ninguém é nada na vida.

E vou lhe dizer outra: O mestre veio, como daqui pra li, chegou, bateu revolver e disse: “- Agora você vai morrer.” Aí o braço tremeu e caiu o revolver. Eu digo: “- Não vai pegar não?”. Ele aí olhou pra minha cara assim, aí eu fui e peguei o revolver. Tava com seis balas novinhas dentro. Aí lá vem a polícia. Quando o tenente chegou, ele disse: “- É do senhor esse revolver?” Eu digo: “- É”. Se eu dissesse que era dele eu teria que entregar pra polícia levar né? Ele olhou pra minha cara assim. Ele veio e se ajoelhou nos meus pés e me pediu perdão. Aí chegou e disse: “- Seu Maurício o senhor me perdoe pelo amor de Deus. Se o senhor quiser me matar pode me matar com a minha arma.” Eu digo: “- Não, você não é um passarinho, porque que eu vou lhe matar? Eu sei por que é que você veio fazer isso pensando de ser Euclides. Não é você a primeira pessoa que já veio fazer isso, por que ele é a cópia fiel de mim.” É um ladrão que tem no Dezoito do Forte que rouba como diabo. Ele disse: “- Foi mesmo, ele roubou meu pai. Meu pai recebeu e ele tomou o dinheiro de meu pai. Eu digo: “- Foi mesmo foi?! Quanto?! Eu vou fechar o boteco e vamos lá onde ele tá pra ele lhe entregar o dinheiro do seu pai.” “- Seu Maurício!” Eu digo: “- É”. Aí eu fui, arriei a porta e fui, peguemo um táxi e fomos pra lá pro Dezoito. Quando eu cheguei lá, ele tava. Quando ele me viu aí eu disse: “- Não vai correr não?! Cadê o dinheiro que você roubou do velho?” Ele

olhou pra minha cara assim, “- Ou vai dar ou vai morre aí agora.” Ele aí olhou pra minha cara e disse: “- Eu não.” Desabotoei o revolver e pulei pra cima dele. Com licença da palavra moço, ele molhou as calças todinha, entendeu? Aí olhou pra minha cara, e chegou no pé de coqueiro, e tava lá a panela com o dinheiro enterrado. Aí peguei o dinheiro, chamei a polícia, a polícia levou ele preso, levou pra penitenciária. Essas são minhas estórias.”

APÊNDICE IX

Depoente 9: Senhor com 67 anos (Taxista, trabalhou na fábrica de tecidos Confiança durante 29 anos). Durante todo esse tempo residiu no bairro Industrial.

Data da realização da entrevista: 29/01/2013.

“Eu trabalhei vinte e nove anos na fábrica. Meu serviço lá era... Eu comecei com idade de quinze anos. Comecei como pião, depois passei a lubrificador, depois tomei conta de uma equipe, depois passei a tomar conta, assim, quase da metade da fábrica sobre minha responsabilidade, até no prazo de 29 anos. Comendo muita lã, uma poluição que você olhava assim e só via aqueles granitozinhos na sua frente. Os filtros não dava condições não. A poluição, uma temperatura, um grau de temperatura que lá dava em média de trinta e oito, quarenta grau. Muito ruído, terrível, terrível mesmo. O calor era de quarentas graus.

Chegava o algodão, tirado da roça, chegava. Então aqui tinha uma máquina que chamava de escaroçador. Ele tirava o caroço prum lado – que servia para ração prum gado – e o outro lado era a lã. Aquela lã, passava ali uma máquina, tipo de uma manta e daquela manta passava ali outra máquina e aí prosseguia, várias máquinas. Chegava no final e fazia umas linhas numa panela que chamava tubo. Aí ia pra outro setor de trabalho que juntava aquelas linhas todinhas num carretel, e dali passava por um setor chamado “engomadeira”, pra engomar aquela linha toda, aí essa engomadeira trabalhava com uns produtos de goma, e essa goma soltava muito. Passava no fio e o restante ia tudo pra maré. Aí depois que passava nesse fio, ia pra umas máquinas que chamavam “tecelagem”, aí era aonde ia fazer o plano, fazia tecido. Aí depois aquele plano pronto, passava por uma expressão, uma máquina chamada, uma televisão, que era pra ver se a qualidade do pano estava de primeira linha, segunda, e depois dali ia pra outro setor chamado tinturaria. Ali era onde o pano era tinturado: vermelho, azul, preto, tinha muitos produtos químicos, estampava, e depois que passava naquele produto todo, o restante, aquela água, a bagaçada ia toda para o mar, os restos de resíduos ia todo pra o mar, todo o lixo da fábrica. O caroço de algodão separava pra vender que era a ração para o gado. E esses produtos químicos da tinturaria caía no mar, quando a gente pensava que não, o mar tava vermelho, azul, tava verde, tava preto. Aí o que aconteceu? Os peixes sumiu, hoje não tem peixe, não tem peixe de jeito nenhum, por causa da poluição, como daqui e como de outros lugares mais na frente no Socorro, que tem

muitas indústrias lá. Os produtos também caem na maré, mata. Não sei se você chegou a ver que na televisão, passou um tempo desse aí, os caranguejos tudo morrendo? Aquilo ali era tudo morrendo, tudo veneno das indústrias.

Pra o rio? Vai mais coisas. Olhe, hoje o bairro Industrial que fica próximo ao rio Sergipe, ele cresceu. Então tem um canal que pega assim, no bairro Industrial ele pega mais ou menos quase um quilômetro de canal, e esse bairro todinho é jogado no canal, todo o resto de fossa de tudo, vai pra esse canal. Vai jogar aonde? Vai cair tudo na maré. O que é que acontece? E#ssa área ficou poluída, não tem um peixe.

Todo mundo, não tem saneamento básico, não tem, aí pronto. O povo faz o serviço de construção, sai colocando entulho aí dentro do rio: foi aquilo que você assistiu e tirou as fotos e viu aquela bagaçada toda. Aquilo ali não é do mar, aquilo ali é o povo que coloca ali dentro, é o povo que coloca ali dentro.

Antes era uma beleza. A gente tomava banho, jogava bola, pescava, tinha peixe, tinha camarão, tinha tudo. Hoje, só aparece um sirizinho quando a maré tá seca. E tem um tempo que o siri vem aqui. Mas eu não como um siri daqui de jeito nenhum! Eu também não entro nessa água, ela é poluída mesmo.

Antes eu jogava bola na praia. A praia era uma praia limpa, uma areia bonita, e quando ela secava a gente jogava de bola. Também não tinha tanta violência, como tem de uns tempos pra cá. Houve um tempo que aqui tinha muito barulho. Hoje graças a Deus melhorou, mas existia muito barulho.

O barulho vinha do som de carros, era disputa. Graças a Deus, quando o pessoal começaram a procurar a imprensa, procurar a polícia, a polícia militar, eu sei que por intermédio de um e de outro, chegou um final que hoje graças a Deus melhorou noventa e nove por cento.

Hoje tá bem melhor do que antigamente, porque antigamente isso aqui era atrasado, não existia a Orlinha, hoje existe a orla, hoje existe essa ponte que deu outra vida pra todo mundo. Quem era a Barra dos Coqueiros? Ninguém queria nem chegar perto, ninguém ia na Barra dos Coqueiros. Eu mesmo não ia porque tinha medo de passar de canoa. Hoje, é mais fácil você comprar uma barra de ouro do que comprar um pedaço de terra na Barra dos Coqueiros. Hoje tá, como é o nome? Queira ou não queira, isso não interessa nem um político nem outro, mas graças ao governador João Alves, foi quem levantou. Melhorou e muito. Quer dizer, ele desempregou meia dúzia de gente, mas empregou milhares, porque antigamente existia uma balsa, duas balsas. Nessas

duas balsas trabalhavam seis pessoas em um horário, seis pessoas em outro, transportando os carros, e hoje não. Hoje tem a Barra, hoje é uma cidade, evoluiu muito, entendeu? Hoje tem ônibus pra lá e pra cá, táxi lotação, táxi bandeira, entendeu? A gente passa de um lado pra outro dentro de um minuto, e antigamente passava duas, três horas de relógio na rua da Frente esperando a balsa pra passar pro outro lado, uma fila enorme, e hoje a coisa mudou. Sergipe tem outra cara.

As caldeiras, elas funcionava a lenha, e ali vinha de outros lugares, vinha de canoa. As canoas traziam de outros lugares. Como Socorro mesmo, Socorro não existia. A cidade de Socorro, Marcos Freire, Taiçoca, Marcos Freire III, aquilo tudo era matagal, quer dizer que eles tiravam as lenhas e traziam de canoa. Aí onde hoje é o bar “Canoa”, aquilo ali era um depósito de lenha. Chegava as lenhas era tipo metro, fazia aqueles metro de lenha, aí depois dali, para levar pra dentro da fábrica, tinha uma linha, um carrinho como se fosse bonde, pegava a lenha e enchia aquele carro e saía empurrando em cima de dois trilhos, que nem uns trilhos de metrô, pra dentro da fábrica. A caldeira funcionava com isso.

Em cima tinha o chaminel do qual saia uma fumaça preta, uma poluição, da lenha. Queimava a lenha e soltava uma fumaça preta. Essa fumaça preta ia atingir até o bairro Santo Antônio. Até o bairro Santo Antônio a poluição caía, aqueles pozinho preto. Eu tenho uma casa ali próximo ao campo do Confiança, que em cima do camiseiro você passasse a mão assim, você parece que estava pegando carvão, no camiseiro, não era não? Era! Você passava a mão no camiseiro você melava sua mão no carvão, aquele pó, a poluição que entrava na casa do povo, e ia até o Bairro Santo Antônio. Eu tenho uma colega que abandonou a casa dela na rua São João e foi morar na Atalaia Nova, porque o filho não estava se dando, por causa da poluição da fábrica que estava atingindo lá na rua de São João, o bairro Santo Antônio todinho.”

APÊNDICE X

Depoente 10: Senhora com 62 anos. Mora no bairro Industrial há 34 anos.

Data da realização da entrevista: 27/01/2013.

“Bom, eu moro aqui no bairro Industrial há trinta e quatro anos, sendo que desses trinta e quatro anos, dez aqui na Avenida General Calazans, conhecida com a “prainha do bairro Industrial”, onde se localiza a prainha do bairro Industrial.

Há dez anos o cenário realmente era um pouco diferente do que é hoje. Quando nós chegamos aqui tínhamos pouco, tinha muito sossego, não tinham tantos veículos que passavam por aqui como passam hoje. É... com relação a questão da praia, ela já era basicamente o que é hoje, porque quando eu cheguei aqui já tinha as fábricas – que são bastante antigas aqui no bairro – e, as fábricas contribuíram muito para a degradação desse rio, dessa praia. É, certo dia eu estava aqui nessa janela e me deparei com um cenário onde eu vi o rio ficar vermelho, e eu não sabia o que estava acontecendo, aí de repente, uma informação ou outra, disseram que seria um resíduo da fábrica, que era uns corantes utilizados lá para as tecelagens, sei lá, e estava sendo despejado. Era meio dia, e ele saía muito quente. Eu saí daqui, cheguei perto do local onde tinha o despejo desse resíduo e a gente percebia assim a água, aquela temperatura fora do normal, a água do rio. E além dessa degradação aqui dessa parte, dessa contaminação que a fábrica jogava, tem também a contaminação dos esgotos do bairro Industrial que segue por um canal, e também tem seu destino para dentro do rio. E tudo isso contribuiu para modificar o cenário, a paisagem do que seria isso aqui há vinte anos. Além da população que também não ajuda, também contribui com seus esgotos, com lixo, joga pneus, joga garrafa, limpa sua própria porta e joga dentro do rio Sergipe. Eu vejo isso aqui, limpando a porta e jogando dentro do rio, quer dizer até animais mortos a gente já viu aí dentro do rio: o cachorro morreu? Não tem onde jogar? Joga aí dentro da prainha. Então são cenas como essa que a gente se depara e que a gente fica muito triste.

A poluição sonora, essa realmente foi uma tragédia na nossa vida; não só minha como de todos os moradores aqui do residencial. Em 2010, antes disso a gente tinha um sossego. Em 2010 foi quando tudo começou: carros chegando, gente vindo de todas as partes da cidade, e começou realmente a perturbar o sossego da comunidade. Então assim, que ação se tomou? Praticamente nenhuma, porque as pessoas tem muito medo de reclamar, de procurar seus direitos; mas assim, apenas uma moradora da

comunidade, depois de tanto sofrimento que a gente já tinha passado, conseguiu chegar ao ministério público e denunciar o que estava acontecendo, mas depois ela retirou esta ação porque ela ficou com medo de que outras pessoas soubessem que tinha sido ela, quando realmente se começasse o processo, ela ficou preocupada que descobrissem que foi ela a autora desta ação, e ela retirou esta ação. Depois do início dessa ação dela, depois da retirada, acalmou um pouco. Mas depois, em 2011, começou tudo novamente e bem pior do que era antes. A Avenida General Calazans estava tomada de veículos, vários carros de som disputando par ver quem tinha o melhor som. Aí tinha a parte do vão da ponte, uma grande aglomeração, pessoas de tudo que era canto da cidade, das várias personalidades e a gente ficou sabendo que realmente a coisa era muito séria. Lá de baixo, de prostituição, de uso de drogas. Isso começava na sexta feira e sempre começava as oito, nove horas e só ia terminar no dia seguinte, lá pelas cinco, seis horas da manhã. Realmente todo esse período que a gente passou nessa vivência foi, é como se você tivesse em uma guerra, sem sossego, sem contar ainda os tiros e as mortes que aconteceram nesse local e que a gente também se tornava refém de toda essa situação; porque os veículos eram estacionados tomando todo o acesso às garagens de nossas residências e se nós precisássemos sair pra resolver qualquer coisa, ficávamos impedidos de tirar os veículos da garagem pra sair. E isso toda semana. Sem falar no uso inadequado da via pública, das calçadas como sanitário, porque não era uma festa, era um improviso, não tinha nada. As autoridades não tinham ciência disso aqui pra organizar, não era um evento realmente legal, era uma baderna. Não tinha autorização da prefeitura e a gente sofreu muito com isso aqui.

Isso durou na faixa de um ano, assim realmente sem a gente conseguir ter sossego, foi na faixa de um ano, até que chegou um momento que tinha que se tomar uma decisão, que não tinha mais, estava incontrolável, estava insustentável conviver nesse ambiente. A gente estava perdendo nosso espaço para os marginais. Não podia dormir. Chegou sexta, sábado e domingo eram três noites que você ficava sem conseguir dormir e ter que trabalhar. Iniciar uma semana de trabalho sem condição realmente de trabalhar, porque três noites sem dormir não é fácil pra ninguém.

Aqui tinha também poluição do ar e era muita coisa, a poluição do ar da fábrica Confiança. Esse céu aqui do bairro Industrial ficava simplesmente cinza. Não era tanto o cheiro, mas o que caía na residência da gente, a fuligem, que caía na residência. Eu morava lá perto do Alcebíades, e vendi aquela casa porque eu não aguentava mais a

poluição; tomava o bairro Industrial todo. Aí, certa vez, quando eu fui fazer meu trabalho de conclusão de curso; eu fui na Adema entrevistar o chefe, justamente dessa parte ambiental e, quando eu fiz uma pergunta sobre a fábrica Confiança, aí ele saiu pela tangente: Que infelizmente, ali era um problema muito sério, e que não conseguia se resolver”.

**APÊNDICE XI: ROTEIRO PRLIMINAR DE ENTREVISTA (Depoimento:
História Oral Temática)**

Dados Pessoais

Nome: (Iniciais ou fictícios)

Data de nascimento:

Idade:

Naturalidade:

Tempo que vive no bairro:

Profissão:

Data do Depoimento:

Local:

1º) O Sr. (a) vem sempre a este local?

2º) O que o Sr. (a) acha que deve mudar neste local?

3º) Como era antes, o que as pessoas vinham fazer aqui?

4º) A situação atual do seu bairro mudou muita coisa na sua vida no que diz respeito ao que o Sr.(a) fazia antes e o que faz agora?:

5º) Como o Sr. (a) se sente diante dessas mudanças? (Caso a resposta anterior seja positiva)

6º) O Sr (a) acha que a prefeitura dá a atenção necessária à limpeza e a preservação do seu bairro?

7º) Existe associação de moradores no seu bairro?

8º) O que a associação de moradores faz pelo bairro? Ela se preocupa com a limpeza e preservação dessa área? (Caso a resposta anterior seja positiva)

9º) O que o Sr.(a) gostaria que fosse feito pelo seu bairro no que diz respeito a preservação do meio ambiente?

APÊNDICE XII: ROTEIRO PRLIMINAR DE OBSERVAÇÃO DO CAMPO

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA ÁREA

Local:

Data e hora da observação:

Tempo de observação:

2. ASPECTOS A SEREM OBSERVADOS:

2.1. PLANEJAMENTO

- Descrição pormenorizada do local:
- Foco da observação: (A degradação ambiental: poluição, acúmulo de lixo, destruição da fauna e da flora, etc.)
- Intercorrências:

2.2. RELAÇÃO COTIDIANO DOS SUJEITOS X DEGRADAÇÃO AMBIENTAL

- Aspectos sobre o cotidiano da área observada
- Como ocorre a relação homem natureza nessa área? Comente
- Como as pessoas lidam com a degradação ambiental da área?

2.3. RELAÇÕES SUJEITO X SUJEITO

- Existe clima de cooperação entre os moradores da área pesquisada?
- Os trabalhos comunitários são facilmente desenvolvidos? Justifique
- Como podem ser avaliadas as relações interpessoais existentes entre os habitantes da área? Comente.

2.4. INFRAESTRUTURA

- Existe saneamento básico na área pesquisada?
- Há coleta de lixo regular?
- Existe associação de moradores? Se há: qual o seu papel?

- As pessoas se sentem motivadas a preservar o meio ambiente?
Comente

2.5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Quais os pontos considerados positivos na observação da área pesquisada?
- Quais os pontos considerados negativos na observação da área pesquisada?
- Que tipos de intervenções apresentam-se necessárias na área pesquisada?